



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA**

MARIA MADALENA LIMA SILVA

**CONSTRUINDO CAMINHOS: EMPODERAMENTO, EDUCAÇÃO  
E RESILIÊNCIA NA JORNADA DE UMA TIA  
AFRODESCENDENTE NA FAMÍLIA EXTENSA**

Salvador-Bahia  
2024

MARIA MADALENA LIMA SILVA

**CONSTRUINDO CAMINHOS: EMPODERAMENTO, EDUCAÇÃO  
E RESILIÊNCIA NA JORNADA DE UMA TIA  
AFRODESCENDENTE EM UMA FAMÍLIA EXTENSA**

Tese de Doutorado apresentada à Universidade Católica do Salvador - UCSal, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elaine Pedreira Rabinovich  
Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cinthia Barreto Santos Souza

Salvador-Bahia  
2024

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha Catalográfica. UCSal. Biblioteca Dom Geraldo Majella Agnelo

S586 Silva, Maria Madalena Lima

Construindo caminhos: empoderamento, educação e resiliência na jornada de uma tia afrodescendente em uma família extensa / Maria Madalena Lima Silva . – Salvador, 2024.  
116f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

Coorientadora: Profa. Dra. Cinthia Barreto Santos Souza.

1.Tia 2. Empoderamento 3. Resiliência 4. Família Afrodescendente  
5. Educação 6. Autoetnografia I. Rabinovich, Elaine Pedreira – Orientadora  
II. Souza, Cinthia Barreto Santos – Coorientadora III. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação IV. Título.

CDU 316.356.2:929

## TERMO DE APROVAÇÃO

**MARIA MADALENA LIMA SILVA**

**“CONSTRUINDO CAMINHOS: EMPODERAMENTO, EDUCAÇÃO E RESILIÊNCIA NA JORNADA DE UMA TIA AFRODESCENDENTE NA FAMÍLIA EXTENSA”**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

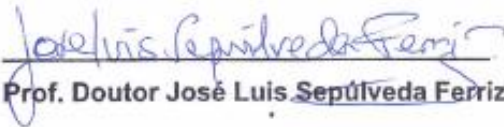
Salvador, 25 de março de 2024.

Banca Examinadora:



Prof.<sup>a</sup> Doutora Elaine Pedreira Rabinovich (Orientadora – UCSAL)

Prof.<sup>a</sup> Doutora Cinthia Barreto Santos Souza (Coorientadora - UNIFACEMP)



Prof. Doutor José Luis Sepúlveda Ferriz (UCSAL)

gov.br

Documento assinado digitalmente  
CINTHIA BARRETO SANTOS SOUZA  
Data: 16/05/2024 19:44:42-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

gov.br

Documento assinado digitalmente  
SUMAIA MIDLEJ PIMENTEL SA  
Data: 20/05/2024 08:55:23-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Doutora Sumaia Midlej Pimentel Sá (UCSAL)

gov.br

Documento assinado digitalmente  
ANTONIO JOSE DE SOUZA  
Data: 13/05/2024 15:17:43-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Doutor Antonio José de Souza (SMED-ITIÚBA)

gov.br

Documento assinado digitalmente  
MARIA ANGELICA VITORIANO DA SILVA  
Data: 16/05/2024 22:02:14-0300  
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Angélica Vitoriano da Silva (CEFAC)

## ***Meia lágrima***

*Não,  
a água não me escorre  
entre os dedos,  
tenho as mãos em concha  
e no côncavo de minhas palmas  
meia gota me basta.*

*Das lágrimas em meus olhos secos,  
basta o meio tom do soluço  
para dizer o pranto inteiro.*

*Sei ainda ver com um só olho,  
enquanto o outro,  
o cisco cerceia  
e da visão que me resta  
vazo o invisível  
e vejo as inesquecíveis sombras  
dos que já se foram.*

*Da língua cortada,  
digo tudo,  
amasso o silêncio  
e no farfalhar do meio som  
solto o grito do grito do grito  
e encontro a fala anterior,  
aquela que emudecida,  
conservou a voz e os sentidos  
nos labirintos da lembrança.*

(Conceição Evaristo, 2008)

*Em memória de minha querida tia Maria.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pelo cuidado que ele tem por mim e pela minha família, que, ao criar essa sua filha, deixou em seu coração a importância do amor.

Agradeço a todas as mulheres negras citadas neste trabalho: minha bisavó, minha avó, minha mãe, minhas tias, minhas irmãs, minhas primas, minhas sobrinhas, enfim, a todas as mulheres que passaram pela minha vida. Negras ou não, elas contribuíram para a minha formação, principalmente as minhas professoras da Educação Básica, da graduação, dos inúmeros cursos que eu fiz, para me aperfeiçoar como professora, das amizades que fiz durante esse percurso.

Agradeço às professoras e professores que contribuíram nos meus curso de pós-graduação, desde as várias especializações que eu fiz, bem como no mestrado e no doutorado. Aos colegas que me permitiram amá-los e ser amada. Aos professores que participaram da minha qualificação, que fizeram uma avaliação sincera, possibilitando-me trilhar o caminho que me levou à conclusão desta tese.

Agradeço também às escritoras e aos escritores que tratam em seus livros a temática do negro e da negra no Brasil. Sem elas e eles minha história estaria incompleta, pois, ao ler os livros deles, foi gratificante conhecer e me reconhecer na minha ancestralidade, além de reconhecero quanto nós, afrodescendentes, somos importantes na formação da sociedade brasileira. Entre esses pensadores, quero agradecer, especialmente, à escritora Conceição Evaristo e ao escritor Itamar Viana, pela maneira como abordam a nossa identidade e cultura.

Os agradecimentos, também, para o meu marido, meus irmãos, meus colegas, minha orientadora e, em especial, para minha amiga Wanderlene, por estar sempre presente, desde meu ingresso no mestrado e cujo apoio dela recebido me deu muita força para superar as dificuldades que enfrentei, como no período da pandemia da Covid-19. Nos momentos em que eu pensei em desistir, ela e minha orientadora e professora Elaine Rabinovich sempre me aconselhavam a esperar, pois as dificuldades iriam passar e eu conseguiria alcançar o meu propósito. Também não posso deixar de fora os amigos Reinaldo, que, com força e amizade, estava sempre torcendo pelo meu sucesso, e Angélica, pelo apoio tão importante durante a minha pesquisa.

A todas e a todos, meus sinceros agradecimentos!

## RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa consistiu em saber como eu, na condição de tia de uma família afrodescendente coletivista, influenciei o desenvolvimento educacional de meus sobrinhos e demais familiares. Além disso, busquei compreender a ancestralidade familiar, explorando os valores e a cultura de uma família afrodescendente baiana, cuja origem foi a bisavó, uma ex-escravizada. O estudo também teve como propósito descrever os diversos territórios ou espaços ocupados pelos integrantes dessa família, fornecendo o contexto e explorando suas interrelações simbólicas e afetivas. Ao mesmo tempo, caracterizei os papéis desempenhados pelas tias na família, objeto de estudo. Nesta pesquisa adotei a abordagem da autoetnografia (ELLIS, 2004), partindo do meu relato memorialístico e ampliando para narrativas fornecidas por duas tias e uma prima. Explorei os espaços e o tempo vividos em estreita conexão com a cultura, economia, hábitos, costumes e o panorama político da época. Para contextualizar essas narrativas, apresentei um panorama da cidade de origem da família da ex-escrava e sua posterior mudança para a cidade de Salvador-Bahia. Essa contextualização é crucial, pois responde, ainda que parcialmente, à indagação: "De onde eu vim?". Assim, compartilho tudo o que a memória me permitiu acessar da minha infância. Em seguida, obedecendo à linha temporal, narro minha adolescência e, continuando esse fluxo, exponho minha vida adulta e o processo de envelhecimento no qual me encontro hoje, aos sessenta e seis anos de idade. A abordagem teórica principal aqui adotada baseou-se nos estudos sociológicos de gênero, raça e etnia de escritoras e escritores afrodescendentes, bem como na perspectiva freireana sobre educação no sentido de promotora da liberdade. A metodologia do estudo compreendeu-se de uma abordagem qualitativa narrativa, evidenciando a história oral e de cunho autoetnográfico. Nas análises, busquei dialogar com diversas/os autoras e autoras os quais permitiram inferir que os membros das famílias se envolvem pessoalmente, vivenciando a realização do projeto de vida dos seus filhos e sobrinhos, atualizando e reatualizando as práticas ancestrais de origem africana. Também foi possível o entendimento de que a inserção produtiva do conjunto dos membros familiares não pode ser separada dos papéis sociais que esses membros desempenham, ou seja, do trabalho da tia, centralizadora nessa família. Desse modo, essa tia somente pode se constituir nessa relação, enquanto ser dotado de poder econômico e psicossocial.

**Palavras-chave:** Tia; Empoderamento; Resiliência; Educação; Família afrodescendente; Autoetnografia.

## ABSTRACT

The main objective of this research was to find out how I, as an aunt in a collectivist Afro-descendant family, influenced the educational development of my nephews and other family members. Furthermore, I sought to understand family ancestry, exploring the values and culture of an Afro-descendant Bahian family, whose origin was the great-grandmother, a former slave. The study also aimed to describe the different territories or spaces occupied by the members of this family, providing the context and exploring their symbolic and affective interrelations. At the same time, I characterized the roles played by aunts in the family, the object of study. In this research I adopted the approach of autoethnography (ELLIS, 2004), starting from my memoiristic report and expanding it to narratives provided by two aunts and a cousin. I explored the spaces and time lived in close connection with the culture, economy, habits, customs and political scenario of the time. To contextualize these narratives, I presented an overview of the city of origin of the former slave's family and their subsequent move to the city of Salvador-Bahia. This contextualization is crucial, as it answers, even partially, the question: "Where did I come from?". Thus, I share everything that memory allowed me to access from my childhood. Then, following the timeline, I narrate my adolescence and, continuing this flow, I expose my adult life and the aging process in which I find myself today, at sixty-six years of age. The main theoretical approach adopted here was based on sociological studies of gender, race and ethnicity of writers of African descent, as well as the Freirean perspective on education in the sense of promoting freedom. The study methodology consisted of a qualitative narrative approach, highlighting oral history and an autoethnographic nature. In the analyses, I sought to dialogue with several authors who allowed us to infer that family members are personally involved, experiencing the realization of the life project of their children and nephews, updating and re-updating ancestral practices of African origin. It was also possible to understand that the productive insertion of all family members cannot be separated from the social roles that these members play, that is, from the work of the aunt, who is central to this family. In this way, this aunt can only constitute herself in this relationship, as long as she is endowed with economic and psychosocial power.

**Keywords:** Aunt; Empowerment; Resilience; Autoethnography; Education; Afrodescendent Family.

## RESUMEN

El objetivo principal de esta investigación fue descubrir cómo yo, como tía de una familia afrodescendiente colectivista, influí en el desarrollo educativo de mis sobrinos y otros familiares. Además, busqué comprender la ascendencia familiar, explorando los valores y la cultura de una familia bahiana afrodescendiente, cuyo origen era la bisabuela, ex esclava. El estudio también tuvo como objetivo describir los diferentes territorios o espacios ocupados por los miembros de esta familia, contextualizando y explorando sus interrelaciones simbólicas y afectivas. Al mismo tiempo, caractericé los roles que desempeñaban las tías en la familia objeto de estudio. En esta investigación adopté el enfoque de la autoetnografía (ELLIS, 2004), partiendo de mi informe de memorias y ampliándolo a narrativas proporcionadas por dos tías y una prima. Exploré los espacios y el tiempo vividos en estrecha conexión con la cultura, economía, hábitos, costumbres y panorama político de la época. Para contextualizar estas narrativas, presenté un panorama de la ciudad de origen de la familia del ex esclavo y su posterior traslado a la ciudad de Salvador-Bahía. Esta contextualización es crucial, ya que responde, aunque sea parcialmente, a la pregunta: "¿De dónde vengo?". Así, comparto todo lo que la memoria me permitió acceder desde mi niñez. Luego, siguiendo la línea de tiempo, narro mi adolescencia y, siguiendo ese flujo, expongo mi vida adulta y el proceso de envejecimiento en el que me encuentro hoy, a mis sesenta y seis años de edad. El principal enfoque teórico adoptado aquí se basó en estudios sociológicos de género, raza y etnia de escritores afrodescendientes, así como en la perspectiva freireana sobre la educación en el sentido de promover la libertad. La metodología del estudio consistió en un enfoque narrativo cualitativo, destacando la historia oral y un carácter autoetnográfico. En los análisis busqué dialogar con varios autores que nos permitieron inferir que los familiares se involucran personalmente, vivenciando la realización del proyecto de vida de sus hijos y sobrinos, actualizando y reactualizando prácticas ancestrales de origen africano. También fue posible comprender que la inserción productiva de todos los miembros de la familia no puede separarse de los roles sociales que desempeñan esos miembros, es decir, del trabajo de la tía, quien es central en esta familia. De esta manera, esta tía sólo puede constituirse en esta relación, siempre y cuando esté dotada de poder económico y psicosocial.

**Palabras clave:** Tía; Empoderamiento; Resiliencia; Autoetnografía; Educación; Afrodescendent Family.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Rua Junqueira Aires-Piedade/Barris, na década de 1811 .....	25
<b>Figura 2:</b> Fachada da Biblioteca Central do Estado da Bahia, década de 2020, nos Barris. ....	26
<b>Figura 3:</b> Cachoeira do Parque São Bartolomeu.....	28
<b>Figura 4:</b> Minha avó materna, dona Vitalina, nos seus 83 anos de idade.....	32
<b>Figura 5</b> Fachada da entrada do Colégio Estadual Clériston Andrade. 2020. ....	38
<b>Figura 6:</b> Minha defesa no Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea na Ucsal, Salvador, 2019 .....	40
<b>Figura 7:</b> Minha mãe à esquerda e seu compadre e comadre à direita .....	48
<b>Figura 8:</b> Enseada dos Cabritos (à direita) com a ponte São João no centro da foto. ....	61
<b>Figura 9:</b> Mapa da localização dos bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador-BA .....	62
<b>Figura 10:</b> Final de linha dos ônibus do alto da Terezinha. 2023.....	65
<b>Figura 11:</b> Vista da praia de Itacaranha. 2023 .....	66

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AVC	Acidente Vascular Cerebral
BAHIANA	Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública
CECA	Colégio Estadual Clériston Andrade
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CIA	Centro Industrial de Aratu
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFBA	Instituto Federal da Bahia
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
PEA	Projeto de Educação Ambiental
PENAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCSAL	Universidade Católica do Salvador
UFBA	Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
1.1	MOVIMENTO RETRÓGRADO.....	15
<b>2</b>	<b>RELATO DE EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>25</b>
2.1	TRAJETÓRIA DAS REMINISCÊNCIAS: MINHA INFÂNCIA QUE OS TEMPOS NÃO TRAZEM MAIS.....	25
2.2	AS FESTAS FAMILIARES.....	31
2.3	ENTRE SONHOS E DESAFIOS: NAVEGANDO PELOS MARES DA ADOLESCÊNCIA.....	34
2.4	CAMINHOS DA MATURIDADE: NAVEGANDO PELOS DESAFIOS DA VIDA ADULTA.....	36
2.5	ENTRE ALEGRIAS E LÁGRIMAS...SOBRE ENVELHECER E OUTRAS HISTÓRIAS.....	41
2.6	CAMINHOS DE SABER: A JORNADA EDUCATIVA DE UMA FAMÍLI AFRODESCENDENTENA BAHIA.....	45
2.7	ENTRE LAÇOS E NARRATIVAS: UMA AUTOETNOGRAFIA SOBRE O PAPEL CENTRAL DA MÃE E DA MULHER NA FAMÍLIA.....	46
2.8	TIA POR DESTINO: UMA JORNADA AFETIVA E OS VÍNCULOS QUE ME TORNARAM FAMÍLIA.....	49
<b>3</b>	<b>O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>	<b>51</b>
3.1	UMA AUTOETNOGRAFIA DE UMA TIA AFRODESCENDENTE..	51
3.2	MÉTODOS E TÉCNICAS USADAS NESTA AUTOETNOGRAFIA-MEMORIALÍSTICA.....	54
3.3	CIDADE DE CORAÇÃO DE MARIA: O PULSAR DE UMA COMUNIDADE VIBRANTE.....	57
3.4	SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR: ENTRE TRILHOS E CORES, UMA TAPEÇARIA DE HISTÓRIAS.....	59
3.5	O BAIRRO DO ALTO DA TEREZINHA.....	64
<b>4</b>	<b>VOZES NEGRAS FORTALECIDAS: RESILIÊNCIA E EMPODERAMENTO FEMININO.....</b>	<b>67</b>
4.1	MULHERES E EMPODERAMENTO SOB UMA PERSPECTIVA RACIAL.....	67
4.2	DESAFIOS ENFRENTADOS POR MULHERES AFRODESCENDENTES.....	71
4.3	DAS LEALDADES FAMILIARES: VÍNCULOS INDISSOLÚVEIS PELO SANGUE E PARA ALÉM.....	73
4.4	GUARDIÃ DA SABEDORIA: O PAPEL INSPIRADOR E AFETUOSO DA TIA NA SOCIEDADE.....	74
4.5	CAMINHOS DA LIBERDADE: A EDUCAÇÃO EMANCIPADORA	78

	SEGUNDO PAULO FREIRE.....	
<b>5</b>	<b>DO ÁRDUO PROCESSO DA ANÁLISE: O SER ENSIMESMADO.....</b>	<b>80</b>
5.1	O MOVIMENTO.....	85
5.2	SENTINDO O RACISMO NA PELE.....	89
5.3	AS FESTAS FAMILIARES ENTRECORTANDO AS FESTAS DE ORIGEM AFROBRASILEIRA.....	91
5.4	A TIA CUIDADORA.....	92
5.5	FAZENDO DO MEU EXEMPLO UM MODELO DE VIDA.....	95
<b>6</b>	<b>NO BOJO DAS CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS.....</b>	<b>99</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>115</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	
	APÊNDICE A - ROTEIRO TEMÁTICO DA ENTREVISTA NARRATIVA.....	115
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	116

## PARTE I

### 1. INTRODUÇÃO

*“Uma raça de pessoas é como um homem individual; até que use seu próprio talento, se orgulhe de sua própria história, expresse sua própria cultura, afirme sua própria individualidade, ela nunca poderá se realizar sozinha.”*

(Malcolm X)

#### 1.1 MOVIMENTO RETRÓGRADO

Na astrologia, um movimento se diz retrógrado quando qualquer área regida por um determinado planeta pode sofrer atrasos e confusões. Durante esse período, é crucial adotar precauções extras ao lidar com algumas questões da vida diária, e nesse sentido é que me vi em um percurso de lidar com o processo criativo da escrita acadêmica. Não atentei ao que me diziam “os astros”, atrolei a oralidade com a escrita, fiz confusão, até escutar o que me disseram os professores e professoras da Banca na Qualificação, como também a minha própria orientadora, que falou: -“Madalena, você tem que encontrar tua tese...”. E eu que estava com ela (a tese) o tempo todo ao meu lado. Parafraseando SILVA (2021, p.20), foi “no exercício da reflexividade” que eu, enquanto pesquisadora, fui convocada à responsabilidade ética, condição imprescindível no fazer da pesquisa, avaliando assim “a contribuição e abrangência do que se propõe bem como os seus resultados”. Assim eu me propunha a escrever autoetnograficamente sobre meu papel de tia na minha família, marcada pelo poder matriarcal, perpassada pelo ser étnico-racial com todas as suas mazelas, onde ser mulher negra empoderada era (e ainda é) um ultraje dentro da sociedade machista e patriarcal.

Nesse sentido, a autoetnografia é uma abordagem de pesquisa que combina elementos de etnografia e reflexão pessoal, com a finalidade de explorar experiências culturais segundo a perspectiva do próprio pesquisador. Ao contrário da etnografia tradicional, na qual o investigador observa e estuda os outros, na autoetnografia o investigador mergulha na sua própria experiência cultural e utiliza as suas próprias experiências como ponto de partida para compreender fenômenos culturais mais amplos (WALL, 2008; JONES *et al.*, 2013).

Em essência, a abordagem autoetnográfica envolve uma conexão profunda entre o pesquisador e o objeto de estudo, permitindo uma compreensão mais íntima e subjetiva da dinâmica cultural. Os autoetnógrafos, muitas vezes, combinam observações detalhadas com

narrativas pessoais, explorando como as suas próprias identidades, contextos sociais e experiências influenciam a sua interpretação da cultura. (WALL, 2008)

Um dos elementos-chave dessa abordagem teórico-metodológica é a autorreflexão. Os pesquisadores não apenas descrevem suas experiências, mas também refletem sobre suas próprias reações, preconceitos e mudanças ao longo do processo de pesquisa (CHANG, 2008). Geralmente, essa autorreflexão leva a uma compreensão mais profunda das complexidades culturais e pode contribuir para a construção de novos conhecimentos (CHANG, 2008).

Foi assim que esse método-teoria tornou-se especialmente relevante em contextos nos quais a subjetividade e a posição do pesquisador são reconhecidas como elementos intrínsecos da pesquisa. Ao utilizá-lo, os investigadores podem desafiar a objetividade tradicional da investigação acadêmica e defender uma compreensão mais completa e contextualizada das culturas que estudam. (CHANG, 2008)

Apesar dos seus benefícios, a autoetnografia também enfrenta críticas e desafios. Alguns argumentam que a subjetividade do pesquisador pode distorcer os resultados e questionar a validade científica da pesquisa. No entanto, outros estudiosos sustentam que a subjetividade é inerente a qualquer investigação e que a transparência e a autorreflexão podem mitigar esses potenciais preconceitos. (ELLIS, 2004; CHANG, 2008)

Em resumo, trata-se de uma valiosa ferramenta de pesquisa que permite aos estudiosos explorar e compreender as complexidades culturais, a partir de uma perspectiva pessoal, ao fundir a observação objetiva com a reflexão subjetiva, oferecendo uma visão única e enriquecedora das experiências culturais (CHANG, 2008).

Dito isso, esta tese visa resgatar a minha vivência como tia e como professora em uma família extensa afrodescendente. Configura-se, portanto, um relato autoetnográfico (ELLIS, 2004) e memorialístico (NORA, 1993; SILVA, 2016), em que irei delineando os acontecimentos que estiveram circunscritos na minha vida, de mulher negra descendente de uma escrava no interior baiano e em sua transferência para Salvador, a capital do estado da Bahia.

Durante este relato, minha família foi sendo comunicada da intenção desta minha tese e, como toda família, mas principalmente de uma família coletivista (RABINOVICH; BASTOS, 2007), em que a vida de um de seus membros imediatamente afeta a dos demais, muitos parentes foram se acercando e contando suas histórias de um modo livre, a partir de algumas perguntas-chave dirigidas por mim. Eu própria me aproximei de duas tias idosas (uma das quais, muito tristemente, veio a falecer aos 73 anos de idade, vítima de um AVC,

neste ano de 2023), para obter as narrativas delas sobre os acontecimentos envolvendo as suas vidas, no que se refere à minha.

Trata-se, pois, de um trabalho de evocação memorialística, ancorado em seus lugares e situações, em que a ênfase estará nos elementos da minha experiência que funcionaram como uma alavanca para a resiliência e em como a minha trajetória serviu de exemplo é êmulo para membros familiares. De acordo com o argumento de Philippe Lejeune, em *O Pacto Autobiográfico*, os textos que exploram memórias estão intrinsecamente relacionados à construção da identidade, evidenciando a complexidade das interações entre a experiência vivida e sua representação textual (LEJEUNE, 1975).

Nessa perspectiva, desde já deve-se apontar a ausência de fontes para a história de famílias negras, em geral apagadas de registros históricos, mesmo os familiares. O que se tem é a fala do outro, e na maioria das vezes esse outro é o branco eurodescendente, como bem apontou Fanon (2008), devido aos anos de silenciamento da voz do negro na sociedade.

Contudo, não é tão fácil escrever sobre memórias, pois há sempre uma lacuna e o exercício do inconsciente que não nos deixam lembrar disso ou daquilo, principalmente dos segredos de família. Além do mais, como fazer o resgate de um passado vivido, um presente em curso e um futuro almejado? E como transferir isso tudo em um trabalho de pesquisa buscando atender aos moldes acadêmicos? Como escrever textos que tragam uma abordagem autoetnográfica traçada na história de vida, mas sem perder a essência de uma escrita não colonizada, como exigem os magistrados da língua portuguesa?

Foi a partir dessas questões supracitadas que eu me propus a refletir quem eu sou e de onde veio a minha ancestralidade – o que para muitos, hoje, parece obsoleto. Decidi narrar memórias de vivências minhas, do nós-família e de Outros e, principalmente, do Eu-tia. Para tanto, foi preciso buscar vivências e experiências da minha vida, recordar tantas outras as quais muitas vezes ouvi contadas pelos meus antepassados ainda na minha infância, bem como regressar ao meu lugar de origem – a cidade de Coração de Maria –, para rever meus parentes, dialogar com eles, buscando desatar os nós que, porventura, foram atados no meu período histórico de vida. Valsiner (2012) desenvolveu a ideia de que “memória é sempre para o futuro”, pois a cada momento de nossa vida precisamos retomar a memória de experiências passadas, visando alimentar as nossas próximas experiências, portanto, o passado é sempre influenciado pelas memórias do presente. Por mais clara que pareça uma lembrança que temos de fatos passados, não é o mesmo de quando as experienciamos naquele momento vivido, por exemplo, na infância, pois não somos os mesmos, e nossas crenças, valores, ideias sofreram alterações significativas ao longo do curso de vida (BOSI, 2003).

Desse modo, a memória, que tanto pode ser individual quanto coletiva, é “um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano” (BOSI, 2003, p.15), e tem um papel significante nas histórias familiares, pois está sempre a reatualizar sentimentos e pensamentos. “Com isso, é pertinente que se diga algo sobre os estudos que têm se debruçado em entender o papel da memória, na vida dos seres humanos”. (REIS, 2015, p.16).

A história não pode se apoiar apenas nos documentos oficiais, pois estes não dão conta “das paixões individuais”, que pululam em todos os cantos onde há humanidade (BOSI, 2003, p.15). “A memória age como um mediador entre os diversos testemunhos, não só entre o passado e presente, mas também, o futuro”. (REIS, 2015, p.16; REIS, 2020, p.135).

Daí emerge a seguinte indagação: A partir de testemunhos vivos, é possível reconstituir comportamentos e sentimentos de um período da vida? Na visão de Halbwachs (1990), sim, e o autor nos convida a pensar em memórias coletiva e individual como dois pontos que se entremeiam e se conjecturam a todo instante. Em síntese, não vivemos sós com as lembranças.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos (HALBWACHS, 1990, p.17).

Pela memória podemos reconstituir nosso passado, revivemos experiências e projetamos outras possíveis ou não. Assim, “não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 1990, p.17).

Por memória coletiva, Halbwachs (1990) explica que se trata do momento em que trazemos à tona fatos e experiências que foram importantes para nosso grupo e para nós, quando nos lembramos, e isso se dá por sermos seres sociais que construímos e reconstruímos nossa realidade juntamente com os outros. Desse modo, memória individual e memória coletiva são indissociáveis, pois,

[...] em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocados num conjunto, que não é mais uma consciência pessoal (HALBWACHS, 1990, p. 36).

Pollak (1989, p. 9) expressa a mesma opinião, a de que a memória se trata de uma “operação coletiva dos acontecimentos do passado que se quer salvaguardar”, que visa reforçar sentimentos de pertencimento. Para Bosi (1994, p. 37), a memória pessoal é também memória social, familiar e grupal”.

Em conformidade com Reis (2015/2020), a memória tem um caráter de temporalidade, mas também de espacialidade. Ao lembrarmos, trazemos as imagens ancoradas de um lugar, assim também como quando estamos em um lugar e podemos evocar lembranças, somente possíveis graças a esse encontro: nós e o lugar. Então, não apenas a coletividade detém e reforça memórias, mas o espaço por nós habitado também. Assim, Halbwachs (1990, p. 98/99) nos exorta a pensar que

(...) não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossa impressão se sucede uma à outra, nada permanece em seu espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir-que devemos voltar nossa atenção, é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (HALBWACHS, 1990, p. 98/99).

Quando me veio a busca pelas minhas origens através da minha indagação: “quem sou eu?”, acessei a obra *Quem sou eu? Um tema para a psicologia* (2017, p. 37), de Miguel Mahfoud. Esse autor sugere que a pergunta “Quem sou eu?” é importante e urgente para que seja possível conhecer tipos de relações vivas que nos tragam respostas quanto a algumas características observadas em nós e em nossas famílias, sejam elas culturais, antigas ou atuais, a exemplo dos traços físicos e comportamentais, e que podem aparecer nas diversas gerações.

Para Mahfoud (2017), somos seres relacionais e nisso está a possibilidade e o paradoxo de saber quem sou eu em presença de outro. O outro representa nossos antepassados. Vivemos no século XXI, em que nos consideramos a ponta mais avançada da sociedade humana; contudo, uma longa corrente nos antecedeu e irá nos suceder.

Quem somos? De onde viemos? Sabemos que a cor negra é a cor de nossos antepassados, originários da África. Sabemos também que, ao longo da história da família brasileira, esses antepassados passaram por transformações importantes em relação ao contexto socioeconômico e político. Por conseguinte, saber quem sou eu e qual a minha origem (ou origens) me levou a refletir sobre o meu papel de tia em uma numerosa família e daí fazer uma narrativa desse meu passado, dado que, por meio das histórias contadas e das

experiências vividas, as lembranças ganham vida.

Olho também para uma possível resiliência social, manifestada pelo movimento de mulheres que viviam submissas aos seus maridos, proibidas de trabalhar, de ser artista, de viver a própria vida, como tem sido apresentado pelas principais teorias feministas e decolonialistas (RODRIGUES, 2018), fruto do machismo que imperava sobre as mulheres, e que ainda hoje se reverbera, com o número assustador de mulheres sendo assassinadas, mas também olho para aquelas mulheres que se opuseram, por meio de suas vidas, a tal encarceramento social.

Trazemos, igualmente, a longa história de uma família originada de uma ex-escrava negra, como também de seus descendentes, muitos deles oriundos de relacionamentos inter-raciais. Souza (2022), em sua tese, identifica a família inter-racial como um espaço comunitário no qual se replica o arcabouço hierárquico de cunho racial, tal qual aquele manifestado estruturalmente na sociedade. Essa abordagem pode ser apoiada pela história de minha família, no que se refere, principalmente, à minha bisavó, cuja família paterna era de origem branco-europeia, que se instalou no município de Coração de Maria, região próxima a Salvador, capital da Bahia, onde acumularam terras, criaram gado e cultivaram, em especial, a cana-de-açúcar, tudo com o esforço mortal dos cativos africanos. Mas essa é outra história, que relatarei mais tarde neste estudo.

Dando sequência à atividade acadêmica – após a realização do mestrado, em que se enfatizou a contribuição dos tios e tias na vida dos sobrinhos, a partir de um estudo quantitativo (SILVA, 2020a; 2020b; 2022) –, agora proponho, baseada na história de minha própria vida, focalizar principalmente essa vida, no papel de tia, e a vida de meus familiares, também tias e primas; no entanto, me dedicarei apenas a manter o foco na atuação das mulheres dessa grande família matriarcal e coletivista.

A família coletivista é um tipo de estrutura familiar em que o bem-estar do grupo é prioritário em relação aos interesses individuais. Nesse modelo, as decisões, recursos e responsabilidades são compartilhados entre os membros da família, visando ao benefício do coletivo. Esse tipo de dinâmica familiar é frequentemente associado às sociedades em que são enfatizados os valores comunitários e a interdependência (FABRINI, 2023; RABINOVICH; BASTOS, 2007).

Em um estudo de caso empreendido pelas pesquisadoras Rabinovich e Bastos (2007), as autoras definiram uma família coletivista como sendo um grupo de pessoas que “estão imersos em uma cultura coletivista, no sentido de estarem inseridos em moradias onde a família extensa convive intimamente, possibilitando uma base material estável”.

(RABINOVICH; BASTOS, 2007, p.7). Na dinâmica da família coletivista, os laços que unem seus membros transcendem as fronteiras individuais, criando uma teia complexa de relacionamentos e apoio mútuo. Nesse modelo, o coletivo é a pedra angular, e as decisões, responsabilidades e conquistas são compartilhadas com vistas a promover o bem-estar geral. (GOUVEIA; CLEMENTE, 2000; GOUVEIA *et al.*, 2003).

Um dos traços marcantes da família coletivista é a importância atribuída à interdependência. Cada membro desempenha um papel vital na estrutura familiar, contribuindo para o equilíbrio e a harmonia do grupo. As decisões importantes são tomadas, considerando o impacto não em um único indivíduo, mas em todo o núcleo familiar (FABRINI, 2023; GOUVEIA *et al.*, 2003; RABINOVICH; BASTOS, 2007). Os recursos, sejam eles financeiros, emocionais ou temporais, são gerenciados coletivamente. A solidariedade é a força motriz que impulsiona a família coletivista a superar desafios e a celebrar conquistas. Nas dificuldades, os membros encontram apoio em uma rede de relacionamentos, o que cria um colchão emocional e prático contra as adversidades. (FABRINI, 2023; GOUVEIA; CLEMENTE, 2000).

Desse modo, o objetivo geral desta tese foi saber como eu, na condição de tia de uma família afrodescendente coletivista, influenciei o desenvolvimento educacional de meus sobrinhos e demais familiares. Além disso, como objetivos específicos, busquei conhecer a ancestralidade familiar quanto aos valores e à cultura de uma família afrodescendente baiana; também descrever os diversos territórios ou espaços ocupados pelos membros dessa família, fornecendo o seu contexto e as inter-relações simbólicas, afetivas, ao tempo em que visei caracterizar os papéis e as contribuições das tias na família estudada.

Por isso, não poderia deixar de ser uma autoetnografia (ELLIS, 2004) que, partindo do meu relato memorialístico, ampliou para narrativas fornecidas por vários membros familiares, como tias e primas, bem como os espaços e o tempo vividos numa conexão estreita com a cultura, a economia, os hábitos e costumes, acompanhados do cenário político da época. Para contextualizar tais narrativas, apresentei um panorama da cidade onde a família da ex-escrava viveu e sua mudança para a cidade de Salvador. Considero um dado importante, pois respondeu, ainda que parcialmente, à pergunta: “De onde eu vim?”, podendo, desse modo, relatar tudo o que a lembrança me permitiu acessar da minha infância. Logo após, avançando no marco temporal, narro sobre minha adolescência e, continuando o fluxo, exponho minha vida adulta e o processo de envelhecimento no qual me encontro hoje, aos sessenta e seis anos de idade.

Isso posto, o presente estudo, na sua estrutura, constou com esta parte Introdutória, que

nomeei de Parte I, na qual faço um resumo mais abrangente da tese em sua totalidade. Na Parte II, apresento os relatos da experiência, em cujo momento da escrita trago todas as minhas memórias e de outros atores familiares, até porque não estamos isolados, carregamos conosco as impressões de tantas outras pessoas. Aqui eu exponho a linha temporal da minha vida, seguindo na ordem cronológica da infância até a vida idosa, sem abandonar as circunstâncias culturais e os espaços, por entender que tempo e espaço não podem ser dissociados. Assim faço minhas “escrevivências” conforme adotado por Conceição Evaristo em suas obras<sup>1</sup>. (EVARISTO, 2013; 2006). Identifico-me com essa escritora, porque assim como eu, ela também é uma mulher negra que, ao longo de sua carreira, vem abordando temas como a diáspora africana, a condição da mulher negra, as questões sociais e a luta por justiça e igualdade.

A palavra “diáspora” sugere uma trama de relação, imaginadas ou fictícias, entre povos dispersos, cuja noção de grupo é sustentada por distintos contatos e formas de comunicação, a saber: cultura, família, viagem, entre outros. Na atualidade, esse termo traz a história dos negros escravizados e, assim, disseminados entre outros continentes, na época do colonialismo, período da formação do sistema capitalista, que faz o uso do trabalho escravo com o objetivo de acumular riqueza. Tudo isso veio originar o que atualmente é conhecido por diáspora negra ou africana.

Na contemporaneidade, a expressão “diáspora” tem sido muito utilizada por estudiosos africanos e descendentes, em especial os descendentes, que vivem fora da África, na busca por conhecer suas origens e entender como ocorreu a comercialização desses povos nos mais variados continentes. A diáspora negra vem mostrar tudo o que os negros passaram e as suas lutas para acabar com as mazelas que os descendentes sofrem até hoje: preconceito, racismo, discriminação, genocídio e, principalmente, a marginalização. O termo “diáspora” é discussão presente, quando se trata da literatura afro-brasileira e aparece nos textos de muitos/as escritores e escritoras negros/as. Temos, por exemplo, no texto de Evaristo (2009), a definição que a autora imprime ao termo “escrevivência”, como

---

<sup>1</sup> Entre suas obras mais conhecidas está o romance "Ponciá Vicêncio", que examina as complexidades da experiência negra no Brasil, e outros trabalhos como "Becos da Memória" e "Olhos d'Água". Conceição Evaristo também é reconhecida por introduzir o termo "escrevivência", uma fusão de escrita e vivência, para descrever a experiência literária negra e suas múltiplas camadas. Além de sua atuação como escritora, Evaristo é uma figura engajada em atividades acadêmicas e culturais, contribuindo significativamente para o reconhecimento e valorização da literatura afro-brasileira (NUNES, 2020).

[...] um fenômeno diaspórico e universal que me convive em retornar-me uma imagem que é no núcleo do termo . na verdade, o termo não é interpretado como uma grafia ou como um som, mas sim como um sentido gerador, uma cadeia de sentidos no qual o termo se fundamenta e começa a sua dinâmica. A representação central do termo é a de Mãe Preta, que estava em condição de escravizada dentro dos da casa-grande. O trabalho dessa mulher envolve a função de cuidar da família colonizadora. Era a mãe de leite, careta da alimentação, conversava com os bebês e instruía as primeiras palavras, todos faziam parte de sua existência (EVARISTO, 2020, p. 29).

Sob essa perspectiva, Stuart Hall julga que, "na situação da Diáspora, as identidades se tornam múltiplas", não sendo, desse modo, fixas, pois em um âmbito diaspórico transportam a dispersão, a propagação que finda multiplicando-as. (HALL, 2009, p. 27)

Na Parte III, descrevo todo o percurso teórico-metodológico, com ênfase na autoetnografia, em consonância com ELLIS (2004), mas tentando, ao mesmo tempo, me aproximar do método da “Escrevivência”, concebido por Conceição Evaristo, como citei anteriormente. Isso ocorre, por exemplo, ao falar da história da fuga de minha mãe da fazenda onde morava com os parentes paternos brancos, devido aos anos de abusos, inclusive sexual por parte de um dos tios, quando tento me aproximar do que essa autora traz em seu relato:

O exercício de criação estaria concentrado na mulher escravizada. Quaisos seus sustos e temores... Seria por um acaso a queima do vestido... Como essa mulher enfrentaria o castigo... Buscaria uma possibilidade de fuga? (EVARISTO, 2020, p. 27/28).

A prática da autoetnografia envolve uma variedade de métodos e técnicas que visam capturar e interpretar as experiências pessoais em relação a contextos culturais mais amplos. A coleta de dados na autoetnografia pode incluir narrativas pessoais, diários, memórias, entrevistas, observações participantes e artefatos culturais, entre outros. Esses métodos são projetados para fornecer uma visão rica e contextualizada das experiências vividas, permitindo que o pesquisador explore as complexidades da interação entre o eu e a cultura. Aqui traço também um panorama da cidade de Coração de Maria, bem como dos bairros abordados nos relatos de experiência.

Na Parte IV proponho um estudo teórico abordando os temas “resiliência” e “empoderamento feminino negro”, as lealdades familiares e também o ato da educação do negro, inspirando-me em Paulo Freire (1981/1987). Já na Parte V, redesenho os elementos de análise, abordando as temáticas da resiliência; o histórico e empoderamento de mulheres negras e a educação libertadora, entrelaçando com meu relato de experiência. Para concluir, na Parte VI registro minhas considerações finais, afirmando que se trata de uma obra

inconclusiva, pois temos muito ainda que falar dessa figura familiar muito presente na sociedade brasileira, mas pouco relatada na academia: a tia – e, bem mais especificamente, a tia negra no seio de uma família afrodescendente baiana.

Isso posto, aponto que a relevância de tal estudo se deve à sua originalidade e unicidade ao focar, de modo autoetnográfico-memorialístico e escrevivencial, o relato da doutoranda tia, situando-o em sua relação com os relatos de seus familiares, suas tias e seus sobrinhos, todos descendentes de uma ex-escrava. Desse modo, essa proposta de autobiografia corrobora os estudos que buscam a origem e a história da população brasileira negra e feminina, bem como evidencia o papel da família afrodescendente enquanto construtora de uma sociedade, visto que é grande a dificuldade historiográfica de se estudar a ancestralidade negra no Brasil, por conta da descaracterização (dos/as negros/as) imposta pelo processo de escravização. Por exemplo, como citado por Daflon (2017, p. 16), ao falar sobre “como discurso que convenientemente dilui e invisibiliza o racismo, costuma encobrir um fato registrado por inúmeras pesquisas: a proximidade entre pretos e pardos”

## PARTE II

### 2. RELATO DE EXPERIÊNCIA

*“Imagine como seríamos mais felizes, o quão livres seríamos para sermos nós mesmos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero.”*

(Chimamanda Ngozi Adichie)

#### 2.1 TRAJETÓRIA DAS REMINISCÊNCIAS: MINHA INFÂNCIA QUE OS TEMPOS NÃO TRAZEM MAIS

Nasci no ano de 1957, na cidade de Salvador, em casa, no bairro dos Barris (Figura 1), pois, numa época com poucas ou nenhuma maternidade, era um costume na sociedade brasileira que as mulheres parissem seus filhos com uma parteira do bairro, e era também comum que elas se tornassem comadres das parturientes, como uma forma de gratidão pelo cuidado, já que não era um trabalho remunerado. Vale ressaltar que o bairro dos Barris, diferentemente do que se pode observar na figura 1, atualmente é mais elitizado, contando com grandes construções, dispondo de lojas e escolas, com uma característica importante: a ter sido ali construída, no ano de 1811, a maior biblioteca pública da Bahia, conhecida como Biblioteca Central dos Barris, conforme pode ser visualizado na figura 2 (AZEVEDO, 2017).

**Figura 1:** Rua Junqueira Aires-Piedade/Barris, na década de 1811.



**Fonte:** Créditos: Wellington Nunes//Pinterest.com

**Figura 2:** Fachada da Biblioteca Central do Estado da Bahia, nos Barris. 2020.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Barris\\_%28Salvador%29](https://pt.wikipedia.org/wiki/Barris_%28Salvador%29).

A partir do desenvolvimento do bairro, com as políticas de reordenamento e urbanização, os imóveis foram ficando mais caros, de modo que foram sendo “expulsos” seus antigos moradores, representados por afrodescendentes empobrecidos. Entre essas pessoas estavam minha mãe Margarida, minha avó Vitalina e seu esposo (que não era meu avô biológico), minhas tias Maria, Zulmira e Elisa e meus tios Raimundo e Pedro, todos habitantes de uma avenida de pequenas casas, em um espaço similar a um cortiço, onde cada residência tinha apenas três cômodos, e o banheiro era coletivo, servindo a todos os moradores da avenida.

Quando completei seis anos de idade, nós nos mudamos para o bairro Alto da Terezinha, situado no Subúrbio Ferroviário de Salvador, que nesse período já contava com novos bairros e comunidades, ao longo da linha ferroviária, assim conectando o centro da cidade a essa região mais periférica. Dentre esses bairros, minha família escolheu morar no Alto da Terezinha, por causa da facilidade de encontrar imóveis mais acessíveis. Tornou-se ali, portanto, reduto da população afrodescendente e muito empobrecida, devido ao processo de escravização negra e à falta de políticas públicas após a Lei Áurea em 1888. (Gonzalez, 1982)

Foram nessas circunstâncias que minha infância foi vivida, entre os bairros dos Barris e o bairro do Alto da Terezinha, situado no subúrbio de Salvador. Esse local é um território antigo, nele os portugueses se instalaram, construindo igrejas e engenhos. Foi assim que, frequentando uma igreja construída por eles, comecei a desenvolver a minha fé em Deus, a fazer o estudo da Bíblia e aprender que existe um ser invisível que me fortalece a cada dia. O Alto da Terezinha, logo quando começou a ser habitado, era um bairro simples, cuja população era constituída por pessoas de baixo poder aquisitivo, com a presença de alguns

armazéns onde as pessoas compravam os itens para sua alimentação, normalmente o básico, para sobreviverem. Como o dinheiro era escasso, os donos desses estabelecimentos “vendiam fiado”, na base da confiança, e faziam suas anotações em um caderno, pois as pessoas somente pagavam no final do mês. Se o pai de família tivesse emprego fixo ou por semana, se fosse trabalhador autônomo ou trabalhasse prestando serviço na construção civil, a cada mês pagava uma conta e logo em seguida fazia outra, para que a família não ficasse com fome.

A cidade de Salvador não possuía escolas implantadas pelo governo do estado, tampouco pela prefeitura. As crianças frequentavam as Associações de Bairro, para começarem a aprender a ler e a escrever. As professoras eram aquelas mulheres que já sabiam ler e escrever e que tinham passado pela escola até o quarto ano primário, ou já estavam cursando o ensino ginásial em outro bairro. Assim, elas eram chamadas de professoras leigas, até que fossem para um colégio no centro da cidade, onde era ofertado o curso de Magistério e então se formavam professoras primárias.

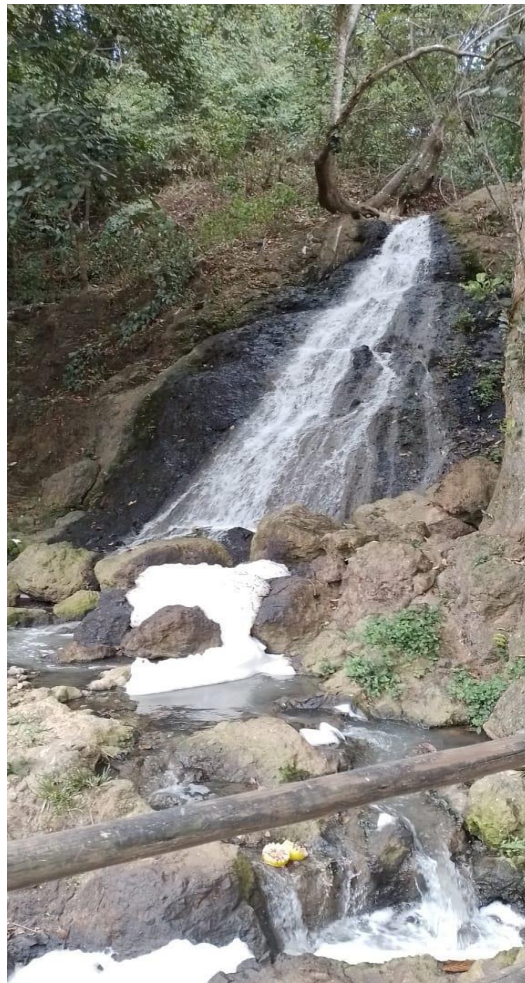
Não existia água encanada para abastecer as nossas casas, logo, era preciso pegar nos rios ou fontes de água corrente que existiam na localidade. Também não havia asfalto nas ruas. Lazer para as meninas significava sair para passear aos domingos, além de subir e descer a rua principal do bairro, enquanto os meninos jogavam bola nos campos cheios de lama, até se cansarem. As famílias com uma melhor situação financeira – este era o caso da minha, pois meus pais trabalhavam – tinham acesso a alguns alimentos mais requintados. Por exemplo, eu tomava tubaína (era um tipo de refrigerante), comíamos bacalhau, biscoitos recheados, entre outras iguarias mais caras na época.

Com o desenvolvimento, os engenhos fundados nessa região deram lugar a muitas moradias, hoje ocupadas por afrodescendentes, como é o caso da minha família. Hoje essa região está associada à pobreza e marginalidade. Diante disso, fico a refletir: como um lugar com tantas maravilhas pode ser tão esquecido pelos poderes públicos? Falo das praias lindas ali existentes, dos dois centros culturais, um deles conhecido como “Acerco da Laje”, sob a curadoria dos seus fundadores, o professor José Eduardo Ferreira e sua esposa Vilma Reis. O “Acervo” era considerado um ponto turístico, muito visitado por pessoas vindas de todos os lugares da cidade e até do exterior; um espaço tão respeitado, onde encontramos a arte do subúrbio e toda a cultura desse povo, além de promover várias feiras literárias com escritores pretos moradores do Subúrbio. Atualmente, esse o local é reconhecido também pela sua gastronomia à base de frutos do mar, entre outros. Qualquer caminho que o visitante pegue em linha reta, a partir da Avenida Suburbana, é levado a uma praia linda chamada São Tomé,

com nome do santo que “precisou ver para crer”, e depois, ao atravessar por um barco, se chega à Ilha de Maré.

Eu tenho diversas lembranças que não poderiam ser deixadas de fora. Por exemplo: na minha infância, com a minha querida avó, que me levava até o Parque São Bartolomeu para tomar banho naquela cachoeira (figura 3), que cai lá do alto da montanha, ela não é muito grande, mas para mim era uma imensidão, e por isso eu adorava esses passeios. Tantas lembranças boas eu tenho na companhia da minha avó, que não tinha escolaridade, mas era de uma sabedoria ímpar. Ela lavava roupa de ganho, vendia cocada, fazia quebra-queixo, fazia faxina, carregava água de ganho, porém, nas proximidades das festas cívicas ou religiosas da cidade, lá ela estava comigo.

**Figura 3:** Cachoeira do Parque São Bartolomeu- Salvador-Bahia.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

No ano de 1965, minha avó Vitalina me fez participar de uma dessas festas cívicas que ela adorava: a festa da Independência da Bahia, comemorada no dia 2 de julho de cada ano. Na escola primária, a professora não deixava passar em branco essa data e considerava um absurdo quando ela perguntava o que se comemorava e os colegas diziam que não sabiam. Eu ficava toda orgulhosa e até contava o que tinha visto no centro da cidade. Tudo começava quando minha avó ia para festa de Labatut, em Pirajá, onde ficava um monumento de um busto de homem, e ela me contava que se tratava de um general que havia lutado pela liberdade da Bahia.

Em resumo, eu já morando no Subúrbio, ingressei na Educação Básica aos oito anos de idade, visto que as políticas educacionais na década de 1960 não contemplavam a Educação Infantil, e somente os mais abastados tinham condições financeiras para manter seus filhos nessa fase em escolas particulares. Na época, era conhecido por curso primário (1ª à 4ª série), a modalidade atualmente denominada de Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), deveria ser iniciada aos sete anos de idade, porém com inexistência de vagas, porque não havia escolas públicas nos bairros periféricos, bem como a não obrigatoriedade dos pais matriculem seus filhos na escola, o que impossibilitou meu ingresso na idade certa, e assim também ocorreu com muitas outras crianças dessa época. Fui matriculada em uma escola comunitária que funcionava na Associação de Moradores do Bairro do Alto da Terezinha, onde minha família passou a residir. Lembro-me que, na época, era apenas uma professora para todas as disciplinas e também só tinha um livro que trazia todos os conteúdos.

O meu horário na escola era pela tarde, e pela manhã eu ficava em casa. A minha mãe trabalhava como empregada doméstica, na função de cozinheira no bairro do Chame-Chame, na Cidade Alta de Salvador. Ela saía de casa às seis horas para pegar o trem que ficava muito distante da nossa residência, chegava até o bairro da Calçada e só então podia pegar um ônibus coletivo até seu destino final, pois não havia ônibus para aquela localidade, e só retornava para casa às oito horas da noite, fazendo o mesmo trajeto de volta.

Exatamente por isso eu precisava cuidar dos meus irmãos menores que tinham cinco, quatro e três anos de idade, junto com meu pai Raimundo, que só ia para o trabalho à tarde. Ele tinha pouco estudo (somente até a 4ª série do 1º Grau) e era funcionário público, trabalhava como porteiro numa repartição. Eu servia o almoço dos pequenos e os deixava em casa com minha irmã Meire, que à época tinha apenas cinco anos de idade, e a única função dela era não deixar os menores irem para a rua.

Quando eu completei onze anos de idade, minha mãe teve mais um filho. Até o momento ela só tinha gerado meninas, e o sonho dela era ter um filho do sexo masculino, então

nasceu José Raimundo, em 1966. Em 1969 eu já estava concluindo o primário e me preparando para o curso de Admissão, no ano seguinte. Esse curso tratava-se de uma etapa não obrigatória, porém era pré-requisito para quem quisesse ingressar no Ginásial (a 5ª série do 1º Grau) e dar continuidade aos estudos subsequentes, ou seja, o antigo ginásial, que atualmente contempla as séries do Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano). As outras meninas (minhas irmãs) já estavam também frequentando a escola pública na qual eu estudei.

Avançando, por mérito, essa etapa do curso, que culminava com uma prova ao final do ano, o tão temido teste admissional, ingressei no ano seguinte numa grande escola, muito conhecida e procurada na época, o Centro Educacional de Periperi, carinhosamente nomeada de Comercial, porque lá havia diversas áreas de estudo, com cursos profissionalizantes.

Em 1970, nasce o último filho de minha mãe (vivo, porque minha mãe teve dois natimortos antes) chamado Jorge, e eu já estava me preparando para cursar a tão sonhada 5ª série, motivo pelo qual me sentia muito importante, por ter sido aprovada no concorridíssimo curso Admissional, que foi realizado durante o ano anterior, sendo que no final do ano todos foram submetidos a uma prova escrita, nas modalidades de um vestibular. Era grande a concorrência, muitas das minhas amigas da infância e vizinhas não conseguiram, e isso era tido como “normal” na sociedade que ainda respirava os resquícios da escravização negra.

Assim, inicio meus estudos no ensino ginásial, aos 13 anos de idade, em um bairro um pouco distante da minha casa, era o tão conhecido colégio no subúrbio de Periperi, chamado Comercial de Periperi, que tinha firmado um convênio com a prefeitura de Salvador, apesar de ser considerado comunitário, pois alguns alunos pagavam uma taxa anual para estudar lá. Mas, devido a esse contrato, alguns estudantes mais carentes não pagavam a referida taxa.

Foi nesse colégio que encontrei ótimos professores os quais se tornaram referências para mim. Eu me lembro de uma professora de Língua Portuguesa, que me parecia ser muito rica, porque ela, a cada dia, ia lecionar com um vestido diferente, as bolsas eram lindas e combinavam com os vestidos, bem como os sapatos também, e então eu ficava pensando que, quando eu crescesse, iria trabalhar, porque queria ser igual a ela. Lembro-me também de um professor de Matemática, chamado Antônio. Ele era um bom professor, e enquanto eu fui aluna dele aprendi a disciplina mais temida pelos alunos, fazendo com que eu me interessasse pela área de exatas, principalmente a matemática. Ele foi uma figura crucial para minha futura escolha profissional, no curso do Colegial (Novo Ensino Médio), pois na época eram ofertados cursos profissionalizantes, de modo que então escolhi o curso Técnico em Química. Outra figura importante foi a professora Maria José, que lecionava Ciências, daí minha

escolha profissional no curso superior de Licenciatura em Biologia, na Universidade Católica do Salvador, uma parte da minha história que contarei mais tarde.

## 2.2 AS FESTAS FAMILIARES

As festas em família merecem uma atenção especial, pois representam momentos únicos de união, celebração e conexão emocional com minha extensa família. Essas ocasiões foram marcadas pelas tradições familiares de origem africana e eram fundamentais para fortalecer os laços afetivos e criar memórias duradouras, como a que relatarei a seguir.

Era uma tarde de domingo ensolarada, e a casa da família Lima (sobrenome de herança materna) estava repleta de movimento e risadas. Minha avó, a matriarca da família, estava ocupada na cozinha, preparando as receitas que eram passadas de geração em geração. O cheiro delicioso de assados e temperos tradicionais pairava no ar, criando uma atmosfera acolhedora e convidativa. Não éramos ricos, mas meus familiares faziam questão de gastar um pouquinho do que ganhavam preparando as guloseimas que tanto adorávamos. (Atualmente, tenho uma irmã que é cozinheira, e foi graças a essa minha avó que ela desenvolveu o gosto pela culinária).

Os filhos (meus tios), primos e primas, vizinhos e vizinhas começaram a chegar, cada um trazendo consigo uma energia única. A casa estava decorada com fotografias antigas, recordando momentos especiais que marcaram a história da família. As crianças corriam animadas pelo quintal, enquanto os adultos se reuniam na sala, relembando histórias e compartilhando novidades.

A festa era uma celebração dupla, combinando o aniversário da matriarca, minha avó (figura 4), com uma reunião espontânea da família. Havia uma longa mesa decorada com cores vibrantes, onde pratos deliciosos se acumulavam. Todos se reuniram ao redor da mesa, unidos pela antecipação da festividade que estava prestes a começar.

Minha mãe, com seus olhos brilhantes e sorriso caloroso, deu as boas-vindas a todos e expressou sua gratidão por ter a família reunida. A comida foi servida em abundância, e as risadas preenchiam o ambiente, misturadas aos sons suaves da música que tocava ao fundo. À medida que a noite caía, a casa continuava cheia de alegria. A festa em família não era apenas uma celebração, era um testemunho vivo do amor, do elo familiar e da importância de manter as tradições vivas. Enquanto a noite avançava, ficou evidente que esses momentos especiais eram verdadeiramente o alicerce que unia a Família Lima, criando uma teia de memórias calorosas que seriam levadas por gerações futuras.

Todos pareciam felizes, apesar da labuta diária, e até esqueciam que moravam no subúrbio da cidade, desprovido de políticas públicas importantes, como rede de esgoto e transportes, e de outros bens coletivos importantes, como uma praça pública, área de lazer e esportes. Era, pois, um tempo em que faltava tudo, menos alegria de viver.

Após a refeição, a família se voltava para a tradicional dança que sempre encerrava suas festas. As crianças, os adultos e até mesmo os mais idosos se juntaram na pista improvisada na sala de estar, dançando ao som de músicas que evocavam lembranças de outras épocas. Eu ainda era criança, acho que tinha uns dez anos de idade, mas somente agora, através deste estudo e muitas leituras, percebo que, na época de minha bisavó e avó, quando moravam e trabalhavam na fazenda do meu bisavô, ainda eram “escravizadas”, e buscavam nesses encontros uma forma de resistência, uma maneira de preservar as tradições e criar momentos de alegria que transcendiam as amarras físicas e emocionais.

**Figura 4:** Minha avó materna, dona Vitalina, nos seus 83 anos de idade.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Minha avó gostava de contar essas histórias para mim e a meus irmãos, todas as noites, antes de a gente ir dormir. Ela falava do cheiro adocicado das comidas preparadas com carinho preenchia o ar, das panelas que eram improvisadas e das fogueiras acesas, enquanto os caldeirões se transformavam em altares de sabores. Ela me dizia que cada prato contava uma história ancestral, uma memória culinária que atravessava oceanos e séculos, mantendo viva a herança cultural. As roupas coloridas e os adereços feitos à mão transformavam as senzalas em palco de celebração. Eu amava escutar essas histórias, minha avó mal aprendera a escrever o próprio nome, mas era dotada de uma sabedoria enorme. Lembro-me de outro momento de festa típica do povo afrodescendente, praticada em minha família, quando vó

ainda estava viva, mas que continuamos a realizar após a sua partida.

Sabemos que por meio dessas festas nas senzalas, que eram celebrações clandestinas, os escravizados moldaram um refúgio de cultura, resistência e solidariedade. Em meio à escuridão, eles acenderam fogueiras de esperança, mantendo viva a chama que um dia havia de brilhar para todos, era o que esperavam do futuro, mal sabiam eles que pouca coisa mudaria nesse sentido.

Além das festas, no meu período de férias escolares minha avó me levava para passear em Coração de Maria, pois, apesar de minha mãe trazer toda a família para Salvador, ela tinha deixado na cidade de Coração de Maria a mãe, uma irmã mais nova que ela, e dois irmãos que trabalhavam em outra fazenda que não pertencia à família do meu avô materno. A irmã dela casou-se com um rapaz, também negro, trabalhador da fazenda onde eles moravam, e desse casamento tiveram cinco filhos que se tornaram adultos e sabiam que a tia moradora da capital iria acolhê-los.

Passado algum tempo eles vieram trabalhar na cidade grande e somente um deles permaneceu na cidade de infância (Coração de Maria), tornando-se o administrador da fazenda onde moravam. A minha avó, quando a saudade batia, ia correndo à sua cidade de origem e passava vários dias com os parentes. Eu, ainda na infância e na adolescência, passeava pela roça, ia à missa aos domingos. Eles me levavam para casa de fazer farinha de mandioca, junto com meus primos de segundo grau, pois na verdade eles eram primos de minha mãe. Ficávamos vendo torrar a massa da mandioca para fazer a farinha que seria usada para alimentar a família, enquanto uma parte ficava com o dono da fazenda. Faziam beiju recheado de coco, era uma festa que eu fazia! Até hoje eu gosto de beiju de côco! Ah! Tinha também a pamonha, o bolo de aipim, paçoca, doce de caju, entre outras gostosuras e diversões, e não podia faltar o banho de rio. Mesmo com tudo isso, após duas semanas, eu já estava com saudades de meus irmãos, da minha mãe e de meu pai. Então, era hora de minha avó brigar comigo e prometer que não iria mais me levar para a roça. Como não tinha jeito, eu ficava mais um tempinho, até as férias acabarem, sem o mesmo entusiasmo de antes.

Nossa! Como eu gostei de estar lá com os meus tios-avós, minha primas, eles me mostravam todos os lugares e me recordavam dos nomes das colegas e dos donos de cada fazenda. Aí comecei a comparar a vida no campo com a da cidade, e com meus olhos captava aquelas paisagens que me revelavam como era diferente a vida naquele lugar, com muito verde e ar puro. Nesse momento me dei conta de que estava diante da natureza, sendo possível identificar o oposto, a paisagem urbana.

Na área urbana era comum a escassez de elementos da natureza. Outro ponto que me

chamou a atenção foi a ausência de vizinhos muito próximos, já que na zona urbana convivemos com um aglomerado de pessoas e nunca estamos sozinhos. Fiquei tão feliz quando minha avó me chamou para irmos ao centro comercial, um espaço fechado, uma feira propriamente dita. O que mais gostava era de comer churrasco no Mercado Popular. Já a minha avó, que gosta de “coisa barata”, corria para a feira atrás de frutas e verduras, e também de carnes de boi, de carneiro, de bode, e quando chegava em casa fazia o famoso almoço farto, e, para acompanhar tudo isso, tinha o pirão do caldo.

Eu via as pessoas lidando com a terra e tirando dela sua sobrevivência, levando para vender na feira os produtos colhidos. Com esse meu encantamento resolvi alugar uma casa e fiquei, durante dez anos, indo de quinze em quinze dias a Coração de Maria. Nessa trajetória fiz tantas amizades que eu hoje me sinto nativa da região.

### 2.3 ENTRE SONHOS E DESAFIOS: NAVEGANDO PELOS MARES DA ADOLESCÊNCIA

Continuei meus estudos nesse mesmo colégio em Periperi, ingressei no Curso Profissionalizante nos idos dos anos de 1975. Como já relatei, escolhi cursar Química, porque admirava minha professora de Ciências do 1º Grau. Esse período foi de grande efervescência político-social. No Brasil, o ano de 1975 foi um período marcado por acontecimentos tanto políticos quanto econômicos. Vale ressaltar que o país vivia sob a ditadura militar, que começou em 1964 e perdurou até 1985. Durante esse período, o governo militar exercia um controle autoritário sobre a política e a sociedade (KUCINSKI, 2011). Ainda segundo esse autor, a censura cultural era intensa durante o militarismo. Músicas, filmes, livros e outras formas de expressão artística que fossem consideradas subversivas ou críticas ao governo eram frequentemente proibidas. Lembro-me de quando nos reuníamos com nossos colegas em frente ao colégio, em forma de apoio a outros estudantes que se reuniam no centro da cidade, contra o aumento da passagem de ônibus, por acesso à educação, entre outras causas comuns a todos. No entanto, não percebia o grande engajamento dos secundaristas do Subúrbio Ferroviário. Mas, nas escolas do centro da cidade, e apesar das dificuldades, o período também testemunhou movimentos de resistência, especialmente entre trabalhadores e estudantes, que buscavam melhores condições e expressavam insatisfação com o regime autoritário (KUCINSKI, 2011).

Quando eu estava para concluir o 1º Grau, tinha um sonho de estudar no CEFET (atual

IFBA). Na verdade era o sonho de muitos adolescentes da época, pois se tratava da melhor escola pública para cursos profissionalizantes. Eu queria fazer um cursinho que existia na época, mas além de ser no centro da cidade, muito distante do Subúrbio, era muito caro. Assim, tive que estudar sozinha em casa. Eu queria ajudar minha família, por isso sabia que estudando lá (no CEFET), conseguiria um bom emprego no Pólo Petroquímico de Camaçari, que nessa época estava se instalando em nossa localidade.

Participei dessa seleção (similar a um vestibular), com provas de Língua Portuguesa e Matemática, e obtive aprovação. Estudei lá por três anos e, após formada (concluindo o 2º Grau), só consegui um emprego um ano depois na Bayer do Brasil Nordeste, localizado no Centro Industrial de Aratu (CIA), empresa que produzia o conhecido inseticida Baygon. Trabalhei lá por cinco anos. Como morávamos de aluguel, com o salário que eu recebia ajudava meus pais na manutenção da casa e, posteriormente, adquirimos um terreno próximo à nossa casa. A partir daí começamos a “labuta” da construção. A tão sonhada mudança de casa ocorreu no ano de 1980, aproximadamente três anos após o início das obras. A partir daí nossa vida começou a melhorar, pois não ter que pagar aluguel era a melhor coisa que poderia nos acontecer. Com a economia que fazíamos podíamos investir em mais confortos, e assim compramos nossa primeira televisão preto e branco, que era artigo de luxo na época, mais tarde adquirimos também nosso telefone, bem como móveis e utensílios para a nossa casa.

Na adolescência, acompanhava a minha mãe, ajudando-a, quando ela ia trabalhar nas casas dos “brancos”. Eu também faxinava e lavava as roupas dos estudantes que estavam em Salvador e que moravam no prédio onde ela trabalhava. Às vezes eu refletia por que esse tipo de serviço somente era designado às pessoas de cor preta, e a cada quinze dias eu estava ali, repetindo esse tipo de serviço. Lembro-me de ficar triste, quando a patroa de minha mãe dizia que ela deveria entrar debaixo das camas para tirar a poeira dos lastros das camas. Como eu sofria de fobia, não conseguia realizar o serviço completo, porque ficava com muito medo de entrar debaixo daquela cama. Nessa hora eu me prometia que não iria passar por essa situação por muito tempo. Desse modo, acho que não vivi muito a adolescência, pois, diferentemente dos meus colegas, vizinhos e amigos/as, eu já sentia o peso das responsabilidades da vida adulta.

A partir da minha adolescência, enquanto estudava, tive as primeiras informações sobre como uma mulher dá à luz, deixando para trás as histórias que os mais velhos costumavam nos contar, sempre que eu ganhava um irmãozinho. Quando criança, costumava ouvir falar que a cegonha passava à noite na casa do casal e deixava ali a nova criança. Geralmente, quando a cegonha chegava, todas as crianças tinham que dormir. Eu mesma não

tive a sorte de conhecer essa ave que voava pelo céu com grandes asas capazes de carregar uma criança. Antes de ser forçada a dormir, eu via minha avó, uma mulher negra, sendo chamada às pressas para ir até nossa casa, pois minha mãe estava sentindo dores e repetia sempre: "Está chegando a hora!" Quando minha avó chegava, era uma correria.

Mais tarde, entendi que a função da minha avó era fazer o parto, pois ela era a parteira do bairro. Essa prática fazia parte da vida dela, que testemunhava, de maneira íntima, a chegada de uma nova criança ao mundo e ajudava sua mãe nesse momento tão difícil. Essa função pode ser exercida pelas avós, comadres, madrinhas e tias, que aprenderam com suas antepassadas a desempenhar tal tarefa no mundo natural. Ao assumir a missão de parteira, minha avó executava uma diversidade de trabalhos, que, na minha opinião, ela nem considerava como trabalho. Benzia, rezava, invocava encantamentos para ter sucesso na hora do parto e proteger a vida da criança e da mãe.

As parteiras ainda estão presentes em alguns povoados rurais, onde faltam políticas públicas para cuidar da saúde do povo, e quando existem, geralmente estão em localidades distantes. Entre as comunidades, elas são vistas como médicas e, principalmente, como socorro certo, quando alguém está com a saúde debilitada, sendo capazes de aliviar, com urgência, dores e males nos membros das famílias, sobretudo aquelas que não dispunham de recursos. Normalmente, as parteiras e curandeiras são encontradas com mais frequência em regiões remanescentes de quilombos e também nas aldeias indígenas.

## 2.4 CAMINHOS DA MATURIDADE: NAVEGANDO PELOS DESAFIOS DA VIDA ADULTA

Na minha vida, eu sempre queria mais, sonhava entrar na universidade pública, mas tinha que continuar trabalhando. Queria estudar Engenharia Química, porém era um curso muito concorrido e, além do mais, não poderia deixar o emprego. A vida adulta requer maiores responsabilidades, então somente no ano de 1977 ingressei num curso superior, no curso de Licenciatura em Biologia na Universidade Católica de Salvador (UCSal). Por ser uma unidade privada, eu poderia estudar à noite. Eu já estava com trinta anos de idade, mesmo assim não pensava em me casar e formar minha própria família. Eu transferi para meus sobrinhos, o amor que poderia dar a um filho. Já ajudava a educar os dois primeiros: um contava com três anos de idade, e o outro tinha alguns meses. O de três anos não foi nem registrado pelo pai, que desapareceu; então meus pais e eu assumimos os cuidados com ele,

principalmente na parte financeira (escola infantil, roupas, remédios etc.), pois minha irmã não tinha nenhuma renda. Assim, eram supridos de coisas materiais, mas especialmente lhe dávamos muito amor e carinho.

Nesse período eu já tinha saído da Bayer (1982) e me tornei vendedora nas Lojas Marisas em Salvador (uma loja de vestuário feminino), pois, mesmo com um curso técnico, eu não poderia ficar desempregada. Trabalhei nesse ramo até o ano de 1986, para enfim retornar ao exercício da minha profissão (técnica em Química) nas Indústrias Chadler (indústria de Chocolate), atualmente extinta.

Assim, do período de 1986 até 1995, enquanto estive trabalhando na Chadler, além de exercer a função de química, também era a presidenta do Grêmio da empresa, promovendo eventos para funcionários, tanto os institucionais quanto nas datas festivas: Dia das Crianças, Festas Juninas e Festa de final de ano. Comprava brinquedos para as crianças, filhos dos funcionários, promovia festa juninacom churrasco e banda, além do Natal e Réveillon, no final do ano. Presenteava os funcionários sempre com um presente de valor alto. Lembro-me de que, no ano de 1992, os funcionários tiveram a oportunidade de escolher uma geladeira. Essas nossas festas eram muito legais, reuníamos as equipes dos funcionários. Era uma verdadeira confraternização!

Na verdade, foi assim que eu descobri que tinha o dom para ensinar, pois os diretores me mandavam fazer curso na área de controle de qualidade para depois ser multiplicadora desse aprendizado para os colegas. Havia uma sala preparada para que, ao término do curso, pudesse socializar com os demais colegas as informações adquiridas na formação.

Durante esse período eu me dediquei a fazer concursos públicos, pois achava que a estabilidade financeira seria a melhor opção para minha vida e carreira profissional. Finalmente, no ano de 1997, consigo aprovação em três concursos públicos: um na área de educação, outro na área da segurança pública e outro na Fiocruz. Foi nesse período que me casei, já com 40 anos de idade. Eu não queria filhos nessa idade, pois tinha medo de que a criança nascesse com alguma deficiência. E assim, em acordo com meu esposo, que era divorciado e tinha um filho, resolvemos não ter nossos próprios filhos juntos.

Fui convocada pela Fiocruz em 1998, mas minha irmã não me passou o recado, então eu perdi essa oportunidade. Enquanto aguardava ser convocada nos outros dois concursos, fui ministrar aulas em escolas particulares. Somente em 1999 tomei posse do cargo de docente pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, passando a lecionar no Colégio Estadual Clériston Andrade (Figura 5), unidade na qual me mantenho até os dias atuais. Nesse cargo foi possível participar de diversos cursos de atualização e também aproveitei para fazer cursos

de pós-graduação. Em nível de especialização, cursei psicopedagogia escolar porque sentia necessidade de ajudar meus alunos que tinham diversas dificuldades de aprendizagem, de modo a sempre buscar ser melhor no meu exercício profissional. Também pude ajudar meus sobrinhos nesse aspecto, não mais somente no lado financeiro, como antes. Auxiliava-os com as tarefas escolares e no desenvolvimento da aprendizagem, participava das reuniões e convocações feitas pela gestão da unidade escolar deles. Como professora eu podia entender melhor essa relação educativa.

No ano de 2002, iniciei minha jornada escolar na área da gestão. Participei da administração do colégio, com uma equipe de colegas, e assim realizamos diversas reformas no ensino nessa unidade, essa foi a melhor experiência da minha vida. O tempo foi passando e a idade aumentando, e com ela outras demandas e buscas por realizações.

**Figura 5:** Fachada da entrada do Colégio Estadual Clériston Andrade. 2020.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Nesse cargo de gestora fiquei durante 15 anos e então comecei a conhecer as dificuldades enfrentadas por uma comunidade carente diante da falta de políticas públicas destinadas a essa população. Passei a me dedicar à Educação, tentando suprir as brechas deixadas pelo poder público e pela família na educação dos seus filhos, pois a comunidade é formada por famílias, em sua maioria, monoparentais. Sendo assim, durante esse tempo de atuação como educadora e gestora, eu convivi, e convivo, com os mais diversos tipos de organização familiar: mães e/ou pais que saem para trabalhar e só retornam no final do dia e, quando os seus filhos não ficam sozinhos, estão na companhia de outros membros da família, tais como avó, avô, tio, tia, ou até mesmo vizinhos e amigos da família. Conhecer essa realidade

fez com que eu procurasse me especializar em Gestão Escolar, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Psicopedagogia Escolar e Clínica, pela Escola de Medicina e Saúde Pública (BAHIANA), para, dessa forma, agregar novos conhecimentos que servissem de suporte na minha vivência e pudesse melhor lidar com as realidades enfrentadas no ambiente escolar.

Em 2016, fui eleita Diretora Geral da Unidade Escolar pela comunidade local. Apesar de ser um cargo que requer dedicação, principalmente diante do grande número de compromissos, e por isso mesmo ser bastante cansativo, sinto-me agradecida a Deus por poder ajudar essas crianças e jovens da comunidade. Recebo muito apoio dos vice-diretores, dos professores, dos funcionários e reconhecimento que, sem eles, não seria possível realizar o meu trabalho com mais vitórias do que derrotas durante esses 20 anos.

Ah! como o tempo passa muito rápido! Chego na terceira idade ainda cheia de sonhos a realizar. Vendo minhas amigas de trabalho buscando o próprio desenvolvimento pessoal e profissional, eu me motivei também, surgindo daí o desejo de fazer o Mestrado. Assim, quando fui apresentada, por uma amiga, à minha atual orientadora e professora Doutora Elaine Rabinovich, em um evento de lançamento de um livro do grupo de pesquisa da qual esta é coordenadora, falei-lhe sobre o tema “O papel das tias na sociedade”, de modo que ela me incentivou com muita alegria. Foi assim que, depois da aprovação na seleção do mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, da Ucsal, iniciei minha árdua jornada de pesquisadora, no ano de 2017, sendo que me encontro atualmente desenvolvendo o mesmo tema, no nível de doutorado.

Eu desejava fortemente estudar essas novas famílias com as quais tenho me relacionado. Conviver com as famílias, tendo tanta proximidade com seus membros (mãe, pai, tio, tia, avó, avô, as crianças e os adolescentes), perceber que estes confiam na minha pessoa, que compartilham os mais diversos problemas comigo, que vêm a mim em busca de uma orientação, de uma ajuda, e até mesmo para fazer um desabafo, reforça o meu senso de responsabilidade para com essas pessoas. Percebendo o quanto estou envolvida nessa comunidade, sinto cada vez mais a necessidade de aproximação. Esse convívio tem me ajudado a entender como essas famílias estão estruturadas segundo os novos padrões da família brasileira, com seus diferentes arranjos familiares, as quais, todos os dias, têm lidado com situações complexas, para citar alguns: uso de drogas, homofobia, discriminação racial e social, mortes violentas de adolescentes e jovens, prostituição infantil, abuso sexual de menores, meninos e meninas envolvidas nos variados tipos de crime, altos índices de evasão e abandono escolar para trabalhar para ajudar a família nas despesas de casa. Todos os dias

recebo na Unidade Escolar avós, avôs, tios, tias, primos, amigos e vizinhos, todos com o objetivo de encontrar apoio para ajudar e cuidar dessas crianças e jovens, formando assim uma rede de apoio familiar.

**Figura 6:** Minha defesa no Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea na Ucsal, Salvador, 2019.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Associada a essa trajetória profissional e acadêmica, relaciona-se a minha experiência pessoal enquanto tia cuidadora, visto que tenho atuado na vida de meus sobrinhos, auxiliando-os nos mais diferentes aspectos (apoio financeiro, incentivo nos estudos, cuidados médicos, conselhos etc.), mesmo que estes possam contar com a presença e apoio de seus pais. Sendo assim, é de toda essa minha vivência e trajetória que veio o desejo de estudar a contribuição dos tios e das tias na vida dos sobrinhos e sobrinhas, para tentar compreender de que forma outros membros da família, além dos avós e assim como estes (para os quais há um considerável número de pesquisas), também participam dessa rede de apoio.

Nesse íterim, alguns membros da família (tios, irmãos/irmãs e primos/primas) continuavam residindo no Alto da Terezinha, construíram suas próprias casas, com exceção da minha tia Elisa, que se casou com um policial militar e logo após foram morar no bairro Vasco da Gama, onde tiveram seus cinco filhos (quatro meninos e uma menina). Após todos crescidos, eles compraram um terreno no bairro Nordeste de Amaralina e construíram uma casa. Atualmente todos residem em outros bairros de Salvador, fora do Subúrbio Ferroviário. E minha irmã Meire, que, após muitos anos residindo no bairro de Paripe (Subúrbio Ferroviário), após o casamento, se mudou para o centro da cidade (Brotas e Ipitanga).

## 2.5 ENTRE ALEGRIAS E LÁGRIMAS: SOBRE ENVELHECER E OUTRAS HISTÓRIAS

Gostaria de relatar um período em que a minha avó ficou doente. Eu tentei interná-la no Hospital Sagrada Família, que na época era apenas atendimento particular. Eu não tinha um centavo, mas, com “minha ousadia” eu a levei para esse hospital e chegando lá encontrei um médico que foi meu professor na UCSal, ele me deu um bilhete para que eu procurasse o diretor do Hospital Geral do Estado. Ele tratou a minha avó e ela sobreviveu por mais quatro anos, até falecer, aos 84 anos de idade. Durante esse período eu sofri muito, porque eu e minha avó nos gostávamos muito, era uma relação bastante forte. Quando ela viajava ou participava de algum passeio, sempre me levava. Foi a minha avó que me apresentou ao Carnaval de Salvador, bem como a todas as festas de largo (festas populares) que acontecem na capital baiana.

Logo em seguida, meu pai veio a falecer, depois de ser acometido de um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Nós o levamos a vários médicos particulares, apesar de ele já ter assistência médica do Planserv, porque era funcionário público do estado da Bahia. Quando ele piorou, isso em 1987, eu o levei para o Hospital Roberto Santos. Eu trabalhava na Chadler das 8h às 17h e, ao sair do trabalho, ia para a universidade, assistia aula até as 22h, daí tinha que ir para ficar no hospital à noite, para que meu cunhado pudesse ir para a casa dele descansar. Apesar de sermos uma família grande, todos tinham um motivo para não ficar com ele: minha mãe dizia que não gostava de hospital, minha irmã Meire era gerente das lojas Marisa e tinha dois filhos para acompanhar quando chegava do trabalho, pois as crianças passavam o dia inteiro com babás. A outra irmã dizia que não suportava ver meu pai naquela condição. Ao chegar ao quarto em que se encontrava meu pai, ele todo “mijado”, precisávamos trocar os lençóis, no entanto, como ele era um homem de 1,80 metros, era muito difícil para nós dois (eu e meu cunhado) executarmos essa função. No dia seguinte, depois que meu cunhado chegava para passar o dia com ele (meu cunhado, naquele momento, se encontrava desempregado), eu ia para a empresa Chadler, nem passava em casa. Assim, ao chegar à empresa tomava banho, tomava café e ia cumprir as minhas obrigações. Essa rotina durou aproximadamente um ano, até que ele veio a falecer em 1988.

Além desse episódio, outro momento triste na minha vida se deu quando o esposo da minha avó materna teve que amputar a perna, em virtude de diversos problemas de saúde, e eu tive que acompanhá-lo no hospital. Quando ele voltou para casa, tive que comprar uma cadeira de rodas para ele e pagar uma cuidadora para ambos, pois minha avó, nessa época,

ainda estava viva. Apesar de ele receber uma aposentadoria, eu fazia questão de pagar a cuidadora com os meus recursos. Quando a minha avó faleceu, ele passou a receber a pensão dela também, logo, eu percebi que não precisava mais pagar a profissional. Então foi a partir daquela data que ele a demitiu e ficou meu inimigo. Essa cuidadora era uma senhora também e já prestava serviços lá por mais de dez anos, mas não contribuía para o INSS, de modo que não poderia se aposentar. Assim, ele veio a falecer, e ainda estava zangado comigo, o que me deixou muito triste, pois eu sempre cuidei do bem-estar de todos os membros de minha família, penso que não merecia tamanho ingratidão.

Minha maior dor foi a perda da minha querida mãe, no ano de 2015, vítima de um infarto fulminante. Ela sempre fora minha companheira, amiga, irmã, e vibrava com cada conquista minha. Após sua partida, me senti sozinha e até hoje ela me faz falta. Desse modo, senti ainda mais o peso da responsabilidade em cuidar da minha irmã Lourdes e dos meus dois sobrinhos (seus filhos) que moravam com minha mãe.

Outro momento muito triste da minha vida se deu recentemente, com o falecimento da minha tia Maria, vítima de um AVC, aos 73 anos de idade, e mais especificamente porque ela foi uma das participantes dessa pesquisa sobre o papel das tias afrodescendentes, foco da presente tese.

Era um hábito de minha família – acredito que fazia parte de uma cultura – dar os seus filhos para que membros da própria família os batizassem. Assim o batizado se tornava afilhado e quem o batizasse passava a ser sua a madrinha, além de se tornar comadre do familiar. Um exemplo é a minha tia Maria. Quando nasceu seu primeiro filho, eu tinha 25 anos de idade, e ela me deu para batizar. Infelizmente a Covid 19 o tirou de mim em 2021, esse meu primo e afilhado. Foi um momento muito triste para toda a família, mais uma vez precisei ser bastante resiliente para superar mais essa perda e conviver com o luto em minha trajetória de vida familiar.

Um dos meus irmãos casou-se com uma jovem da nossa comunidade. Eu dei todo apoio, pois a família da moça não tinha nenhuma condição de realizar esse casamento. Seis meses depois do matrimônio, ela engravidou e eu, claro, fiquei contente, afinal era mais um membro na família, que trazia a esperança de dias melhores. Aquele menino, com seu jeito de um anjinho, chegou à adolescência e se tornou a pessoa mais desobediente da família e acabou se envolvendo no mundo das drogas com apenas 13 anos de idade. De vez em quando ele surtava, levei ao psiquiatra que diagnosticou hiperatividade e transtorno bipolar, com isso ele passou a ser acompanhado sempre e a fazer uso de medicamentos de uso controlado. Considero que, dentre os momentos mais triste que tive na vida, a perda da minha mãe e o

envolvimento de meu sobrinho no mundo das drogas foram os mais marcantes e que me causaram maior sofrimento. Mais uma vida de luta e sofrida dessa tia que faz tudo pelos sobrinhos. Lutei tanto para tirar esse meu sobrinho dessa vida e hoje agradeço tanto a Deus, pois o vejo já adulto, trabalhando, constituindo família e até o momento ele tem levado uma vida “normal”.

Nessa minha jornada autoetnográfica, como estratégia de levantamento de dados, fui algumas vezes visitar minhas tias e, nesses encontros, conversávamos sobre nossas vivências do passado. Numa dessas ocasiões, encontro com a tia Maria, que, mesmo debilitada, devido ao AVC sofrido, me recebeu com muito entusiasmo. Conteí-lhe sobre a proposta da pesquisa e logo ela foi narrando sobre as memórias do ser tia. Ela diz: *“Madalena eu sempre considereí você como uma filha, cuideí de você quando você nasceu, eu lembro que eu tinha oito anos de idade e sua mãe saía pra trabalhar”*. Essas recordações me fizeram pensar que eu posso ter herdado, se é que isso seja possível, esse modo de ser tia.

A tia Elisa, no auge dos seus 82 anos, me confessou que ficou muito feliz pela minha pesquisa e senti que ambas as tias sentiam muito orgulho por ter uma sobrinha que tem representado as mulheres negras da família, por ter buscado realizar os seus sonhos e se empoderar num mundo machista, e que isso também as representavam. Ela me conta:

*Sou filha de uma família cuja primeira geração se originou de uma mulher que chegou no Brasil na condição de escrava, que trabalhou muito na roça, a minha avó materna, minha mãe, mulher negra descendente dessa escravizada que lutou muito para criar seus quatro filhos, em uma cidadezinha do estado da Bahia, conhecida como Coração de Maria, onde vivi até os meus 22 anos de idade com a família do meu pai, que era um homem branco, filho de um grande fazendeiro da cidade onde minha avó viveu e teve os seus quatro filhos. Naquela fazenda, sabia-se que tinha avó da parte da minha mãe, mas não ouvia falar quem eram os meus bisavós paternos.*

*Ali, ainda criança, trabalhava feito adulto na roça, apesar de haver um homem que dizia ser meu pai, porém não era marido de minha mãe. Éramos quatro, eu, uma irmã mais velha, uma mais nova que eu e um irmão. A minha irmã mais velha sempre foi decidida e cheia de força espiritual, e na fazenda acontecia coisas as quais deixava minha irmã muito chateada, eram considerados pretos como minha mãe e minha avó; contudo, recebíamos o mesmo tratamento que os empregados da fazenda.*

*A minha avó por parte de pai tinha vários filhos e como um deles era nosso pai, os outros eram nossos tios, entre eles tinha um que queria fazer de minha irmã mais velha sua amante, o que motivou a sua vinda para capital sozinha e viver em uma cidade grande trabalhando como doméstica em casa de família, em hotéis, lavar roupa de ganho até ter condição de mandar pegar a minha mãe, eu e meus dois irmãos. A partir daí, ficamos difamadas, pois*

*as pessoas que diziam ser nossos parentes por parte do meu pai começaram a dizer que minha irmã tinha se tornando uma mulher da vida e que foi buscar a mãe e as irmãs para viverem da prostituição. (Tia Elisa, 2023)*

Outro dia eu retornei à casa da tia Maria, para fazer-lhe uma visita e ver como ela estava de saúde. Nesse momento chega sua filha Rita, minha prima, que logo me interpelou sobre a minha pesquisa. Relatei o título do estudo, além de esclarecer que minha pretensão era fazer um estudo entrevistando alguns membros da nossa família que tiveram como ancestralidade a nossa bisavó que veio ao Brasil na condição de escrava. Como Rita é mais nova em idade, não conhecia a história da nossa bisavó, então eu passei a relatar, o que a deixou muito entusiasmada e interessada em participar da pesquisa. Assim ela narra sua experiência:

*Ser tia, né, vamos dizer assim: o que é ser tia? Na verdade, para mim, ser tia é ser mãe, porque você acaba exercendo a função da mãe. Eu, antes de ser mãe, já era tia dos meus sobrinhos e eles, como ficavam sempre comigo, onde eu ia, festinha, praia, viagem, final de semana, sempre estavam comigo, então acabei me tornando um pouquinho mãe deles, né? E quando eu vim ter filho, já tinha meus sobrinhos. São mais velhos do que minha filha, então eu já tinha essa mania, já tinha esse jeito de cuidar deles. Minha irmã trabalhava, eles ficavam aqui comigo, e escola, festa e reunião de escola, tudo quem resolvia era eu. Então, ser tia, na verdade, é dividir a maternidade com a irmã ou com o irmão, vamos dizer assim.*

*E para completar a minha função de tia, eu acabei sendo pedagoga, que também traz pra gente a função de ser um pouco mãe, porque tem que cuidar de filhos dos outros. Então, na verdade, ser pedagoga também influenciou muito essa questão aí de ser tia. Até porque na escola, né, antigamente, né, vamos dizer assim, os alunos chamavam a professora de tia. Então, já tem uma função também de cuidar, de educar, de transmitir o conhecimento, exercendo a função da mãe.*

*E hoje em dia, eu sou tia avó, que já sou tia dos filhos dos meus sobrinhos, e agora mesmo tem dois novos membros na família, um tem nove meses e o outro tem dois meses, então eu já sou tia avó deles. Sou bem apegada também a um que mora próximo, o outro mora mais longe, mas, se estivesse mais próximo, teria o mesmo tratamento que a gente dá, né? Que, como se fosse meu filho, dou banho, dou comida, ele só gosta de ficar comigo. Digo: “Bora pra rua”. Ele vai. Quer comer, eu dou comidinha na boca dele, tudo isso. Então, ser tia, na verdade, é ser um pouquinho mãe também, né? Toda tia é uma mãe, mesmo que não tenha filhos (Prima Rita, 2023).*

## 2.6 CAMINHOS DE SABER: A JORNADA EDUCATIVA DE UMA FAMÍLIA AFRODESCENDENTE NA BAHIA

Como já relatei aqui nessa tese, minha mãe teve seis filhos: quatro mulheres e dois homens. A minha tia Eliza se casou com um policial e teve cinco filhos: quatro homens e uma moça. A minha tia Zulmira teve quatro filhos: três homens e uma mulher. A minha tia Maria teve nove filhos: sete meninos e duas mulheres. Informo isso para abordar aqui como as mulheres negras da minha família sempre enfrentaram situações extremamente desfavoráveis. Apesar disso, elas são mães que cuidaram de sua prole com muito carinho e lutaram para que nada faltasse às suas famílias.

As mulheres da minha família, que vieram do interior por iniciativa da minha avó e de minha mãe/tias, criaram seus filhos no Subúrbio Ferroviário, com poucas exceções, conforme eu já apontei anteriormente. Por exemplo, o Nordeste de Amaralina é um bairro periférico, com muita violência, onde os jovens vivem em condições de vulnerabilidade, onde o tráfico de drogas mais recentemente tomou conta do local. Meus primos e primas foram criados lá, porém, tanto minha tia quanto seu esposo souberam conduzir os filhos de forma que todos eles fizeram um movimento diferente. Apesar de viver na periferia, num bairro perigoso, violento, eles decidiram que estudar seria a melhor opção. Nessa época, nós ainda adolescentes, conversávamos muito a respeito de estudo. Eu era a mais velha e estava sempre passando para eles o que eu queria da minha vida e eles foram seguindo os meus passos também.

Eu sou a mais velha da terceira geração (contando a partir dos meus avós) e sou a primeira da família a cursar uma universidade. Depois de mim, meus primos e primas foram concluindo o segundo grau (atual Ensino Médio) e todos os filhos da minha tia Elisa também cursaram universidade: são três advogados, um deles também é contador e há um que fez Economia na UFBA. Profissionalmente, eles são bem-sucedidos, assim como eu também sou. Atualmente eles trabalham em diversos órgãos do governo estadual, como no Tribunal de Contas e na Justiça do Trabalho, enquanto o outro é major da Polícia Militar da Bahia.

Os filhos da minha tia Zumira conseguiram cursar o Ensino Médio, depois fazer cursos profissionalizantes e hoje todos vivem de forma digna. Quanto à minha tia Maria, esta foi a que teve maior prole. Seus filhos não acessaram uma universidade, mas fizeram cursos profissionalizantes, e hoje eles desenvolvem diversos tipos de profissões, em nível técnico, e também vivem de forma honrosa.

Dos meus irmãos, eu fui a única na família a cursar uma universidade e a trilhar o meu

caminho acadêmico, mas minhas três irmãs fizeram curso técnico e trabalham na área escolhida, sendo que uma delas se tornou “apenas” dona de casa. Quanto aos meus sobrinhos, existe um deles que está cursando Administração numa faculdade particular, sob minha tutela, visto que sua mãe, minha irmã, não teve muitas condições financeiras para ajudá-lo. Tenho outro sobrinho que trabalha na área da Ciência da Computação e há dois meninos e uma menina que estão no Ensino Médio. Tenho também mais dois sobrinhos, filhos de meu irmão, que também estão no Ensino Médio e cursando modalidades técnicas. Tenho um irmão, esse foi o que teve cinco filhos: a menina é técnica em enfermagem, também de família bem humilde, pois meu irmão vive desempregado e sem muitas condições financeiras para ajudar os filhos. Esses são os que mais recebem minha ajuda.

## 2.7 ENTRE LAÇOS E NARRATIVAS: UMA AUTOETNOGRAFIA SOBRE O PAPEL CENTRAL DA MÃE E DA MULHER NA FAMÍLIA

### *Vozes-Mulheres*

*A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.*

*A minha voz ainda  
ecoou versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.*

*A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato  
O ontem - o hoje - o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.*

(Evaristo, 2017)

O ano era 1953. Aquela moça com apenas dezoito anos de idade saiu de sua terra natal, uma cidadezinha localizada no interior da Bahia, chamada Coração de Maria, para viver em Salvador, a uma distância de aproximadamente 120 quilômetros. Com essa mudança de cidade, pretendia iniciar um movimento para mudar a sua vida em busca de dignidade, respeito e de uma existência menos sofrida, fugindo da pobreza ou mesmo da miséria. No entanto, esse movimento para viver na capital do estado, uma cidade grande, aconteceu em uma época em que eram negados às mulheres todos os direitos.

O desejo dessa mulher, minha mãe (Figura 7), era começar o empoderamento das mulheres de uma família que teve sua ancestralidade a partir de uma negra nascida em torno dos anos de 1847, o que me levou a pesquisar a sua etnia. Refiro-me à minha bisavó, que vivia em Coração de Maria, uma cidade histórica, onde teve quatro filhos: duas mulheres e dois homens, todos negros.

Foi preciso ir a campo comprovar a sua origem étnica. Para essa confirmação, alguns dados foram observados, como comportamentos, hábito, vestuário. Nessa busca, foi possível descobrir que ela tinha o hábito de não calçar os pés. A sua vestimenta era típica de africanas: saias longas, franzidas e estampadas, blusas também estampadas, com babados e os ombros à mostra. Minha bisavó tinha cabelo bastante crespo e usava torso espantalho, no estilo africano. Quando eu a conheci ela já contava com 111 anos de idade. Levando em consideração a sua idade, foi possível refletir na possibilidade de ela ter vindo para o Brasil na condição de escrava ou de ter vivido no Brasil depois da Lei Áurea, que decretou a liberdade dos escravizados afrobrasileiros.

Minha mãe, aos dezoito anos de idade, foi a primeira a fazer o movimento de sair da cidade pequena para ir viver uma nova vida na cidade grande, deixando para trás, por um tempo, sua própria mãe, um irmão e duas irmãs. Naquela época, no Brasil, a família era predominantemente patriarcal (Freyre, 1981), portanto, diante da atitude de minha mãe, foi desencadeado, por parte da família paterna, que era constituída por pessoas brancas,

fazendeiras, um falatório contra ela, sendo taxada de prostituta, pelo fato de ter saído de casa para trabalhar na cidade grande. A partir dessa episódio, a família paterna deserdou também minha avó, pois a considerava a culpada de tudo, e também todos os filhos dela. O pai de minha mãe era um homem branco, de olhos azuis, filho de um fazendeiro, e tinha outros filhos. A minha avó era negra e filha de ex-escrava.

**Figura 7:** Minha mãe à esquerda e seu compadre e comadre à direita..



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

Na cidade grande, após conseguir trabalho e residência fixa, minha mãe mandou buscar o restante da família que estava em Coração de Maria, para ficar com ela. O meu avô paterno deserdou também suas irmãs, dizendo que elas teriam ido para fazer parte do bordel que a minha mãe tinha fundado em Salvador. Ao chegar à capital, a família passou por grandes dificuldades, porém, com resiliência, foram se empregando como domésticas, faxineiras, trabalharam em grandes hotéis de luxo em Salvador, além de lavar roupa de ganho, quando estavam de folga.

Para uma família praticamente expulsa de sua terra natal, uma mulher/mãe veio fazer o caminho inverso ao esperado naquela época. Como uma forma de empoderamento feminino, ela decidiu mudar para melhor o caminho dela, a vida dela, e fez isso por meio do trabalho, nunca deixando de nos orientar e alertar que a melhor forma de vencer na vida seria estudar e trabalhar. E isso nós fizemos. Então, eu penso que tenho essa força justamente por causa desse jeito de minha mãe.

Ela sempre foi uma mãe muito presente, muito cuidadosa, trabalhava muito para nunca nos deixar faltar nada, mas ela nunca foi de estar beijando, de estar nos abraçando. Nós conversávamos muito, ela não queria apenas nos passar informações, mas queria também nos

formar pessoas de bem, queria que seus filhos tivessem uma postura corajosa, valente, para enfrentar dificuldades que a vida iria nos colocar nas nossas trajetórias.

Atribuo a todas nós, e aos meus primos também, o fato de essas mulheres de minha família terem passado por alguma dificuldade, o que as orientou a criarem seus filhos para que fossem vencedores. Vencedores sim, ricos não, embora nenhum tenha passado por dificuldades, pois não falta o alimento, não falta a moradia. Comparando com a vida que tivemos na infância e adolescência, na origem da vida de minha mãe e da avó negra, filha de uma ex-escrava e expulsas da fazenda da família paterna, estamos todos nós, de certa forma, bem estabilizados. Alguns continuam estudando, como meu primo, que fez o curso de Direito, hoje trabalha no Tribunal de Contas do Estado e está se preparando para fazer o concurso para juiz. E eu mesma, que estou alcançando o título deste Doutorado em Família, pela Universidade Católica de Salvador.

## 2.8 TIA POR DESTINO: UMA JORNADA AFETIVA E OS VÍNCULOS QUE ME TORNARAM FAMÍLIA

Em 17 de junho de 1984, minha família recebe mais um membro, que, para meus pais, seria o primeiro neto, filho de minha irmã, a terceira entre as quatro filhas de Dona Margarida e Seu Raimundo. O início da gestação dela para nós foi um susto, e meu pai, como todos os pais da época, tinha outro sonho para ela, que não era a maternidade. Diante da indignação do meu pai, eu passei a assumir toda a responsabilidade por ela e pelo filho, meu primeiro sobrinho, ainda no ventre da minha irmã. Eu estava com os meus vinte sete anos, solteira, trabalhava e possuía certa independência financeira. A partir daí comecei a assumir tudo que era relacionado à vida de ambos, mãe e filho.

Quando eu saía para trabalhar, muito preocupada, sempre deixava o dinheiro para minha mãe pagar o táxi, caso minha irmã começasse a sentir as dores do parto. Depois que o bebê nasceu, eu passei a cuidar dele e, já crescidinho, eu fazia questão de levá-lo a cada festinha de aniversário ou para as festas de confraternização na empresa. Quando ele completou a idade de poder ingressar na educação infantil, lá estava eu, muito feliz, procurando uma escolinha no bairro para matriculá-lo. Comprava o fardamento e todos os materiais pedagógicos solicitados. Continuei acompanhando toda a trajetória escolar dele até o ingresso em uma universidade particular, onde cursava Administração de Empresas, que foi uma escolha pessoal dele, mas que também exerci grande influência. Ainda nos dias

atuais, mesmo ele já adulto e se aproximando dos 40 anos de idade, tento ajudá-lo quando sou solicitada.

Passando o tempo, vieram os outros filhos das irmãs e irmãos, e eu tive a mesma dedicação e preocupação de orientá-los em todas as áreas da vida. Atualmente, tenho onze sobrinhos e sobrinhas. E foi essa dedicação observada por uma amiga que me incentivou para que eu escolhesse o tema da minha pesquisa do Mestrado, e me submetesse à seleção, com o projeto intitulado “O papel das tias em famílias moradoras do Subúrbio Ferroviário de Salvador-Bahia.” E aqui estou eu, prosseguindo nessa temática, abordando a relação das tias numa família afrodescendente.

Atualmente, o sobrinho mais novo está com vinte anos de idade. E todos estudaram na Unidade Escolar na qual eu sou gestora. Todos estão trabalhando, e alguns, além do trabalho, também estudam. Estamos sempre próximos nas festas de família e comemorações. Existe uma facilidade de diálogo entre nós. Às vezes me questiono: será que foi a minha opção em não ser mãe que estreitou esse laço entre nós?

Quando o meu primeiro sobrinho ainda era criança, casei-me, ainda assim o meu relacionamento com todos os sobrinhos e sobrinhas permaneceu, de maneira sólida. O que mais desejo é que eles sejam felizes, respeitadores, companheiros e que vejam nos estudos a oportunidade de mobilização social, assim como foi e está sendo para mim.

## PARTE III

### 3. O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

*“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias”.*

(Paulo Freire)

Por um momento, fiquei em dúvidas se deveria escrever sobre o método (ou os métodos), mas refletindo um pouco melhor sobre a pretensão deste estudo (ser uma tese acadêmica), escolhi deliberadamente apontar aqui os principais atalhos que tomei nessa minha árdua coparticipação no percurso da pesquisa. Assim, trago Ingold (2019, p.12), que muito esclareceu sobre minha inquietação inicial:

Os métodos são os guardiões da objetividade, acionados para garantir que os resultados da pesquisa não sejam contaminados por um envolvimento muito íntimo ou afetivo dos pesquisadores com os povos que eles estudam. Para a antropologia, contudo, esse envolvimento é essencial. Todo estudo demanda observação, mas, na antropologia, a observação será não pela objetificação dos outros, mas prestando atenção a eles, vendo o que fazem e escutando o que dizem. Estudamos com as pessoas, ao invés de fazer estudos sobre elas. (INGOLD, 2019, p.12 - Grifos do autor)

Com isso, tomei a liberdade de escrever sobre o método, porém, de um modo mais específico. Tomo de empréstimo Ingold (2015), quando este cita Mills, argumentando: “Que cada homem seja seu próprio metodólogo, que cada homem seja seu próprio teorista, que teoria e método novamente se tornem parte da prática do ofício” (INGOLD, 2015, p. 343), então nasce “uma autoetnografia de uma tia afrodescendente”, que escrevo a seguir.

#### 3.1 UMA AUTOETNOGRAFIA DE UMA TIA AFRODESCENDENTE

Descobrir e compartilhar as profundas experiências de uma tia afrodescendente é mergulhar na rica tapeçaria cultural e ancestral de uma família. Uma autoetnografia cuidadosamente elaborada pode revelar as alegrias, lutas e tradições que tecem a história de uma tia e, por extensão, a de toda a comunidade afrodescendente. Das memórias de

celebrações animadas aos desafios enfrentados diariamente, esta autoetnografia oferece um olhar íntimo e emocionante sobre a vida de uma tia de origem africana. É uma narrativa que nos convida a contemplar a resiliência, sabedoria e beleza que moldaram a jornada única dessa figura familiar. Ao imergirmos nesse reflexo autêntico e esclarecedor, somos instigados a reavaliar noções preconcebidas e valorizar vozes historicamente marginalizadas. O presente estudo convida o leitor a explorar minha vida, enquanto tia de origem africana, por meio de uma lente afetiva e culturalmente enraizada.

Neste momento, abraço o conceito de autoetnografia, apontado por diversos autores, entre eles Chang (2008) e Ellis (2004). Para os autores citados, esse método é uma forma de pesquisa qualitativa que busca compreender a experiência cultural de um indivíduo ou grupo por meio da reflexão pessoal e da contextualização social (CHANG, 2008; ELLIS, 2008). Assim, ao contar a minha história no papel de tia afrodescendente, a autoetnografia permitiu uma análise profunda das experiências vividas, das interações sociais e das influências culturais que moldaram minhas marcas identitárias. Esta abordagem oferece uma visão única e autêntica, destacando a importância da narrativa pessoal na compreensão da diversidade cultural e da herança ancestral. Desse modo, proporciona uma oportunidade de explorar as nuances de minha identidade em um contexto cultural mais amplo, revelando as complexidades e a riqueza de minha história pessoal e familiar.

Além disso, trata-se de um texto memorialístico, que, segundo as definições de Silva (2016), é um tipo de texto literário cujo objetivo principal é resgatar e registrar lembranças pessoais e experiências vividas pelo autor. Esse gênero textual está intimamente ligado à memória e à narrativa autobiográfica, permitindo que o autor compartilhe suas recordações, sentimentos e reflexões sobre eventos do passado. Silva (2016) e Nora (1993) argumentam que a memória é seletiva, está moldada por experiências vividas e emotivas, e muitas vezes é conectada a lugares específicos e a eventos marcantes.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.[...] a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...] porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções (NORA, 1993, p. 9).

A família desempenhou um papel central nessa autoetnografia, pois é por meio das relações familiares, das tradições compartilhadas e das histórias transmitidas que a identidade cultural e ancestral é enraizada (GEERTZ, 1989). As interações familiares, os rituais e as crenças transmitidas de geração em geração desempenham um papel fundamental na formação da identidade da tia afrodescendente. (DAVIS-SOWERS, 2006). A autoetnografia permite uma reflexão sobre as influências familiares, os laços emocionais e os ensinamentos transmitidos, revelando a importância de reconhecer e honrar a herança cultural e as experiências vividas dentro da estrutura familiar. Ao acessar, nesta autoetnografia, minha condição de tia afrodescendente, lanço o convite para apreciar a influência transformadora da família em sua jornada pessoal e para reconhecer o papel vital das relações familiares na preservação e transmissão da cultura de origem negra africana.

As experiências culturais e as tradições desempenham um papel significativo nesta autoetnografia, pois refletem a riqueza e a diversidade da herança cultural que moldou minha identidade. Desde celebrações festivas (os aniversários e casamentos) até práticas cotidianas, as experiências culturais e as tradições oferecem uma janela para a rica tapeçaria cultural que enriqueceu minha vida de tia afrodescendente. Por meio da autoetnografia, somos convidados a mergulhar nas práticas culturais, nas expressões artísticas e nas tradições transmitidas ao longo das gerações (GEERTZ, 1989), proporcionando uma compreensão mais profunda da conexão do Eu-Tia com minha herança cultural. Ao explorar as experiências culturais e as tradições na autoetnografia, aprendemos a valorizar e preservar as práticas culturais que sustentam a identidade afrodescendente, reconhecendo a importância de manter viva a herança cultural para as gerações futuras.

Apesar dos desafios enfrentados, eu, enquanto tia afrodescendente, encontrei poder e significado em abraçar e celebrar minha herança ancestral. A autoetnografia memorialística (como eu resolvi adotar aqui nesta tese, enquanto um método de pesquisa e de escrita) ofereceu um espaço para destacar as expressões de orgulho, resistência e celebração que permeiam a minha vida, revelando a importância de reconhecer e promover a valorização da herança cultural. Ao explorar a minha história de vida, conseguimos apreciar a resiliência e a vitalidade da comunidade afrodescendente, reconhecendo a importância de valorizar e preservar as tradições, os costumes e as expressões culturais que enriquecem a vida familiar e de toda a comunidade.

Nesse sentido, a reflexividade é um princípio fundamental na prática da autoetnografia, pois envolve a autoconsciência e a autorreflexão do pesquisador em relação ao seu próprio papel e posicionamento na pesquisa (JONES *et al.*, 2013). De acordo com Ellis

(2004), ao adotarem uma postura reflexiva, os autoetnógrafos reconhecem e exploram suas próprias influências, preconceitos e suposições, buscando compreender como suas experiências pessoais moldam sua compreensão do mundo ao seu redor (ELLIS, 2004).

A reflexividade na autoetnografia permite que o pesquisador reconheça a complexidade de sua própria subjetividade e como isso influencia a interpretação e representação de suas experiências. Tal consciência reflexiva não apenas promove uma abordagem mais crítica e autoconsciente à pesquisa, mas também enriquece as narrativas resultantes, oferecendo uma compreensão mais profunda e contextualizada das experiências pessoais dentro de estruturas culturais mais amplas. (JONES *et al.*, 2013; ELLIS, 2004)

### 3.2 MÉTODOS E TÉCNICAS USADAS NESTA AUTOETNOGRAFIA-MEMORIALÍSTICA

Além da coleta de dados, as técnicas de análise na autoetnografia frequentemente envolvem a interpretação reflexiva das experiências pessoais, bem como a busca de padrões, significados e conexões culturais mais amplos. A natureza multifacetada dos métodos e técnicas na autoetnografia reflete a complexidade e a riqueza das experiências humanas, fornecendo uma base sólida para a exploração aprofundada das relações entre o indivíduo e a cultura (ELLIS, 2004).

Essa técnica tem sido amplamente adotada e aplicada em uma variedade de contextos acadêmicos, resultando em estudos impactantes que oferecem *insights* significativos sobre questões culturais, sociais e individuais. Por exemplo, pesquisas autoetnográficas têm explorado temas como migração, identidade de gênero, saúde mental, experiências de imigração e assimilação cultural, entre outros. Esses estudos forneceram perspectivas valiosas sobre as experiências vividas e as dinâmicas culturais subjacentes a essas experiências, contribuindo para uma compreensão mais profunda da diversidade humana. (ELLIS, 2004).

Os impactos desses estudos autoetnográficos se estendem além do domínio acadêmico, na medida em que trazem informações sobre políticas, práticas e intervenções sociais que buscam abordar questões relacionadas a diversidade, inclusão e justiça social. Ao dar voz às experiências pessoais e contextualizá-las dentro de estruturas culturais mais amplas, a autoetnografia desempenha um papel crucial na ampliação do conhecimento e na promoção da empatia e compreensão entre diferentes grupos e comunidades (PELIAS, 2004).

A prática da autoetnografia levanta questões éticas significativas relacionadas à representação, confidencialidade, consentimento informado e responsabilidade do pesquisador em relação às narrativas pessoais compartilhadas. Devido à natureza íntima das experiências pessoais exploradas nessa forma de abordagem, os pesquisadores devem pontuar essas considerações éticas com sensibilidade e cuidado, garantindo o respeito e a proteção dos participantes e suas histórias (PELIAS, 2004).

Além disso, esse método também requer uma reflexão contínua sobre o impacto e as implicações éticas das narrativas compartilhadas, especialmente no que diz respeito a questões de representação, poder e inclusão (ELLIS, 2004). Ao enfrentarem essas considerações éticas de maneira criteriosa e responsável, os autoetnógrafos podem garantir que suas práticas de pesquisa respeitem a dignidade e a integridade das pessoas envolvidas, promovendo uma abordagem ética e sensível à coleta e representação de narrativas pessoais. (ALMEIDA, 2020). Nesse sentido, deixei-me envolver pelo que apontou Ingold (2019).

A vida é uma questão de decidir como viver e envolve, a todo momento, a possibilidade de ramificar-se em diferentes direções, nenhuma das quais é mais normal ou natural do que qualquer outra. Como os caminhos fazem ao andar, devemos continuamente improvisar modos de vida conforme avançamos, abrindo novas trilhas, mesmo quando seguimos os rastros de nossos predecessores. Contudo, nós não o fazemos sozinhos, mas na companhia de outros. Como os fios de uma corda, vidas se entrelaçam e se sobrepõem. [...] Nenhum fio segue para sempre; assim como uns se vão, outros se unem. É por isso que a vida humana é social: é o processo contínuo e coletivo de descobrir como viver. Todo modo de vida, portanto, representa uma experiência comunitária acerca de como viver. Ele é uma resposta ao problema da vida da mesma forma em que o caminho é uma solução para o problema de como chegar a um destino ainda desconhecido (INGOLD, 2019, p.7).

O que se afirma sobre a vida, nessa passagem, acredito que também se aplique ao meu percurso, quando me proponho a embarcar na pesquisa autoetnográfica. Em cada momento, precisei decidir o tipo de pesquisa que me propunha a realizar e o tipo de pesquisadora que eu desejava ser. Contudo, é fundamental ter consciência de que nosso caminho se constrói ao caminhar e, portanto, devemos estar abertos ao imprevisto e à descoberta de novos caminhos. Nossa missão é encontrar nosso próprio caminho em meio às ruínas do que considerávamos uma verdade estabelecida, mas que, em algum ponto do percurso, se revelou inadequado para o propósito que almejávamos. E isso se deu, inexoravelmente, após a avaliação da Banca de

Qualificação do projeto de pesquisa. Foi a partir daquele fatídico dia, quando os avaliadores receberam um projeto ainda embrionário, em vez do projeto que já estava pronto, por um equívoco, desses que acontecem rotineiramente quando lidamos com arquivos diversos em nosso computador pessoal. Enfim, esse “erro” foi para mim mais benéfico que maléfico, porque, somente a partir daquele episódio foram possíveis as recomendações dos professores e professoras, com larga experiência nessa trajetória acadêmica, e que serviram como base de apoio para a escrita final ora apresentada.

Dessa maneira, busquei retornar ao campo, visitando a cidade de Coração de Maria, conversei com alguns parentes que ainda vivem por lá. Além de que, eu também, muito recentemente, adquirei alguns lotes de terras, tipo roçado, com o objetivo de lazer para mim e para meus familiares, mas sobretudo como forma de resgatar o que foi tirado da minha mãe, da minha avó e de minhas tias e tios, quando foram expulsos de lá por parte da família branca da minha mãe, já aqui relatada no início desta tese.

Na sequência, busco descrever os territórios de vivências de minha família. Esse lugar que faz parte de nossas experiências mais íntimas, e para mim mais que isso, faz parte de minha essência negra, com ancestralidade africana. Daí afirmar que esta tese constitui-se em uma abordagem qualitativa com estudo de caso autoetnográfico e memorialístico. O método da “escrevivência” possibilitou imprimir às narrativas um tom menos acadêmico e menos colonizado, permitindo assim a expressão do Eu-Tia-Negra.

De modo complementar ao trabalho de escrita, utilizei algumas fotografias que serviram não apenas para enriquecer e ilustrar esta tese, mas também para lembrar os fatos vividos e poder contá-los sem muitas lacunas. Embora reconheça os limites inerentes ao emprego dessas técnicas de pesquisa, os benefícios que proporcionam à investigação superam essas preocupações, conforme observado por Campos (2011) no trecho a seguir:

Dada a riqueza e amplitude das informações fornecidas, assim como a relativa facilidade de aplicação, a utilização de fotografias e vídeos tem ganhado crescente utilidade, impulsionando a inovação nos procedimentos e exigindo uma reavaliação das práticas científicas. Torna-se crucial, portanto, reexaminar o papel desses recursos, bem como sua capacidade de integração e renovação dos paradigmas metodológicos validados pela academia (CAMPOS, 2011, p. 238).

Portanto, essa pesquisa teve como participante principal, eu-tia (66 anos), as narrativas da minha saudosa tia Maria (73 anos), da minha tia Elisa (83 anos) e da minha prima Rita (56 anos). Ainda que elas tenham participado indiretamente, os critérios éticos precisaram ser seguidos, então solicitei-lhes que assinassem o Termo de Consentimento Livre

e Esclarecido (TCLE), disponibilizado pela Universidade Católica do Salvador (que se encontra no apêndice deste trabalho) e respondessem às seguintes questões: “Conte-me sobre a história da nossa família”. Ao longo da narrativa alguns questionamentos foram realizados, a fim de esclarecer ou de abarcar os pontos do tema desta tese: “O papel da tia na família afrodescendente”. Então emergiram as perguntas-chave: - Como você é, enquanto tia nessa família? - Qual é a sua opinião sobre o papel de uma tia em uma família?

Para tratar do local de pesquisa, trago a seguir as principais informações da cidade de Coração de Maria e do Subúrbio Ferroviário de Salvador.

### 3.3 CIDADE DE CORAÇÃO DE MARIA: O PULSAR DE UMA COMUNIDADE VIBRANTE

A minha memória individual e afetiva vai até Coração de Maria, para reviver a época em que essa família teve o seu começo, tendo essa localidade como pano de fundo. O município de Coração de Maria se estabeleceu a partir da existência de um povoado na fazenda pertencente a Bento Simões, em meados do século XVIII, conhecido por “Lajes”. Em 1848, João da Mata, Macrino Simões Ferreira e Antônio Fidélis de Cerqueira Daltro, por serem devotos, construíram uma capela coberta de palha, onde hoje está localizada a sede do Distrito de Itacava. (PORTAL DO SERTÃO, 2022). Essa capela foi consagrada ao Santíssimo Sagrado Coração de Maria, que foi anexada à Freguesia do Santíssimo Sagrado Coração de Jesus do Pedrão, e a partir daí o fluxo de pessoas que se dirigiram às reuniões religiosas favoreceu o progresso da região.

Em meados de 1849, com a chegada do jesuíta Frei Paulo de Carnicalle, houve o incentivo à construção da Igreja Matriz, em substituição à capela já existente, a qual foi elevada, em 1853, à Freguesia e ao Distrito de Paz, com o nome de Santíssimo Sagrado Coração de Maria. O Arraial-sede dessa Freguesia foi elevado à Vila em 10 de março de 1891, por força do Decreto nº 199, assinado pelo governador baiano José Gonçalves da Silva. Sua instalação foi resultado do esforço e da influência política do senador estadual José Félix de Carvalho, então coronel da Guarda Nacional, que se tornou seu primeiro-chefe e dirigente político, até 1906, data em que foi inaugurada a chamada “Era dos Dalto”. Originalmente, o município mariense compreendia uma extensão territorial bem maior. De acordo com os limites estabelecidos por ocasião de sua instalação, o município foi formado por terras eclesiásticas da antiga Freguesia do Santíssimo Sagrado Coração de Jesus dos Perdões e de Campinhos, desmembrados do município de Santo Amaro da Purificação e do distrito de São

Simão, estas comarcas desmembradas do município de Nossa Senhora da Purificação dos Campos do Iará, demonstrando que a força e a influência política do coronel José Félix de Carvalho davam sinais de desgastes no final do século XIX e início do século seguinte (PORTAL DO SERTÃO, 2022).

O município fica localizado na Zona Fisiográfica de Feira de Santana e está parcialmente incluído no Polígono das Secas. A área do município é de 267 km, uma das menores do estado, de clima subtropical. Em algumas áreas próximas a Feira de Santana encontra-se a caatinga, vegetação típica do clima semiárido. O território é pouco acidentado, apresentando pequeno relevo na parte sul e sudeste, “recôncavo”, com a predominância de massapê. A principal serra é a Zabelê, cujo nome é derivado da grande quantidade da ave deste nome que ali existia. O rio mais importante é o Pojuca, receptor das lagoas que conservam água nos estios, e as mais conhecidas são as da Porta, da Pedra e a do Mato (PORTAL DO SERTÃO, 2022).

Existe uma pequena reserva de mata para extração de madeiras e, no rio Salgado, localizam-se importantes fontes de água medicinal magnésiana-cálcica em exploração, cuja alcalinidade é das mais elevadas no País. Existem pequenas reservas de matas para extração de madeiras e tabuleiros que fornecem lenha no Engenho da Raiz Mangalô e nas terras do ex-deputado Francisco Pinto. Pouca coisa existe da extinta Mata Atlântica que cobria todo o municípiomariense.

Os moradores da localidade do Mangalô utilizam os cipós recolhidos da mata para fazerem o artesanato que é comercializado em cidades circunvizinhas. As principais atividades econômicas dos habitantes do município são vinculadas à agricultura e à pecuária. A maior produção encontrava-se na agricultura do abacaxi que, durante muito tempo, foi fonte de renda para o município, servindo de exportação para outros estados do Brasil, tais como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio Grande do Sul.

Durante o auge da produção, a cultura do abacaxi proporcionava empregos diretos para várias famílias. Certa vez o povo do lugar promoveu a primeira Festa do Abacaxi, em comemoração à grande safra existente. Com a crise na produção de abacaxi, outros produtos começaram a ser cultivados, a exemplo de mandioca, fumo, amendoim, milho, banana, coco e laranja, cuja policultura permanecem até hoje. Na pecuária, existe a criação de caprino, ovinos, no entanto predomina a engorda do gado, sendo escoada, em alguns casos, para o município de Feira de Santana. (Disponível no site <https://coracaodemaria.ba.gov.br/historia>)

Atualmente, a economia de Coração de Maria está bastante diversificada. Além da agricultura e da pecuária, tem-se ainda o empreendimento feito pela Avipal (hoje cedida à

Perdigão) com a criação de aves (frangos) tendo beneficiado pequenos proprietário de terras. Existem várias casas comerciais e fábricas: Tonin (Bolsas e malas), Fujibag (Sacolas plásticas), além do mercado informal que também absorve muito a mão de obra dos habitantes do município. Mas vale ressaltar que o principal empregador é a Prefeitura Municipal. (Idem)

No aspecto cultural e de lazer, o município possui a Biblioteca Dulce Figueroa, o Clube Social Ipojucan, onde são realizadas palestras, festas particulares e demais eventos, o Estádio de Futebol José Fernando de Carvalho Santos, Água Verão Clube, Clube de Campo Parque dos Coqueiros e duas Quadras Poliesportivas (Praça Dr. Rogério e Praça da Convivência). Quanto às manifestações culturais, são festados o aniversário da cidade, as festas juninas, sendo o São João na sede, no distrito e, especialmente, a Festa do Imaculado Coração de Maria, santa que deu origem ao nome do município.

Conforme esclarece Dirce Koga (2011), a noção de espaço, no campo social, quase sempre é vinculada ao conceito de salubridade, apesar de o campo sempre parecer mais salubre do que a poluída cidade onde há fábricas, motores, fumaça, ruídos etc. Interessante perceber que o campo tem sons e a cidade apresenta ruídos, e embora haja essas diferenças entre o campo e a cidade, homens e mulheres deslocam-se, concentram-se, nascem e vivem cada vez mais na cidade grande. Emanam desse fenômeno estas indagações: O que leva as pessoas a sair da cidade onde nasceram para viver nas cidades grandes? Na maioria das vezes, vão buscar melhoria de vida, e, para isso acontecer, vão em busca de trabalho. O que é trabalho? O ser humano transforma o que está à sua volta e a si mesmo por meio do trabalho. Cada produto da criação envolve acúmulo de conhecimentos e de práticas, que vão se transformando de acordo com o meio e a sociedade.

Foi isso que a filha mais velha dessa família de origem africana veio buscar na cidade grande: uma vida digna. A cidade escolhida por essa família para viver foi Salvador. No início, uma moça solteira veio na frente para encontrar na cidade lugar para morar e trabalhar, trazendo no seu íntimo o desejo de unir toda a família, mãe, irmãs, irmãos e padrasto.

### 3.4 SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR: ENTRE TRILHOS E CORES, UMA TAPEÇARIA DE HISTÓRIAS

Ao trazer à tona essas minhas memórias, faço um passeio pelo espaço onde fui criada e para o qual minha família foi levada – a cidade do Salvador –, devido a fatores econômicos, e até mesmo de estratificação. Refiro-me, especificamente, à região do Subúrbio de Salvador.

Segundo o dicionário de Aurélio, a palavra “subúrbio” possui sua origem do latim *suburbium*, correspondente ao significado de cercanias de cidades ou de outra povoação. Já a derivação “suburbano” significa pertencente ou relativo a subúrbio ou aquele que reside nele. O dicionário também aponta de forma pejorativa como aquele “sujeito que possui gosto ruim”. Deve ser por esse motivo que as pessoas ressoam constantemente a seguinte frase: “aquele cara que chegou na praia é suburbano...”, atribuindo-lhe uma característica negativa.

Na década de 1950, Salvador estava crescendo e, no centro da cidade, não havia mais espaço para negros e pobres, pois foi ocupada por pessoas ricas e pelo comércio financeiro. O bairro onde minha família humildemente residia deu espaço ao centro comercial e administrativo da cidade. Salvador precisava expandir rumo à Cidade Baixa, tendo a Baía de Todos os Santos rodeando a sua extensão com praias lindas que, anteriormente, eram usufruídas pelos brancos e ricos, como espaço de veraneio. Naquela época, como o centro já não dispunha mais de lugar para as moradias dos negros e seus descendentes, a cidade começou a crescer em direção a uma área hoje conhecida geograficamente por Avenida Suburbana.

O Subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga desde rocha ou São Francisco Xavier até Sapopemba, tendo como eixo alinhado a férrea da central do Brasil. É assim que o autor Lima Barreto descreve o Subúrbio Carioca quando utiliza o espaço suburbano na literatura” (SILVA; PALHARES, s/d, p.139).

Assim como Lima Barreto descreve o Subúrbio Carioca, neste trabalho eu, como autora, busquei em minha memória o artigo jornalístico, lido recentemente, dos autores Kuwano e Motta (2021), publicado no *Jornal A Tarde* no Domingo, 03 de Janeiro de 2021, cujo título era: História e beleza do Subúrbio. Dele retirei as informações seguintes:

O Subúrbio Ferroviário de Salvador é um território antigo, pois nele os portugueses se instalaram, construindo igrejas e engenhos. Séculos depois, foi ocupado por casas de veraneio e hoje o local é associado à pobreza e marginalidade, mesmo com todas transformações e avanços ao longo dos anos. Há aspectos que ainda preocupam quem mora na região e que enfrenta dificuldades diariamente para se deslocar para o centro de Salvador. E ultimamente a situação está pior. Assim como o Subúrbio Carioca descrito por Lima Barreto também o de Salvador sua população utilizava o trem da central do Brasil para se deslocar até o centro de Salvador para trabalhar, estudar e ir à feira de São Joaquim, Cidade Alta e Orla de Salvador. hoje não se pode mais contar com esse serviço. Até o ano de 2021, esperava-se que essa realidade pudesse mudar com a chegada do VLT (Veículo Leve de

Transporte), os trens foram retirados de circulação devido a esse projeto. Porém os históricos trens da região ainda não foram substituídos, complicando ainda mais o problema de deslocamento desses moradores ao centro da cidade (KUWANO; MOTTA, 2021, p. 12).

Com os trens, representados na figura 8, funcionando desde o fim do século XIX, esse meio de transporte se tornou um marco para a vida suburbana. O caminho dos trilhos era feito da Calçada até Paripe. Movimentou os moradores por décadas e também foi garantia de um passeio turístico para quem gostava de apreciar as belas paisagens que ali se formaram. O ônibus somente começou a circular na cidade em 1990 e, a partir desse ano, todas as localidades do Subúrbio passaram a ter transporte coletivo, lembrando que o trem contemplava apenas a parte litorânea. Inicialmente o subúrbio ferroviário era formado por nove bairros: Itacaranha, Ilha Amarela, Cabrito, Escada, Periperi, Alto de Coutos, Paripe, Lobato e Plataforma. Paripe é o maior e o mais antigo bairro do Subúrbio.

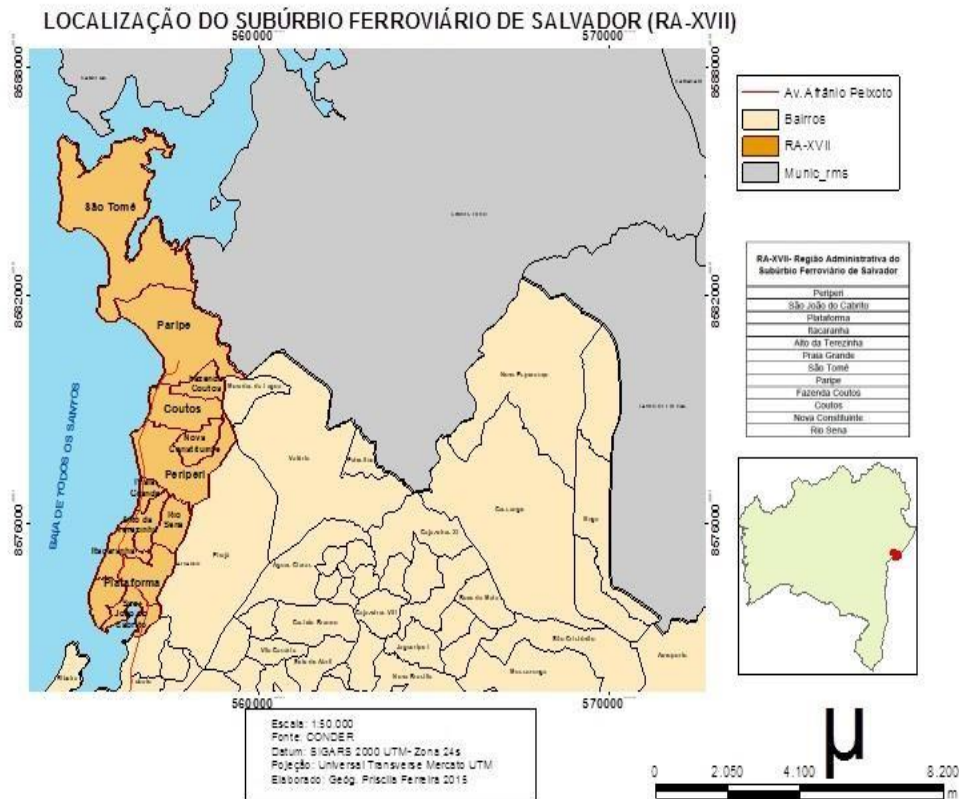
**Figura 8:** Enseada dos Cabritos (à direita) com a ponte São João no centro da foto. Esta ponte foi inaugurada em 1952.



**Fonte:** Alexandre Santurim, 1992.

Atualmente, o Subúrbio Ferroviário de Salvador, localizado a noroeste da capital, conforme mostrado na figura 9, é composto por vinte e dois bairros, entrecortados pela Avenida Afrânio Peixoto, que faz a ligação do bairro de Paripe ao bairro da Calçada. Segundo o historiador Augusto Fiuza (2021), o Subúrbio Ferroviário de Salvador tem registro de ocupação antes mesmo da fundação oficial da cidade, desde 1544. Como a cidade era dividida em freguesias, no Subúrbio duas delas se destacavam: a Freguesia de Nossa Senhora de Ó, do Paripe, e a Freguesia de São Bartolomeu, em Pirajá.

**Figura 9:** Mapa da localização dos bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador-Bahia.



**Fonte:** Ferreira, 2014, (In: Reis, 2015, p. 50)

Recentemente, o Subúrbio Ferroviário está sendo contemplado com o projeto intitulado “O Novo Mané de Dendê”, uma iniciativa concebida para aprimorar as condições de vida nas comunidades dos bairros Alto da Terezinha, Itacaranhá, Plataforma, Rio Sena e Ilha Amarela. Esse projeto visa contribuir significativamente para o aprimoramento do bem-estar econômico e da qualidade de vida nessas localidades, abrangendo melhorias nas esferas econômicas, sociais e de saúde, além de promover a educação ambiental e a urbanização. Para isso, têm sido realizadas intervenções nas localidades citadas, com uma estimativa de utilizar métodos ou conjunto de preceitos que se devem seguir no tratamento e exploração de metas para o ordenamento urbano, buscando tornar as comunidade com melhores condições de serem habitadas, melhorando as condições de esgoto, que poluem os rios e lençóis freáticos do local.

O intuito é tornar o ar mais respirável, diminuir a poluição visual, orientar a população quanto à necessidade de se cuidar, da qualidade ambiental da bacia e das águas do rio Mané Dendê e, conseqüentemente, das cachoeiras de Oxum e Nanã, referentes às paisagens culturais

e religiosas que compõem o Parque São Bartolomeu. Essas metas fazem parte do Termo de Compromisso firmado entre os coordenadores do projeto e os gestores do Colégio Estadual Clériston Andrade (CECA) no ano de 2022.

As cachoeiras Oxum e Nana servem de palco para diversas oferendas das práticas religiosas, realizadas tanto por umbandistas quanto por candomblecistas que enriquecem ainda mais a cultura africana. Com relação ao programa de educação, o projeto conta com o apoio das unidades escolares do entorno com orientação ambiental para os alunos da rede estadual, municipal e da esfera privada, de modo que estes sejam multiplicadores dos saberes locais, ampliando conhecimento ambientais juntos às escolas, às comunidades, lideranças, associações e Unidade de Saúde da Família, fortalecendo o importante trabalho dos agentes comunitários de saúde, além dos agentes de saúde, os agentes de combate às endemias, catadores e cooperativas ligadas aos resíduos sólidos.

Incrementando o currículo escolar e construindo juntamente com os moradores as ações de conservação e preservação do meio ambiente, e trabalhando todos juntos para uma vida melhor, eu, enquanto gestora do CECA, situado no subúrbio de Itacaranha, região que está incluída no projeto junto Projeto de Educação Ambiental (PEA), busco desenvolver com os alunos da unidade escolar atividades ambientais cujo objetivo seja o de fortalecer a identidade das comunidades e seu pertencimento ao Subúrbio, em especial o Rio Mané de Dendê. A equipe do PEA, em parceria com a unidade escolar, tem oferecido oficinas temáticas, campanhas educativas, eventos e visitas a locais inspiradores, integrando toda a comunidade, como por exemplo, visitas aos aterros sanitários próximos.

Estou aprendendo muito com esse projeto, com a interação e motivação dos estudantes. Ainda que não seja esse o foco da minha pesquisa, é possível estabelecer uma relação, porque é também sobre minha trajetória enquanto profissional, docente e gestora de uma escola pública, por isso, corroboro as ideias de Ingold (2019, p.10):

Não se trata de interpretar ou explicar o comportamento dos outros; não se trata de colocá-los em seu lugar ou consigná-los à categoria dos ‘já conhecidos’, Ao contrário, trata-se de compartilhar da sua presença, de aprender com suas experiências de vida e de aplicar esse conhecimento às nossas próprias concepções de como a vida humana poderia ser, das suas condições e possibilidades futuras (INGOLD, 2019, p.10).

Por isso acho importante compartilhar essa experiência, porque fala do “como a vida humana” deve ser, de como o trabalho pedagógico deve ser.

### 3.5 O BAIRRO DO ALTO DA TEREZINHA

O Alto da Terezinha é um bairro que faz parte do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Há cinquenta e oito anos, quando a minha família chegou a esse local para fixar residência, eu tinha apenas oito anos de idade, porém era uma menina muito observadora. Esse bairro está ligado ao bairro de Escada por uma imensa ladeira estreita de barro (argila). Nessa época, por volta de 1965, o bairro era chamado de Alto da Santa Terezinha em homenagem à padroeira do local, que leva esse mesmo nome. Possuía uma rua principal conhecida como rua Direta da Terezinha, onde a população que ia chegando construía suas casas de barro, popularmente chamado de “pau-a-pique”, sendo utilizados na construção a madeira e o telhado de telhas vermelhas, ou seja, de cerâmica. Era formado praticamente por seis transversais, que constituíam o mesmo: A Gruna, rua das Três Mangueiras, a rua Getúlio Vargas, a rua Nilton Lopes, a rua da Jaqueira, o Alto do Coqueiral e rua da Bomba, que dava acesso às ruas da Ilha Amarela e o Rio Sena (atualmente bairros distintos).

No Alto da Terezinha não havia escolas mantidas pelo poder público, não havia saneamento básico, como água encanada e luz elétrica. Existia uma lavanderia, onde as mulheres lavavam “roupa de ganho”, atividade muito exercida naquela época, de onde tiravam o sustento de suas famílias. O abastecimento de água era feito por um rio corrente que nascia no bairro do Rio Sena e desaguava na cachoeira de São Bartolomeu. À noite, as famílias usavam o candeeiro, cujo combustível era o querosene, um derivado do petróleo que podia ser comprado nos armazéns, pontos comerciais onde se encontrava o básico para sobrevivência da família. O querosene também era usado para acender o fogo do fogão à lenha no momento do preparo dos alimentos. Na época em que não havia fogão a gás, todas as famílias usavam um utensílio conhecido como fogareiro, que era mantido com carvão, produto da queima de madeira, retirada da flora local, que inclusive era bastante densa. Aquelas pessoas que não tinham uma renda “caíam dentro do mato” para pegar graveto, levar para casa e fazer sua comida. Nessas residências, o fogareiro era improvisado: uma lata de flandre (material feito de ferro) ou algo que fosse possível colocar o graveto embaixo e sustentar a panela em cima, no entanto, precisava sempre de algo que iniciasse o processo da combustão, então era usado querosene e fósforo. A lavagem dos utensílios domésticos, bem como os cuidados da higiene pessoal, eram quase sempre realizados no rio próximo.

As casas ficavam dispostas na posição de fileiras, sendo chamada de avenidas, e poucas eram as residências que tinham o famoso “quartinho”, ou seja, o banheiro como conhecemos atualmente. Na ausência do “quartinho”, lá estava o tão comum para muitos de

nós, o “pinico”, onde eram feitas as necessidades fisiológicas que depois eram despejadas ali mesmo no quintal, ou nas fossas sépticas, quando a família construía uma.

As residências eram pequenas, porém, com muitos moradores. Havia grandes quintais, cheios de bananeiras, pés de manga, pés de coco, pés de jaca e sobrava mato para ser utilizado como sanitário. As mulheres criavam galinhas, porcos patos, cachorro, gatos e bastantes crianças. Não havia transportes e a gente andava a pé, descíamos a enorme ladeira até o bairro de Escada para pegar o trem da Central do Brasil que fazia um percurso do bairro de Paripe até o bairro da Calçada, e a partir dele era possível chegar a qualquer outro bairro, por bonde (uma espécie de ônibus que andava sobre trilhos).

Atualmente, o Alto da Terezinha está bem melhor, com um crescimento vertiginoso em virtude do aumento populacional do bairro. Já existe um comércio bem desenvolvido, com farmácias, lojas de roupas e sapatos, mercados de médio porte, bares, restaurantes, oficinas para consertar carros, depósito de bebidas. Ademais, existe uma escola municipal para o Ensino Fundamental I (do 1º ano ao 5º ano), pois existem três nos bairros próximos, e também há uma Unidade de Saúde da Família (US) e cinco colégios com ofertas para o Ensino Fundamental II, um mantido pela Prefeitura de Salvador e quatro mantidos pelo Governo do Estado, atendendo estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, todos no perímetro do Bairro. Quanto ao serviço de transporte, a localidade conta com transporte coletivo, que oferece várias linhas, deixando a população cada vez mais próxima do destino desejado, como pode ser visto na figura 10.

**Figura 10** – Final de linha de ônibus no Alto de Terezinha, 2023.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora (2023)

Vale ressaltar que o poder aquisitivo da população teve uma sensível melhora para as pessoas que enxergaram na educação e no trabalho a única forma de se concretizar a tão

sonhada mobilidade social. Nesse sentido, algumas unidades de ensino passaram a oferecer cursos técnicos para os jovens, o que mobilizou os comerciantes do local a aderir ao Programa de Estágio para Jovens e o Programa Menor Aprendiz.

Outro ponto importante desse bairro e dos demais vizinhos é a proximidade com a praia de Itacaranha (figura 11) considerada uma das melhores da região, só perdendo para as Praias de São Tomé e Base Naval de Aratu.

**Figura 11:** Final de Linha dos ônibus no Alto da Terezinha. 2023



A “Praia do Oi” é como ficou conhecida a praia localizada em Itacaranha, na parte de baixo, atravessando a Avenida Suburbana, e que faz parte da belíssima Baía de Todos os Santos. Como já está óbvio, o “Oi” se refere aos encontros com os vizinhos e amigos nos finais de semana, significando que todos os frequentadores se conhecem. É nessa praia que os namoros se iniciam, também é o lugar de trabalho, muitos sustentaram (e ainda nos dias atuais) suas famílias através do comércio informal, bem como é possível prover a alimentação com o marisco, que era abundante nesse local.

O bairro conta também com um projeto da prefeitura de Salvador, nomeado de “Projeto Mane Dênde” (sobre o qual já comentei anteriormente nesta tese), que tem o objetivo de revitalizar o Rio do Cobre, que na minha infância era a água que matava a nossa sede e contribuía para a higiene pessoal e de nossas residências. Esse projeto está mudando o aspecto da infraestrutura do bairro, melhorando a qualidade de vida dos cidadãos, seja com a abertura de mais estradas, seja com a revitalização das praças, e demais áreas de lazer.

## 4. VOZES NEGRAS FORTALECIDAS: RESILIÊNCIA E EMPODERAMENTO FEMININO

*“Eu não estou aceitando as coisas que eu não posso mudar, estou mudando as coisas que eu não posso aceitar.”*

(Angela Davis)

As mulheres negras, ao longo da história, têm enfrentado desafios únicos e profundas formas de discriminação. No entanto, sua resiliência inabalável e a inquebrantável determinação têm sido fontes de inspiração e força para comunidades inteiras. O empoderamento das mulheres negras não se limita apenas à superação de adversidades, mas também à redefinição de padrões sociais e culturais (FERNANDES *et al.*, 2022). Elas emergem não apenas como sobreviventes, mas como líderes visionárias, catalisadoras de mudanças significativas. O empoderamento dessas mulheres vai além da individualidade, abraçando a coletividade e construindo pontes para a igualdade (SANTOS, 2020). Ao desafiar estereótipos e barreiras, as mulheres negras desempenham um papel crucial na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa, logo, o empoderamento delas não é apenas uma conquista pessoal, mas uma luz guia que ilumina o caminho para um futuro mais equitativo e diverso (SARDENBERG, 2012).

Adiante discutirei sobre a percepção de alguns autores a respeito dessas mulheres, sob uma perspectiva racial, complementando acerca dos principais desafios por elas enfrentados.

### 4.1 MULHERES E EMPODERAMENTO SOB UMA PERSPECTIVA RACIAL

O início da pesquisa acadêmica sobre a presença do negro no Brasil pode ser dita de Nina Rodrigues, em 1900, mas o crescimento da consciência negra por meio de seus movimentos nacionais, a partir dos anos 1970, fez crescer em grande número os estudos acerca dessa temática (MUNANGA, 2002). Na sequência desse interesse, emergiram os movimentos feministas, com figuras como Bell hooks<sup>23</sup>, dando enfoque às mulheres negras (HOOKS, 2013).

---

<sup>2</sup> Gloria Jean Watkins é conhecida como bell hooks, pseudônimo inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A escolha da letra minúscula foi feita pela própria autora com a justificativa de dar mais enfoque ao conteúdo desenvolvido em suas obras e menos a sua pessoa.  
Disponível em: <https://almapreta.com>. Acesso em: 18 de outubro de 2023

Nascer mulher no Brasil é saber da necessidade de desenvolver resistência para enfrentar inúmeros desafios durante a sua vida. Desafios estes que já se iniciam na vida dentro do útero materno. Para Crenshaw (1991), no Brasil, fatores como negritude, racismo e gênero têm influenciado a formação da pirâmide social e assim compondo a sua base. Para essa autora, é muito importante fomentar identidades de mulheres que, historicamente, são obrigadas a assumir uma máscara identitária branca e, com muita dificuldade, conquistar a liberdade para ser quem elas quiserem ser. Desse modo, a temática das relações raciais no Brasil evoca a reflexão sobre o que seria desenvolvimento com igualdade racial, dado que não se pode falar em desenvolvimento igualitário (PRESTES, 2013).

Por isso, na busca pela igualdade de gênero é essencial reconhecer as disparidades enfrentadas por mulheres de diferentes origens raciais. O empoderamento das mulheres assume nuances diferentes, quando visto a partir de uma perspectiva racial (CRENSHAW, 1991). Nesse sentido, o estudo em voga explora como as mulheres enfrentam obstáculos e encontram maneiras de se empoderar em meio às interseccionalidades de gênero e raça (a partir do meu olhar como mulher, tia, professora e gestora de uma grande escola no subúrbio de Salvador-Bahia).

É sabido que o termo empoderamento tem sido um pouco vulgarizado. Sardenberg (2012) discute essa questão destacando uma importante divergência de entendimento sobre o conceito de "empoderamento", evidenciando que diferentes atores, como o Banco Mundial, as feministas latino-americanas e as agências de cooperação internacional, atribuem significados distintos a esse termo. A autora expressa uma preocupação em relação à possibilidade de que o termo "empoderamento" esconda diversas concepções, sugerindo uma falta de clareza e consenso em sua definição. A observação de que até mesmo entre as agências de cooperação internacional não há consenso sobre o que constitui empoderamento reforça a complexidade e a multiplicidade de interpretações desse conceito. Sardenberg (2012) aponta para a falta de consenso não apenas nas definições teóricas, mas também nos processos e ações que efetivamente contribuem para o empoderamento, bem como nos indicadores utilizados para mensurar e avaliar esse processo em contextos específicos.

A análise enfatiza que as diferenças de perspectiva não são meramente teóricas ou metodológicas, mas igualmente políticas, resultando em abordagens diversas e, por vezes, conflitantes em relação ao empoderamento das mulheres. Sardenberg (2012) destaca, por exemplo, que enquanto algumas agências veem o empoderamento como um meio para atingir objetivos como desenvolvimento, democracia e erradicação da pobreza, para os movimentos feministas, o empoderamento das mulheres pode ser percebido como um fim em si mesmo.

Essa divergência ressalta a importância de se considerar o contexto político e ideológico ao abordar o empoderamento das mulheres. O texto oferece uma reflexão crítica sobre a complexidade e a falta de consenso em torno desse conceito, destacando que as diferentes perspectivas têm implicações profundas nas estratégias e objetivos associados ao empoderamento feminino.

Nesse sentido, utilizarei o conceito de “empoderamento feminino” como um processo pelo qual as mulheres ganham poder e controle sobre suas próprias vidas e circunstâncias. Isso envolve a capacidade de fazer escolhas e transformar essas escolhas em ações e resultados desejados (CORNWALL, 2018). No entanto, quando consideramos o empoderamento das mulheres sob uma perspectiva racial, é crucial reconhecer que as experiências das mulheres negras, indígenas e de outras etnias são moldadas por uma rede complexa de discriminação (RIBEIRO, 2017). Essa interseccionalidade de gênero e raça influencia significativamente as oportunidades e os desafios enfrentados por mulheres racializadas (RIBEIRO, 2017; SANTOS, 2020).

Por isso, a compreensão da interseccionalidade nos permite desvendar as interconexões entre diferentes formas de opressão e discriminação que afetam as mulheres. Isso nos capacita a reconhecer que as experiências das mulheres não são homogêneas e que as abordagens para o empoderamento devem levar em consideração as especificidades raciais (CARNEIRO, 2019; RIBEIRO, 2017).

Assim, para entender plenamente as dinâmicas do empoderamento das mulheres sob uma perspectiva racial, é essencial contextualizar as experiências históricas que moldaram as realidades atuais. Ao longo da história, as mulheres de diferentes origens raciais enfrentaram desafios únicos e foram submetidas a formas específicas de opressão e marginalização. Por exemplo, as mulheres negras enfrentaram a escravidão e o racismo institucionalizado, enquanto as mulheres indígenas foram submetidas a políticas coloniais de genocídio cultural. (DAVIS, 1981).

Esses contextos históricos deixaram um legado de desigualdade e injustiça que continua a impactar as experiências das mulheres racializadas nos dias de hoje. Portanto, ao abordar o empoderamento das mulheres sob uma ótica da racialidade, é crucial reconhecer o peso das estruturas históricas e trabalhar para dismantelar os sistemas de opressão enraizados (CARNEIRO, 2019; RIBEIRO, 2017).

É imperioso destacar, também, que as mulheres da classe trabalhadora, predominantemente negras em sua grande maioria, estiveram historicamente envolvidas no trabalho fora de casa, mesmo antes de essa questão se tornar um ponto central no movimento

feminista. Por conseguinte, a própria visão de luta pelo acesso ao mercado de trabalho representa um recorte que abrange questões tanto de classe quanto de raça. Essa abordagem é enfatizada por feministas proeminentes, como bell hooks (2002) e Angela Davis (2016), que nos alertaram para a complexidade dessas intersecções.

E para esse diálogo, trago Lélia Gonzalez (1982), que, na coletânea intitulada *O lugar de negro*, contribui ao abordar diversas questões relacionadas à cultura negra, incluindo o papel das mulheres negras na sociedade brasileira. A importância do trabalho dessa autora reside na sua capacidade de articular as nuances das opressões vivenciadas pelas mulheres negras. Gonzalez (1982) propõe uma análise crítica da interseccionalidade e fornece uma base teórica crucial para o feminismo negro no Brasil. Suas contribuições transcendem os limites acadêmicos, influenciando movimentos sociais e o ativismo. Essa autora é reconhecida por sua abordagem pioneira na interconexão de raça e gênero, destacando a necessidade de uma perspectiva interseccional para compreender as complexidades das experiências das mulheres pretas (PIRES, 2022).

Fernandes *et al.* (2022) escreveram um artigo intitulado *A Mulher Negra na Sociedade brasileira: uma revisão bibliográfica*, no qual abordam a interseccionalidade das experiências vividas por mulheres negras, destacando a dupla discriminação enfrentada por elas, tanto de gênero quanto de raça. A escolha do método do Materialismo Histórico Dialético para embasar a revisão bibliográfica demonstra uma abordagem crítica e contextualizada, buscando compreender as condições sociais e históricas que concorrem para as desigualdades enfrentadas por esse grupo específico. A análise qualitativa proposta no estudo, utilizando aproximações sucessivas ao objeto de pesquisa, sugere uma discussão aprofundada e reflexiva sobre as questões abordadas.

O levantamento a partir de artigos, publicações e legislações sociais indica uma preocupação em embasar a pesquisa em fontes confiáveis e contextualmente relevantes. A justificativa da relevância do trabalho destaca a importância de fomentar debates sobre a situação da mulher negra na sociedade brasileira. A menção à necessidade de discussões e de criação de políticas públicas específicas reforça a intenção de não apenas compreender as questões, mas também contribuir para mudanças práticas, visando à promoção da igualdade para esse segmento social historicamente marginalizado. Em resumo, o texto apresenta uma abordagem crítica e embasada sobre a interseccionalidade das discriminações enfrentadas por mulheres negras, destacando a importância de debates e ações para promover a igualdade e enfrentar as desigualdades estruturais presentes na sociedade brasileira.

#### 4.2 DESAFIOS ENFRENTADOS POR MULHERES AFRODESCENDENTES

As mulheres negras enfrentam uma miríade de desafios que surgem da intersecção de gênero e raça. Elas são frequentemente confrontadas com a discriminação sistêmica que se manifesta em áreas com o acesso desigual a oportunidades educacionais, disparidades salariais, representação limitada em posições de liderança e estereótipos prejudiciais. Além disso, também enfrentam níveis mais elevados de violência de gênero, bem como vários obstáculos significativos no acesso a serviços de saúde de qualidade (COLLINS, 2019). Esses desafios representam barreiras significativas para o empoderamento das mulheres afrodescendentes, limitando suas oportunidades de crescimento pessoal, profissional e social. No entanto, apesar dessas dificuldades, a maioria das mulheres nessa situação tem demonstrado uma resiliência admirável e buscado formas inovadoras de se empoderar e criar mudanças positivas em suas comunidades (COLLINS, 2019).

Nesse viés, a educação desempenha um papel crucial no empoderamento das mulheres afrodescendentes, oferecendo oportunidades para a expansão do conhecimento, o desenvolvimento de habilidades e a construção de redes de apoio. Contudo, muitas delas, frequentemente, se deparam com obstáculos no acesso a uma educação de qualidade, devido às barreiras financeiras e aos ambientes educacionais que perpetuam o racismo e o preconceito (MORAIS *et al.*, 2023). Para as mulheres negras, a resiliência é muito mais do que um traço pessoal – é um símbolo de força, determinação e resistência. Neste texto, exploro a jornada poderosa das mulheres negras e sua incomparável capacidade de superar adversidades e triunfar, apesar das inúmeras barreiras que enfrentam diariamente. Com uma rica herança de luta e superação, elas desempenharam um papel fundamental na construção de sociedades mais justas e inclusivas. Seja na política, nos negócios, na cultura ou em qualquer outra esfera, a resiliência feminina se destaca como um farol de esperança e inspiração (COLLINS, 2019).

A resiliência das mulheres negras pode ser compreendida como a capacidade de se adaptar e prosperar diante de desafios, discriminação e injustiças sistêmicas. Ela é forjada por meio de uma história de resistência ancestral e sobrevivência em face da opressão. Essas mulheres sempre enfrentaram uma intersecção única de discriminação de gênero, racismo e outras formas de marginalização. No entanto, sua resiliência é evidente em sua capacidade de se erguer, encontrar sua voz e liderar movimentos de mudança em suas comunidades e, além disso, a literatura tem ofertado vários desses exemplos (COLLINS, 2019).

Esse estado de resiliência é um testemunho da força interior e da determinação das mulheres negras em meio a circunstâncias difíceis, e é uma qualidade que merece ser

celebrada e apoiada, estando enraizada em uma história de resistência que remonta aos tempos de escravidão e além. Desde então, as mulheres negras têm enfrentado desafios sistêmicos, incluindo discriminação racial, desigualdade de gênero e falta de oportunidades equitativas (COLLINS, 2019). Ademais, elas enfrentam disparidades salariais, taxas mais altas de desemprego, acesso limitado à saúde mental e enfrentam um risco aumentado de violência de gênero (ALMEIDA, 2018).

Além disso, elas muitas vezes enfrentam estereótipos e preconceitos que afetam sua autoestima e oportunidades de avanço. Esses desafios podem criar uma carga adicional de estresse e trauma, mas elas continuam a demonstrar uma resiliência notável ao enfrentá-los (BARSANI, 2017). Ao reconhecer e abordar, de forma plural, esses desafios, é possível criar um ambiente mais inclusivo e equitativo para que as mulheres negras prosperem em seus objetivos e alcancem o seu desejado bem-estar. Isso inclui a adoção de estratégias de autocuidado, como práticas de *mindfulness*, exercícios físicos e conexões comunitárias que promovam o apoio emocional. Além disso, o acesso a recursos educacionais, mentoria e oportunidades de liderança pode fortalecer a resiliência das mulheres negras e capacitá-las a enfrentar, de maneira mais eficaz, os desafios. A promoção de espaços seguros e inclusivos também é fundamental para cultivar a resiliência e o empoderamento das mulheres negras (SEMENSATO; BOSA, 2017).

Apesar desses obstáculos, as mulheres negras encontraram maneiras de preservar suas tradições culturais, transmitir conhecimentos ancestrais e se destacar como líderes em suas comunidades. Sua resiliência cultural é evidente em sua capacidade de preservar e fortalecer laços familiares, promover a educação e promover a justiça social. Ao honrar e reconhecer essa resiliência histórica e cultural, podemos aprender com as lições do passado e fortalecer as comunidades para o futuro.

Ao fornecer ferramentas e estratégias tangíveis para o desenvolvimento da resiliência, podem ser capacitadas as mulheres negras, de modo que consigam prosperar em todas as áreas de suas vidas. Por essa via, as histórias de resiliência das mulheres negras são abundantes e inspiradoras. Desde líderes comunitárias a artistas, empreendedoras e defensoras dos direitos humanos, essas mulheres têm deixado um impacto duradouro em suas comunidades e no mundo. Essas histórias destacam a capacidade desse grupo de superar obstáculos, transformar desafios em oportunidades e liderar com paixão e determinação. Elas são exemplos vivos da força e da resiliência que permeiam a experiência em todas as esferas. Ao compartilhar e celebrar essas histórias, podemos amplificar as vozes das mulheres negras e inspirar a próxima geração a seguir em frente com confiança e determinação.

As conquistas das mulheres negras, em todas as áreas, merecem ser celebradas e reconhecidas. Seja na política, nas artes, nos negócios ou em atividades comunitárias, as contribuições das mulheres negras têm sido fundamentais para impulsionar a mudança e promover a justiça social. Ao celebrar suas conquistas, estamos não apenas reconhecendo impacto positivo que têm tido, mas também inspirando outras mulheres a seguir seus passos e acreditar no seu potencial.

#### 4.3 DAS LEALDADES FAMILIARES: VÍNCULOS INDISSOLÚVEIS PELO SANGUE E PARA ALÉM

A família é um elo vital que transcende o tempo e as circunstâncias, moldando nossas identidades e influenciando profundamente o ser que nos tornamos. Dentro desse contexto, as lealdades familiares emergem como fios invisíveis, conectando gerações e proporcionando um alicerce emocional que, muitas vezes, é incomparável. Como afirmou Frederick Buechner (1982, p. 34), "eles podem não ser perfeitos, mas são os mais próximos que temos".

As lealdades familiares são manifestações complexas de afeto, responsabilidade e comprometimento. Elas não são expressas apenas nos momentos de alegria e celebração, mas também nos períodos desafiadores e nos momentos de adversidade. Barbosa *et al.* (2020) afirmaram que a lealdade à família é incondicional, independentemente das dificuldades ou desafios que possam surgir. A importância dessas lealdades transcende o compartilhamento de sobrenomes ou laços sanguíneos e elas se manifestam nas ações cotidianas, nas escolhas que fazemos e na disposição de apoiar uns aos outros nos altos e baixos da vida. O filme-musical *Moulin Rouge* captura essa essência ao dizer: "Ao final do dia, a coisa mais importante é amar e ser amado". Quer venha esse amor de uma família, de um amigo ou de um cachorro. Não importa.

Nagy e Spark (2017) desenvolveram a teoria das lealdades invisíveis dentro da ótica dos sistemas relacionais, tendo como foco a complexidade do sistema multipessoal e intergeracional familiar. Para eles, lealdade seria um ideal de comportamento esperado e desejado pelos membros da família que criam expectativas com as quais estes se comprometem. Tal compromisso está ligado ao "sentido de dever, igualdade e justiça, regras essas que regem a unidade familiar" (NAGY; SPARK, 2017, p. 22).

No entanto, segundo apontaram Barbosa *et al.* (2020), as lealdades familiares não são

isentas de desafios. Às vezes, as expectativas e as pressões sociais podem criar tensões, e desse forma as relações familiares podem ser testadas. Mesmo assim, é notável como, em muitos casos, a família permanece como uma fonte de apoio inabalável. Conforme esses autores observaram, o vínculo que une sua verdadeira família não é de sangue, mas de respeito e alegria pela vida um do outro.

Nesse sentido, é crucial reconhecer que as lealdades familiares não estão restritas à unidade nuclear. Amizades que se transformam em família e laços afetivos os quais transcendem os limites biológicos são testemunhos poderosos dessa verdade. Em *Becos da Memória*, Conceição Evaristo, através da personagem principal, uma menina de 13 anos – a narradora Maria-Nova – que vive todo o processo e se torna porta-voz das alegrias e sofrimentos dos demais, “destaca essa ampliação do conceito de família, ao afirmar: "Chama-se família quando, apesar de saber tudo sobre você, eles o amam" (EVARISTO, 2013).

Em suma, as lealdades familiares são um tecido intrincado que forma a tapeçaria de nossas vidas. Elas são forjadas em momentos de felicidade e fortalecidas nos desafios. Assim como os membros de uma orquestra contribuem para uma harmonia única, as lealdades familiares adicionam uma riqueza única ao tecido da existência humana, recordando-nos de que, no final, o amor e o apoio familiar são tesouros inestimáveis que perduram além das adversidades.

Na parte das análises desta tese, trago, no emaranhado narrativo, o porquê de abordar a importância das lealdades familiares, ao tempo que reflito sobre o meu papel de tia nessa família e as consequências dessas escolhas na minha vida.

#### 4.4 GUARDIÃ DA SABEDORIA: O PAPEL INSPIRADOR E AFETUOSO DA TIA NA SOCIEDADE

Em minha dissertação, no Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea (2019), aponto que, de acordo com Choi (2000), tio/tia não são termos de parentesco universal (CHOI, 2000). No Havaí, a terminologia para tios e tias é diferente, devido à inclusão dos irmãos dos pais e das mães na mesma categoria de pai (KESSING, 1975). De modo geral, o termo "tio" pode se referir ao irmão do pai, ao irmão da mãe ou ao marido de uma tia. Em países de língua inglesa, todos esses parentes são agrupados sob o mesmo termo: "tio". Tanto o inglês quanto o francês não fazem distinção entre o marido da irmã do pai (parente por casamento) e o irmão do pai (parente por sangue), ambos sendo chamados de tios (SEGALEN, 1986).

Entretanto, em sociedades ocidentais não anglófonas, há uma diferenciação entre tios consanguíneos (biológicos) e tios por afinidade (casamento). Por exemplo, na Dinamarca e na Noruega, *morbror* refere-se ao irmão da mãe (e, normalmente, ao marido da irmã da mãe), enquanto *farbror* refere-se ao irmão do pai (e também ao marido da irmã do pai). Em muitas sociedades não industriais, os tios maternos e paternos desempenham papéis críticos em relação aos sobrinhos.

Em algumas sociedades patriarcais, como na África, o tio materno tem de ser consultado sobre todos os assuntos que afetam os filhos de sua irmã, ajudam com comida, roupa e outros presentes em todos os seus ritos de passagem, além de atuarem como mediadores nas disputas entre pai e filho e têm poder de veto nos arranjos maritais dos ilhós (FORTES, 1956). Nos sistemas matrilineares, o homem pertence ao grupo social de sua mãe, e o tio materno tem um importante papel nas atividades cotidianas. Nos Ashanti e Bantu, na África Central, o irmão da mãe tem uma variedade de direitos e de responsabilidades, disciplinando, ajudando seus sobrinhos maternos, custeando as despesas com as suas escolas, arranjando empregos, intervindo na seleção do parceiro marital e pedindo ajuda financeira, quando necessário (FORTES, 1956).

No Brasil, somente foi encontrado um artigo de (Rabinovich, Moreira e Franco (2012), que faz referência aos tios e às tias como membros que contribuem para o funcionamento da família. Essas autoras replicaram, com estudantes universitários baianos, o estudo de Georgas *et al.* (2006), realizado originalmente em 30 países. Para tanto, 170 universitários baianos responderam aos questionários com questões fechadas, replicados do estudo original, enfocando papéis, comportamentos, atividades e relações entre os seguintes membros da família: pai, mãe, avó, avô, tios/tias, menino e menina de 10 anos, moça e rapaz de 20 anos. Os dados foram analisados utilizando o programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS). A tia foi citada apenas por dois participantes (1,1%) como sendo a sua família, mas os participantes concordaram que o/a tio/tia, em porcentagem de 70% ou mais, dava apoio aos sobrinhos e ensinava bons modos às crianças; e com 60% ou mais, mantinha um ambiente agradável e preservava as relações familiares.

Esse estudo concluiu que os dados obtidos confirmaram haver uma rede familiar em ação, devido à forte presença dos avós e dos tios na vida familiar. Ressaltaram igualmente a forte presença feminina, predominantemente a da mãe, mas também a da avó, da tia e da irmã mais velha. Tais dados revelam que, embora estejam apresentando mudanças, continuam em ação os papéis, comportamentos, atividades e relações entre os membros da família baiana, assim como as dos diversos países vínculos familiares, verticais e horizontais.

Ainda no contexto brasileiro, os termos tio/tia abrangem não apenas as conexões familiares diretas, mas também se estendem a vínculos afetivos e relações por afinidade. Além das relações sanguíneas e matrimoniais, essas designações são utilizadas para expressar proximidade emocional, permitindo que indivíduos afetivamente ligados assumam um papel de membros familiares. Vale ressaltar que, no ambiente escolar, profissionais como merendeiras, auxiliares de limpeza, porteiros, professores e professoras, especialmente na educação infantil, frequentemente recebem o tratamento de tio/tia. Esse costume estende a ideia de escola como uma espécie de família ampliada, enquanto, ao chamar o cliente de tio ou tia, a sociedade projeta a noção de que seu espaço público também é uma extensão do domínio privado (SILVA, 2019).

A ampliação do uso dos termos tio/tia revela a tendência, no Brasil, de conceber a família como um grupo que vai além das fronteiras da família nuclear ou consanguínea. Essa extensão reflete um modo brasileiro que as aproxima de uma espécie de parentesco. Dessa forma, fica evidente o que DaMatta (1985) descreveu como a rua – um espaço caracterizado por hierarquia e impessoalidade – em contraste com a casa, onde predominam relações pessoais e valores vinculados ao familiarismo (SILVA, 2020). Sob uma nova terminologia – *aunthood*, *aunting* – foram encontrados dois livros e dois estudos, o de Davis-Sowers (2006) e o de May e Lahad (2018), enfocando diretamente a/o tia/tio.

Davis-Sowers (2006), usando metodologia qualitativa, entrevistou 35 tias negras que cuidavam de seus sobrinhos e sobrinhas. Embora tias experimentassem os mesmos tipos de desafios e demandas dos avós, como o aumento na demanda de tempo, financeira e de estresse familiar, a experiência das tias diferia das experiências dos avós, devido à menor idade das tias e pelo fato de estas serem da mesma geração dos pais biológicos. O estudo demonstrou que os cuidados das crianças pelas tias estavam ligados ao gênero e era invisível, e que, no nível mais básico, permitia a sobrevivência e a vida das crianças.

Posteriormente, essa autora publicou um artigo (DAVIS-SOWERS, 2012), em que, usando a teoria fundamentada modificada e a teoria feminista negra, explorou os fatores que influenciam os processos de tomada de decisão de cuidar das sobrinhas e sobrinhos dos pais de tias negras, concluindo, pelo impacto das tradições culturais e expectativas de gênero nos significados, que as tias negras atribuem aos papéis familiares e a influência do racismo passado e atual em suas definições da situação.

May e Lahad (2018), por sua vez, propuseram investigar empiricamente as experiências de tias, trazendo o trabalho de Simmel para o diálogo com a literatura sociológica sobre o fazer e o negociar das famílias. Com base numa análise textual dos relatos online

publicados num fórum de aconselhamento dos EUA, intitulado *Dear Savvy Auntie*, argumentam que a noção de estranho permite compreender a posição de algumas tias como “observadores envolvidos” que estão dentro e fora da “unidade familiar constituída por pais e filhos.

Desse modo, no modelo de família extensa da população negra norte-americana e, mais precisamente, no feminismo negro norte-americano, encontramos uma produção importante que enfoca os tios e as tias como provedores da família, em virtude das práticas culturalmente transmitidas.

Contudo, uma matéria jornalística no Brasil apontava que, para a publicidade, as tias eram os maiores consumidores de itens para crianças porque “ganhavam bem e não tinham filhos”, o que estimulava nelas o consumismo. Denominadas Panks – Professional Aunt no Kids, em 2013, a matéria já destacava essa categoria de consumidoras que estavam virando fenômeno em todo o mundo, inclusive no Brasil: compradoras compulsivas de brinquedos, roupas de grife e até fraldas. Essa pesquisa, no Brasil, foi realizada com 1.723 clientes, donde 642 eram mulheres sem filhos. Destas, 555 compravam artigos infantis caros. No Brasil, muitas delas seriam ainda madrinhas, assim indicando que as tias já merecem atenção no comércio (ABDALLAH, 2013).

Recentemente, Silva (2019), em sua tese referente ao relacionamento intergeracional entre adultos jovens e idosos de uma mesma família, notou que, no universo de doze, três escolheram tias e três avós como sendo o vínculo mais forte. Esse foi um resultado inesperado para aquele estudo e faz emergir a importância dos tios e tias no decorrer da vida da pessoa.

Se não encontramos publicações acadêmicas enfocando os tios e as tias no Brasil, estes se fazem presentes em redes sociais, a exemplo dos blogs, como figuras que carregam o meio-termo entre os pais e os avós, tendo um forte papel na formação dos sobrinhos e sendo fundamentais para lhes dar apoio emocional e representar modelos de conduta. Ainda na minha dissertação encontrei os seguintes resultados (visto se tratar de uma pesquisa quantitativa): Foram 207 sobrinhos/sobrinhas participantes, considerando a ligação paterna. Segundo estes, 29,95% dos tios e 30,91% das tias fornecem dinheiro ou outra ajuda financeira. Ao verificar a ligação materna, tanto com os tios quanto com as tias maternas, é bem maior, correspondendo a 33,33% ambos. A esse respeito, conseguimos ratificar a participação de tios e tias em fornecer apoio financeiro, haja vista que estes recebem um percentual de menções maior do que outros membros da família, inclusive os avós (SILVA, 2019, p. 53).

#### 4.5 CAMINHOS DA LIBERDADE: A EDUCAÇÃO EMANCIPADORA SEGUNDO PAULO FREIRE

O livro *Pedagogia do Oprimido* é uma obra seminal do educador brasileiro Paulo Freire, publicada em 1968. O livro apresenta uma abordagem crítica da educação tradicional e propõe um modelo alternativo centrado na libertação e na conscientização. Freire argumenta que a sociedade está dividida entre opressores e oprimidos e que o sistema educacional tradicional muitas vezes perpetua essa divisão, tratando os alunos como receptores passivos de conhecimento. Nesse sentido, o autor propõe um modelo educacional baseado no diálogo entre educadores e alunos. Para tanto, ele destaca a importância da conscientização pelo professor, incentivando os alunos a compreenderem criticamente sua realidade e a se tornarem agentes de mudança (FREIRE, 1987).

Esse autor critica a abordagem "bancária" da educação, na qual o conhecimento é depositado nos alunos, que se tornam passivos. Ele propõe uma "educação problemática", na qual os alunos enfrentam desafios do mundo real, promovendo a reflexão crítica e a ação transformadora. (Idem). O objetivo da educação, segundo Freire, é a libertação e a humanização, transformando não apenas a realidade material, mas também a consciência dos oprimidos. A educação deve capacitar as pessoas a se tornarem protagonistas em suas próprias vidas e na sociedade, por isso o autor destaca a importância da palavra como ação transformadora. O diálogo autêntico e a comunicação são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (FREIRE, 1987).

Em resumo, *Pedagogia do Oprimido* é uma crítica profunda ao modelo de educação tradicional, propondo uma abordagem mais participativa, dialógica e voltada para a libertação dos oprimidos. O livro influenciou significativamente o pensamento educacional em todo o mundo e continua sendo uma obra fundamental no campo da pedagogia crítica.

Um ano antes da publicação dessa obra, Freire escreve *Educação como prática da liberdade* (1967), na qual ele introduz suas ideias iniciais sobre a pedagogia crítica. Ele destaca a importância da conscientização e da participação ativa dos alunos no processo educacional, assim ratificando, posteriormente, em *Pedagogia do Oprimido*.

Outro texto importante da carreira de Paulo Freire – *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* – foi lançado em 1970. Trata-se de uma coletânea de outros textos no qual ele expande suas ideias sobre educação e emancipação social (FREIRE, 1981).

Considero pertinente trazer esse pequeno resumo, porque acredito que todos nós

fomos influenciados por esse grande teórico, cuja sensibilidade ecoa nas escolas públicas brasileiras até os dias atuais. Também me tornei essa educadora que sou hoje, em parte, devido aos diversos estudos que realizei na área da educação como professora e gestora de uma grande escola pública em Salvador, na Bahia, onde o foco principal dos estudos estava fundamentado nessa figura carismática, que foi Paulo Freire.

## PARTE V

### 5 DO ÁRDUO PROCESSO DA ANÁLISE: O SER ENSIMESMADO

*“Ponciá gastava a vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver. Às vezes, era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças que lágrimas corriam sobre o seu rosto, outras vezes eram tão doces, tão amenas as recordações que, de seus lábios surgiam sorrisos e risos.”*

(EVARISTO, 2006, p. 93)

Na vastidão do universo interior, onde a mente e a alma se entrelaçam em intrincadas teias de pensamentos e emoções, emerge o árduo processo da análise. Esse processo, muitas vezes intrincado e desafiador, conduz o indivíduo a uma jornada de autoexploração, na qual cada passo revela novas camadas do ser. No âmago desse percurso, destaca-se a expressão "ensimesmado"<sup>4</sup>, que encapsula a propensão humana de voltar-se para dentro, buscando compreender as complexidades que residem no âmago da própria existência.

À medida que adentramos esse domínio subjetivo, torna-se evidente que a análise não é meramente um exercício intelectual, mas sim uma viagem profunda rumo à essência do eu. A dualidade, as contradições e os mistérios que habitam cada indivíduo são desvendados com paciência e prejuízos, dando origem a um processo de autoconhecimento que transcende as fronteiras da superficialidade cotidiana.

Nesse contexto, o termo “ensimesmado” adquire uma significância peculiar que me define. Ele não apenas descreve a tendência de se voltar para dentro, mas também encapsula a atenção completa na busca pela verdade interna. O ser ensimesmado não teme os recantos sombrios da psique; ao contrário, abraça a oportunidade de iluminar cada canto, cada lembrança enterrada e cada reflexão íntima.

Ao longo deste texto, são exploradas as nuances desse árduo processo de análise, examinando a minha jornada da autoanálise, a dualidade inerente à existência humana, os desafios que enfrentei durante a análise psicológica e o papel crucial dos ditos e não-ditos da minha história de vida. Muitas vezes me debati nesse processo de “escrevivências”, porque

---

<sup>4</sup> Dicio.com.br. (s.d.). *Significado de Ensimesmados*. Recuperado de <https://www.dicio.com.br/ensimesmados/> em 17 de novembro de 2023.

havia coisas da minha história que não posso contar em uma obra pública, como é uma tese, por se constituir também em “um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças...”. Assim, após releituras, decidi suprimi-las, porque no ato da escrita autoetnográfica o outro está presente o tempo todo – não é somente sobre mim. Mas o que fora suprimido por minha própria autocensura em nada invalida toda a peregrinação que foi escrever esse trabalho acadêmico. Em cada linha, busco desvendar o enigma que é o que é ensimesmado, destacando não apenas as minhas dificuldades, mas também as recompensas que surgiram ao compreender a complexidade que reside dentro de mim e do outro (outros, outras).

Nessa perspectiva chego na presente etapa de construção desta tese em que me proponho a refletir sobre o que relatei da minha vida e experiências. O fazer autoetnográfico, per si, pressupõe o exercício do “ensimesmamento”. Portanto, neste caso, o objeto da pesquisa é a pesquisadora, que faz uma viagem interior buscando nas reminiscências até onde é possível a memória alcançar e trazer para fora, buscando a um só tempo esquadriñar com os aspectos externos da cultura e dos contextos-espacos-lugares no aqui-e-agora. Mas não somente isso, até porque seria a reprodução dos “relatos da experiência”, portanto um monólogo.

Nesta etapa, ao qual denomino de análises, busco o diálogo. Sim, a conversa aberta e franca com os diversos autores/autoras estudados/as, longe de esgotá-los, o que seria humanamente impossível, por isso tomo alguns autores/autoras, para comigo discutir sobre a tese “ser tia negra baiana da periferia”, bem como o primordial papel da educação nesse contexto. Ainda que seja uma autoetnografia não é apenas sobre mim, mas também sobre todas as outrasmulheres, mães, trabalhadoras, tias, sobrinhas, primas afrodescendentes, e também eurodescendentes, porque ser tia é universal, como segue o estudo de Maréchal e Scali (2019), no artigo *Le rôle des oncles et des tantes auprès des familles dont les parent ont présenté des épisodes de négligence. Une étude de cas cliniques*<sup>5</sup>. Nessa obra, autores focam no papel dos tios e tias de famílias em que os pais passaram por episódios de negligência parental. A pesquisa baseia-se em estudos de caso clínicos, abrangendo membros como extensões da família, especificamente os tios e tias, influenciando o contexto familiar após a exposição a situações de negligência. Ao analisar casos específicos, o artigo explora as dinâmicas familiares, destacando como as tias podem atuar, de modo crucial, na condição de figuras de

---

<sup>5</sup> O papel dos tios e tias nas famílias cujos pais vivenciaram episódios de negligência. Um estudo de caso clínico (Tradução nossa). Autores: Cindy Maréchal et Thérèse Scali. In: Construction et reconstruction des liens familiaux dans les parcours migratoires. *La Revue Internationale de l'Éducation Familiale* N°46, 2019.

apoio. Isso pode incluir assumir responsabilidades na criação dos filhos, oferecer suporte emocional e prático e desempenhar um papel na mitigação dos efeitos adversos da negligência parental. Por meio de estudos de caso clínicos, o artigo busca identificar padrões e estratégias específicas empregadas pelas tias para lidar com as consequências da negligência. Essa abordagem prática permite uma compreensão mais aprofundada do impacto que membros estendidos da família podem ter na promoção do bem-estar das crianças em contextos familiares desafiadores.

Na última análise, o artigo contribui para a literatura ao fornecer *insights* sobre o papel dos tios e tias em famílias marcadas pela negligência parental, destacando a importância desses membros da família envolvidos na promoção de ambientes mais saudáveis para o desenvolvimento infantil.

Nesse íterim, faço meu relato de caráter autoetnográfico, cujo ponto de partida é a infância, sinalizando a relação com as cidades da minha vivência (Coração de Maria e Salvador), o momento em que meus familiares maternos são obrigados a se deslocar do interior para a cidade grande, contextualizando as origens no aspecto geográfico, social e as relações familiares, com ênfase no lugar ocupado pelas mulheres negras, em especial aquelas destacadas como modelo, inspiração. Sobre este último, evidencia-se o padrão de repetição e lealdade com que algumas mulheres se empoderam do ser quem é, não aceitando a realidade a que estavam submissas. Revelamos as trajetórias de nossas ancestrais africanas, ao mesmo tempo em que nos transformamos na personificação da superação e nos tornamos um modelo a ser admirado pelas gerações subsequentes.

Nesse contexto, é possível considerar as repetições de padrões e a lealdade familiar como estratégias de pertencimento que envolvem compensação de dívidas, uma tática para saldar dívidas do sistema, como proposto por Sampaio (2022). No estudo em questão, observamos que o relato focaliza um fragmento da história de mulheres que herdaram uma narrativa de desigualdade e opressão. São mulheres cuja herança ancestral africana exhibe, por meio da história oral passada para suas descendentes, as trajetórias individuais de luta que cada uma enfrentou visando transcender a subjugação e resistir à força empregada para dominá-las.

A história da mulher negra, frequentemente ausente nos registros convencionais, é uma narrativa rica e complexa que merece ser trazida à luz. Ao longo dos séculos, as mulheres negras têm desempenhado papéis cruciais na construção de sociedades, contribuindo com sua força, resiliência e sabedoria. No entanto, suas histórias muitas vezes foram marginalizadas, silenciadas e subestimadas (GONZALEZ, 1984). O apagamento dessas narrativas impede

uma compreensão completa do panorama histórico e perpetua estereótipos prejudiciais no âmbito das identidades (EVARISTO, 2020). Reconhecer e dar voz à história da mulher negra não apenas resgata suas contribuições valiosas, mas também desafia a narrativa única, promovendo uma visão mais inclusiva e justa da história humana. (Idem). É um ato de justiça histórica trazer à tona essas histórias negligenciadas, reconhecendo o papel significativo que as mulheres negras desempenharam e continuam a desempenhar na construção do mundo em que vivemos.

Nesse sentido, revisito o relato da experiência, confrontando-o com as referências estudadas e o processo vivenciado ao longo da análise. Para atingir essa etapa, superei desafios, obtive percepções valiosas, desenvolvi novas compreensões e vivenciei alterações significativas. Por exemplo, em um dado momento das narrativas precisei recorrer às fotos de família para lembrar de fatos que eu tinha esquecido, bem como essas fotografias serviram para preencher algumas lacunas na memória.

Assim, a proposta de examinar minha própria experiência revelou-se desafiadora, o método da autoetnografia que aparentemente parecia fácil me colocou em alguns calabouços, pois ora eu apresentava apenas relatos autobiográficos, e somente então revendo minha proposta teórico-metodológica eu percebia que precisava falar da cultura, do espaço vivido, bem como de outros aspectos sociais, econômicos e até políticos da época relatada. Nesse sentido é que eu fui muito compelida a aprender mais sobre o método, talvez eu tenha até exagerado nas repetições sobre os conceitos de autoetnografia, mas todo esse aprendizado somente foi possível em meio às tentativas de ensaio e erro, melhor dizendo, mais erros que acertos, tenho consciência.

Mas, aos poucos, eu fui me inteirando da proposta da autoetnografia, e isso se deu quando tive acesso ao livro organizado pelas autoras Izabela Nunes e Constância Duarte (2020) sobre a Conceição Evaristo, nomeado de *Escrivivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Na leitura dessa obra pude perceber como a escrita serve de palco das manifestações de experiências vividas, quando as palavras pululam e a oralidade de repente se torna personagem principal, rasgando os véus que encobrem os modos de falar e de produzir escritos de si e do mundo de uma forma de resistência ao colonialismo literário da academia. Contudo, essa aprendizagem é nova e não é fácil deixar o “velho” ir embora, ou seja, o que já assimilamos pelos anos de educação acadêmica. Assim, esta tese precisa ter os resquícios do que foi por séculos colonizado, então me perdoe o leitor se o estou enganando com promessas impossíveis de cumprir, e aproveito para trazer Lélia Gonzalez (1982), que apontou essa dificuldade, quando disse: “Em suma, esses dois tipos de entidades negras

remetem-nos para dois tipos de escolha: o assimilacionismo e a prática cultural” (GONZALEZ, 1984, p. 22).

Diante desses pressupostos, eu me reconheci como sujeito/objeto de uma investigação que vai além de minha singularidade: sou o sujeito dessa experiência particular, mas ela não se limita a mim. Ela abrange tantas outras mulheres negras como eu, empoderadas ou ainda no processo. Embora eu não seja uma estranha para mim mesma, surpreendi-me no exercício do distanciamento, ao me observar sob a perspectiva da pesquisadora. Nesse sentido, contei com a ajuda de outras pessoas que liam meus relatos em voz alta, para que eu mesma escutasse sobre o que eu escrevia, em um exercício fonético de extrema importância na construção desta tese.

E como bem apontou Silva (2021, p. 98), a batalha pela identidade, entre pertencer e se distinguir do sistema familiar, integra a trajetória individual. No equilíbrio entre esses dois aspectos, começamos a nos perceber como sujeitos únicos. “Esse processo é uma jornada de autoconhecimento”, envolvendo a identificação de aspectos que, de forma natural, suprimimos na tentativa de atender às nossas expectativas internas de aceitação, além de corresponder às demandas familiares e aos padrões dos grupos sociais que integramos (SILVA, 2021, p. 98).

Entretanto, mesmo diante do reconhecimento, da importância e da validação das pesquisas de natureza autoetnográfica, a produção de conhecimento centrada no próprio sujeito da pesquisa continua a ser questionada. Esse questionamento é relevante, pois nos coloca, enquanto pesquisadoras e pesquisadores que se aventuram nesse campo, diante da responsabilidade de zelar pela fidelidade aos princípios que fundamentam esse método. Devo dizer, portanto, que nesta análise procurei manter-me vigilante a tais princípios.

Nesta pesquisa, que tem como participantes as mulheres de minha família, com maior enfoque às mulheres, em sua maioria residentes no Subúrbio Ferroviário de Salvador, enfoco o componente racial, dado que, conforme já apontado nesta tese, existe a predominância da população negra nesse território (AMORIM, 2021). Destaco esse aspecto porque delinear os fatores de raça, classe e gênero em uma localidade caracterizada por diversidades, potencialidades e vulnerabilidades implica a projeção de novas narrativas e possíveis futuros. Esse processo, centrado nas mulheres, especialmente nas negras, periféricas e avós, mães e tias, que se posicionam contra as adversidades silenciadas, busca promover uma transformação significativa no *status quo* dessa gente humilde, mas detentoras de muita garra e força de vontade de mudar a própria realidade e das demais. Ratifico assim, as palavras de Davis-Sowers (2018, p. 66), ao afirmar que “quando a mulher negra se movimenta, toda a

estrutura da sociedade se movimenta com ela." Então, dessa forma escolhi elencar algumas categorias de análise para poder dialogar com as/os diversas/os autoras/autores: 1- O movimento; 2- As festas familiares; 3- Sentindo o racismo na pele; 4- A Tia cuidadora e 5- Fazendo do meu exemplo um modelo de vida.

## 5.1 O MOVIMENTO

O primeiro movimento foi impetrado pela minha mãe, que começa o seu processo de empoderamento negro (CRENSHAW, 1991; CORNAWALL, 2018), ao sair da cidade pequena e passar a viver uma nova vida na cidade grande, deixando para trás, por um tempo, sua própria mãe, um irmão e duas irmãs. Nessa época, a família, predominantemente no Brasil, era patriarcal (FREYRE, 2006). Ao ter essa atitude, foi desencadeado, por parte da família paterna, que era constituída por pessoas brancas, fazendeiras, um falatório contra ela, e assim ela foi taxada de prostituta, simplesmente pelo fato de ter se deslocado para trabalhar na cidade grande.

Logo a seguir, minha mãe, já estabelecida, trabalhando num hotel e vivendo em uma casa alugada, traz o resto da família para viver com ela (minha avó Vitalina, meus tios e minhas tias Maria e Rita). Então considero que elas constituíram o segundo grupo de mulheres a se empoderar de sua condição e buscar a tão sonhada liberdade.

E representando a terceira geração de mulheres a se empoderar de si, eu própria, que escrevo sobre minha história de vida, de uma mulher, negra, tia, irmã, filha, moradora do Subúrbio Ferroviário de Salvador, com a intenção de que a diversidade de vozes que trago aqui possa fornecer uma luz para uma compreensão social renovada. O foco está no papel das tias que, além de promover o bem-estar dos seus sobrinhos, aponta o caminho da educação a partir de seu próprio exemplo, trazendo as múltiplas vozes e experiências, destacando a importância da participação das mulheres negras na formulação e tomada de decisões que mudaram suas vidas e de seus parentes.

Conforme propôs Paulo Freire (1988/1981), o processo da "conscientização" envolve a compreensão crítica da realidade social e a capacidade de agir para transformá-la. Freire defendia uma abordagem educacional que levasse os alunos a refletir criticamente sobre o mundo ao seu redor, desenvolvendo a autonomia que deve ser inerente ao indivíduo. E assim eu fiz, tomando para mim esse "conceito" e apontando também para meus sobrinhos, de modo a alcançar a desejada "emancipação" (FREIRE, 1987; HOOKS, 2013).

Em meus relatos de experiência, aponte as figuras de antigas professoras e

professores. Por exemplo, a professora de Língua Portuguesa, que, aos meus olhos de menina sonhadora, parecia para ser muito rica, cujo pensamento me fez acreditar que eu também poderia mudar minha realidade social; o professor de Matemática chamado Antônio, que era um bom professor, por isso, enquanto eu fui aluna dele aprendi a disciplina mais temida pelos alunos, e isso fez com que eu me interessasse pela área de exatas, principalmente a matemática; a professora Maria José, que lecionava Ciências, derivando daí a minha escolha profissional no curso superior de Licenciatura em Biologia, na Universidade Católica do Salvador (UCSal). Considero relevante trazer esses atores e atrizes sociais, porque me influenciaram a ser o que sou hoje, também professora e gestora numa escola do Subúrbio de Salvador, onde conheço a comunidade, e da qual eu também faço parte, por ser moradora do bairro vizinho à unidade escolar.

No período em que minha família materna foi viver no centro da capital, no bairro dos Barris, moravam em um cortiço, logo, dividiam espaço com outros moradores, por exemplo, no uso de um banheiro coletivo. De acordo com relato de Costa e Azevedo (2016):

Os cortiços originaram-se a partir de grandes casarões que durante o Império, serviam de morada para pessoas ricas e abrigavam apenas uma só família. Essas edificações, ao passar dos anos, não foram cuidadas e no final do século XIX passaram a ser ocupadas por dezenas de famílias que não possuíam outro lugar para morar, fazendo com que os cortiços se tornassem invisíveis para a paisagem urbana. É válido ressaltar que, por conta de terem sido construídos por famílias da classe alta, esses cortiços se localizam em bairros centrais das cidades (COSTA; AZEVEDO, 2016, p. 150).

Algum tempo depois, o preço dos imóveis nessa localidade aumentou absurdamente, levando assim milhares de famílias a migrar para a periferia da cidade. Dentre esses bairros, minha família escolheu morar no Alto da Terezinha, por conta da facilidade de encontrar imóveis mais acessíveis. A localidade tornou-se, portanto, reduto da população afrodescendente e muito empobrecida, devido ao processo de escravização negra e à ausência de políticas públicas após a Lei Áurea, em 1888 (GONZALEZ, 1982).

Avançando nesse percurso narrativo, ainda na infância, trago relato sobre as condições socioeconômicas vividas pela população empobrecida, nas décadas de 1960 e 1970, na região do Subúrbio Ferroviário. Era um cenário em que não existia água encanada para abastecer as nossas casas, assim era preciso pegar nos rios ou fontes de água corrente que existiam na localidade; também não havia asfalto nas ruas, nem escolas, nem área de lazer. Isso só ilustra como a vida era mais difícil nessa época!

Ao longo de toda história baiana observa-se a formação de um quadro sócio-econômico perverso, cujo traço idiossincrático mais marcante é a manutenção de índices constrangedores, que fazem de Salvador capital nacional do desemprego e das desigualdades sociais. A precariedade das condições de moradia avança por dentro desta dinâmica e, nesse sentido, os segmentos populares adotam como saída para sua necessidade de moradia as ocupações irregulares. A Região Metropolitana de Salvador (RMS) passa então a viver uma intensificação do processo de favelização. Sem infraestrutura básica e com saneamento precário, vítimas do preconceito da sociedade e do descaso do Estado e das autoridades, estes cidadãos e cidadãs estão sujeitos a condições de vida sub-humanas (SILVA, 2008, p.119).

O deslocamento compulsório da minha família, que saíra do Bairro dos Barris, porque ali começava um processo de elitização, foi derivado historicamente das condições citadas por Gomes (1990): alguns/algumas ex-escravos/as encontraram trabalhos temporários e, mesmo recebendo pagamentos ínfimos, conseguiram “apropriar-se de uma parte do produto de seu trabalho, a qual lhe permitira arcar com as despesas de sua própria manutenção”. (GOMES, 1990, p. 10), sendo que uma dessas despesas referia-se à compra de terrenos ou barracos nas periferias das cidade. Esse fato me fez lembrar da trajetória da personagem Ponciá Vicêncio: “quando Ponciá Vicêncio, depois de muitos anos de trabalho, conseguiu comprar um quartinho na periferia da cidade, retornou ao povoado” em busca da mãe e do irmão (EVARISTO, 2006, p. 47).

Ficaram em mim muitas boas lembranças de quanto eu vivi na companhia da minha avó, que não tinha escolaridade, mas era dotada de uma sabedoria ímpar. Ela lavava roupa, vendia cocada, fazia quebra-queixo, fazia faxina, carregava água de ganho, entre outras atividades, corroborando o que apontou Lélia Gonzalez (1982) sobre a condição de trabalhador do povo negro.

Outro grande escoadouro de mão-de-obra barata foi a prestação de serviço. Também ali encontramos o trabalhador negro fortemente representado, sobretudo em atividade menos qualificadas tais como limpeza urbana, serviços domésticos, correios, segurança, transportes urbanos, etc. (GONZALEZ, 1982, p.14)

No cenário histórico do Brasil, a prestação de serviços emerge como um significativo escoadouro de mão-de-obra barata, caracterizado pela representação expressiva do trabalhador negro. Essa realidade se manifesta de maneira marcante em atividades menos qualificadas, incluindo limpeza urbana, serviços domésticos, correios, segurança e transportes urbanos, conforme ilustrado por Gonzalez (1982, p. 14). Essa presença vigorosa do trabalhador negro nessas ocupações revela dinâmicas sociais e econômicas que permeiam

as relações de trabalho no País, ressaltando a importância de uma reflexão crítica sobre as questões de desigualdade e representatividade presentes nesse contexto.

O texto citado aponta para uma realidade histórica na qual o racismo se manifesta de maneira contundente no cenário brasileiro. Ao mencionar a prestação de serviços como um importante escoadouro de mão-de-obra barata, destaca-se a forte representação do trabalhador negro em atividades menos qualificadas, evidenciando um padrão de segregação racial nas oportunidades de emprego.

A concentração significativa de trabalhadores negros em setores como limpeza urbana, serviços domésticos, correios, segurança e transportes urbanos, entre outros, revela não apenas a persistência das desigualdades raciais, mas também a naturalização dessas disparidades no tecido social. Essa distribuição desigual de oportunidades reflete um sistema estrutural que historicamente marginalizou a população negra, relegando-a a ocupações muitas vezes precárias e mal remuneradas. Nesse sentido, alguns tendem a atribuir (não erroneamente) à escravização do negro esse lugar hoje ocupado por seus descendentes, mas não vale atentar para a ressalva de Souza (2018).

[ ] a atribuição da marginalidade do negro a causas outras que não a cor e o racismo equivaleria a atribuir a culpa da mesma à sua vítima. Ora, é precisamente o abandono secular do negro e do dependente de qualquer cor à própria sorte a causa óbvia de sua inadaptação. Foi esse abandono que criou condições perversas de eternização de um habitus precário, que constrange esses grupos a uma vida marginal e humilhante. [...] Na realidade, portanto, não é a continuação do passado no presente inercialmente que está em jogo, realidade esta destinada a desaparecer com o desenvolvimento econômico, mas a redefinição moderna do negro (e do dependente ou agregado brasileiro rural ou urbano de qualquer cor) como imprestável para exercer qualquer atividade relevante e produtiva no novo contexto, que constitui o quadro da nova situação de marginalidade (SOUZA, 2018, p. 230, 231, 232).

Gonzalez (1982) aponta para a urgência de compreendermos e problematizarmos essas dinâmicas, pois elas não apenas refletem o racismo estrutural presente na sociedade brasileira, mas também perpetuam um ciclo de desigualdade que impacta negativamente a vida e as perspectivas de ascensão social dos afrodescendentes.

Portanto, a análise desse contexto ressalta a importância de enfrentar o racismo de maneira sistemática, promovendo políticas públicas e ações afirmativas que busquem corrigir as injustiças do passado e, ao mesmo tempo, criar oportunidades equitativas para todos, independentemente de sua origem étnico-racial. Ademais, estimula a reflexão sobre a necessidade de desconstruir estereótipos e preconceitos arraigados na sociedade, fomentando um ambiente mais inclusivo e igualitário para as gerações presentes e futuras.

## 5.2 SENTINDO O RACISMO NA PELE

No Brasil, a população negra representa aproximadamente 56%, tornando-se a maioria, porém, lamentavelmente, muitos ainda são considerados pertencentes a grupos minoritários socialmente. Essa constatação é corroborada pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), apresentados em 2019 pelo IBGE.

É notável que a imagem predominante associada às mulheres negras é a de empregada doméstica. As mulheres negras, descendentes de uma história de escravidão, são parte de um povo de grande resiliência, representando-se por meio de uma luta corajosa, herança do povo africano. Elas contribuem significativamente para a diversidade étnica e cultural da sociedade brasileira, valorizando e preservando sua própria cultura. A capoeira, por exemplo, tornou-se um bem imaterial do Brasil graças à sua influência; o candomblé ainda se mantém, apesar de toda a repressão sofrida, graças à coragem delas. Quantas já não perderam suas vidas por defender tais práticas?

O artigo 8º, do Estatuto da Igualdade Racial, apontou diretrizes com objetivos de proteger a saúde da população negra, dentre elas, o parágrafo III, que trata do “fomento à realização de estudos e pesquisas sobre racismo e saúde da população negra”.

O Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288/2010, é uma legislação brasileira que busca promover a igualdade racial e combater a discriminação racial no País. Seu principal objetivo é garantir direitos e oportunidades iguais para todas as pessoas, independentemente da sua origem racial ou étnica. O estatuto abrange diversas áreas, incluindo educação, saúde, trabalho, cultura e acesso à justiça, com medidas específicas para combater o racismo e promover a inclusão de afrodescendentes e outras populações discriminadas. Entre suas disposições, destaca-se a criação de políticas afirmativas, a promoção da cultura afro-brasileira, a punição de atos discriminatórios e a garantia de igualdade de oportunidades em diferentes setores da sociedade. O Estatuto da Igualdade Racial representa um marco legal na busca por uma sociedade mais justa e igualitária no Brasil.

Atualmente, diversas leis buscam inibir as práticas do racismo no Brasil, bem diferente do passado, conforme aponto no relato emocionado da minha tia Elisa (83 anos), quando me contou sobre o que acontecera para minha mãe ter saído da fazenda onde era criada pela família, porque “tinha um (tio) que queria fazer de minha irmã mais velha sua amante” (Tia Elisa, 2023). Era muito comum essa prática naquela sociedade, homens e mulheres descendentes de escravizados sofriam muito, e segundo Ângela Davis (2016),

(...) as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (DAVIS, 2016, p. 25)

Essa autora nos ajuda a entender o porquê desse comportamento do branco escravocrata:

Seria um erro interpretar o padrão de estupros instituído durante a escravidão como uma expressão dos impulsos sexuais dos homens brancos, reprimidos pelo espectro da feminilidade casta das mulheres brancas. Essa explicação seria muito simplista. O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros (DAVIS, 2016, p. 38).

Percebe-se, com isso, que, apesar de a experiência histórica da escravização negra ter afetado todas as pessoas, independentemente de seu gênero e idade, suas ramificações na discriminação sexual persistem por meio das práticas sexistas do patriarcado predominante, inclusive entre homens negros, colocando as mulheres negras em uma posição de "discriminadas entre os discriminados". Lélia Gonzalez (1982) destaca a superexploração socioeconômica e sexual das mulheres afrodescendentes, ilustrando isso com um ditado brasileiro: "Branca pra casar, mulata pra fornicar, negra pra trabalhar" (Ibidem, p. 134). Esse contexto lança uma luz para compreender por que as mulheres negras são mais prevalentes na base da pirâmide social e enfrentam os piores indicadores de qualidade de vida (AMORIM, 2021).

Como observou Beatriz Nascimento (2006a [1976]), a escravização estabeleceu o papel social subalterno da mulher negra, e o sistema econômico pós-abolição se beneficiou dessa hierarquização, recorrendo a artifícios mais ou menos discriminatórios para manter as mulheres negras em uma posição de subordinação ou exclusão no mercado trabalho com a ênfase no "é quase da família" ou "é um pouco mais clarinha" (NASCIMENTO, 2006 [1976]).

Abro um parêntese aqui para discutir sobre o difícil ato de ser mulher. Ainda que pareça um grupo relativamente homogêneo, aparentemente coeso, percebem-se diferenças significativas entre as integrantes que o constituem, o que só reforça o fato de que somos múltiplas e que essas diferenças precisam ser levadas em consideração se quisermos operar

mudanças significativas no contexto social em que estamos inseridas. Aproveito assim para trazer uma citação de Wittig (2019):

Nossa primeira tarefa, ao que parece, é desassociar completamente “mulheres” (a classe dentro da qual lutamos) de “mulher”, o mito. Pois “mulher” não existe para nós, é apenas uma formação imaginária, enquanto “mulheres” são o produto de uma relação social. [...] Além disso, temos que destruir o mito dentro e fora de nós mesmas. “Mulher” não é cada uma de nós, mas sim a formação política e ideológica que nega “mulheres” (o produto de uma relação de exploração). “Mulher” existe para nos confundir, para ocultar a realidade de “mulheres”. Para nos conscientizarmos que somos uma classe e para nos tornarmos uma classe, primeiro temos que matar o mito “mulher”, inclusive seus aspectos mais sedutores (WITTIG, 2019, p. 88).

Penso que este trecho acima elucida a questão que estou discutindo nesta tese, sobre o ser “mulheres negras”, que só seremos respeitadas quando nos conscientizarmos que somos uma classe distinta de outra classe, na qual se enquadram as mulheres brancas em nosso País. Estas ganham menos que os homens na mesma função, enquanto aquelas (as negras) nem sequer ganham alguma coisa, estão no mercado informal, são as beneficiárias das políticas públicas, e “ai delas se não tivessem essa reparação”!

### 5.3 AS FESTAS FAMILIARES ENTRECORTANDO AS FESTAS DE ORIGEM AFROBRASILEIRA

Nas celebrações secretas, como as festas nas senzalas, os indivíduos escravizados construíram um refúgio de cultura, resistência e solidariedade. Em meio à escuridão, eles acenderam fogueiras de esperança, mantendo viva a chama que um dia brilharia para todos. Essa era a visão que tinham para o futuro, embora soubessem pouco sobre as mudanças que viriam nesse sentido.

Recordo-me de vários momentos festivos, uma tradição afrodescendente praticada em minha família quando minha avó ainda estava presente, e que continuamos a realizar, mesmo após sua partida. Na minha infância, por volta dos dez anos, eu ainda não compreendia completamente, mas agora, por meio deste estudo e de muitas leituras, percebo que durante a época de minha bisavó e avó, quando residiam e trabalhavam na fazenda do meu bisavô, elas ainda enfrentavam condições equiparadas à escravidão, como apontou minha tia Elisa:

*Sou filha de uma família cuja primeira geração se originou de uma mulher que chegou no Brasil na condição de escrava, que trabalhou muitona roça, a minha avó materna, minha mãe, mulher negra descendente dessa ex-*

*escravizada que lutou muito para criar seus quatro filhos, em uma cidadezinha do Estado da Bahia conhecida como Coração de Maria, onde vivi até os meus 22 anos de idade com a família do meu pai, que era um homem branco, filho de um grande fazendeiro da cidade onde minha avó viveu e teve os seus quatro filhos. [...] na fazenda aconteciam coisas as quais deixava minha irmã muito chateada, eram considerados pretos como minha mãe e minha avó; contudo, recebíamos o mesmo tratamento que os empregados da fazenda. (Tia Elisa, 2023).*

Minha tia Elisa relata que, ainda que elas tivessem pai branco, eram tratadas como “os empregados da fazenda”, que muito provavelmente eram também todos negros e viviam numa semiescavidão. Corroborando essa ideia, Fernandes *et al.* (2022) apontam que “a tão sonhada abolição ocorrida em 1888 pela Lei Áurea não veio acompanhada de uma inserção na sociedade, os negros não tiveram direito ao trabalho formal, saúde, educação, moradia e outros tantos outros direitos dos cidadãos brancos” (FERNANDES *et al.*, 2022, p. 3).

Nesse sentido, eram nas festas que os pretos buscavam uma forma de resistência, uma maneira de preservar as tradições e criar momentos de alegria que ultrapassavam as amarras físicas e emocionais. “Hoje eu definiria essas festas como uma espécie de representação de pertencimento, pois eram um momento em que nos organizávamos e celebrávamos nossas raízes” (RAMOS, 2017, p. 23).

Os negros faziam isso nas senzalas, como apontou Fanon (2008). À luz de tochas improvisadas, os batuques ecoavam pelas noites escuras, desafiando a opressão com ritmos que eram um grito de esperança. Nas festas, as tradições africanas ganhavam vida e as histórias eram contadas por meio de danças, cantos e tambores que reverberavam nas entrelinhas do sofrimento (NASCIMENTO, 2016).

Relembro que também as festas realizadas pela minha família tinham um ar de reavivamento, de reminiscências de um passado que ficou enraizado em nossas memórias. A festa em família não era apenas uma celebração; era um testemunho vivo do amor, da conexão e da importância de manter as tradições vivas. Enquanto a noite avançava, ficou evidente que esses momentos especiais eram verdadeiramente o alicerce que unia a família Lima, criando uma teia de memórias calorosas que seriam levadas por gerações futuras.

#### 5.4 A TIA CUIDADORA

Associada a essa trajetória profissional e acadêmica, relaciona-se a minha experiência pessoal enquanto tia cuidadora. Na minha dissertação do Mestrado aponto esse papel maternal através dos dados quantitativos, e agora confirmo esses dados com a minha própria narrativa:

*Esse menino, com aquele jeito de um anjinho chegou à adolescência e se tornou a pessoa mais desobediente da família e acabou se envolvendo no mundo das drogas com apenas 13 anos de idade. De vez em quando ele surtava, o levei ao psiquiatra que diagnosticou hiperatividade e transtorno bipolar, com isso ele passou a ser acompanhado sempre e fazer uso de medicamentos de uso controlado. Considero que, dentre os momentos mais triste que tive na vida, a perda da minha mãe e o envolvimento de meu sobrinho no mundo das drogas foram os dois momentos que mais me fizeram sofrer. Mais uma vida de luta e sofrida dessa tia que faz tudo pelos sobrinhos. (Madalena, narrativa de si, 2023).*

De acordo com Censi (2014), a lealdade pode ser determinada em termos morais, filosóficos, políticos e psicológicos. É descrita como a atitude de confiança dos indivíduos em relação ao objeto da lealdade. Estabelecem entre os membros de uma família, que ficam conectados, as solicitações também inconscientes de seus antepassados, conduzindo-os a uma fidelidade que muitas vezes vai contra seus desejos. Constitui-se com base na formação de mitos e segredos e pode permanecer por mais de uma geração.

Posso considerar a minha família como as denominadas famílias coletivistas, pois a principal característica era de serem famílias extensas, constituídas por vários membros, de modo que era possível encontrar em um mesmo espaço mãe, filhos, avó, tia, tio, primos, podendo ser classificado como uma família coletiva (HOOKS, 2002; RABINOVICH; BASTOS, 2012).

Um dos traços marcantes da família coletivista é a importância atribuída à interdependência. Cada membro desempenha um papel vital na estrutura familiar, contribuindo para o equilíbrio e a harmonia do grupo. As decisões importantes são tomadas considerando o impacto não apenas em um indivíduo, mas em todo o núcleo familiar, conforme já apontado por alguns autores, a exemplo de Fabrini (2023) e Gouveia *et al.* (2003).

Desse modo, ratificando o que asseverou Davis-Sowers (2012) sobre o papel das expectativas culturais que cercam as tias negras, e como estas compreendem que o seu papel social, enquanto tias, consiste em desempenhar o papel de segundas mães para seus sobrinhos e sobrinhas. Historicamente, continua a autora, nas comunidades negras, a responsabilidade de alimentar, vestir e educar todas as crianças recai sobre a comunidade. Se a mãe biológica não pudesse cumprir essas obrigações, outra mulher na comunidade assumiria. As tias negras, portanto, cresceram ouvindo que as famílias negras cuidam uns dos outros e testemunharam suas próprias tias desempenhando esse papel, e isso provavelmente foi o que aconteceu comigo, ao ser cuidada na mais tenra idade pela tia Maria.

Ao comungar dessa ideia, trago as narrativas de Ramos (2017) sobre essa condição de

cuidadora em uma família coletivista:

*Assim como acontece em várias famílias brasileiras, na minha há uma prática comum: quem ascende socialmente numa capital (no nosso caso, Salvador) acaba “puxando” os parentes do interior.*

[...]

*No meu lado paterno, quem cumpriu esse papel foi Dindinha, tia-avó de meu pai. Ela, aliás, levou esse costume ao extremo: recebeu nada a menos que dezenove sobrinhos na sua casa, no bairro da Federação (RAMOS, 2017, p. 28).*

Desse modo, tento fazer de minha própria busca pela educação um exemplo não apenas para os meus sobrinhos e sobrinhas, mas também para meus alunos, por considerar a escola uma família da qual faço parte.

## 5.5 FAZENDO DO MEU EXEMPLO UM MODELO DE VIDA

Dentre os meus irmãos, eu fui a única na família a cursar uma universidade e a trilhar o meu caminho acadêmico. As minhas três irmãs fizeram curso técnico e trabalham na área escolhida, e apenas uma se tornou somente dona de casa. Quanto aos meus sobrinhos, um deles está cursando Administração de Empresas, numa faculdade particular, sob minha tutela, visto que sua mãe, minha irmã, não teve muitas condições financeiras para ajudá-lo. Tenho outro sobrinho que trabalha na área da Ciência da Computação e ainda tem dois meninos e uma menina que estão no Ensino Médio. Tenho também mais dois sobrinhos, filhos de meu irmão, que também estão no Ensino Médio e cursando modalidade técnicas. Tenho um irmão, esse foi o que teve cinco filhos, dentre os quais uma menina, que é técnica em enfermagem. É uma família bem humilde, pois meu irmão vive desempregado e sem muitas condições financeiras para ajudar os filhos. Esses são os que mais recebem minha ajuda. Para Davis-Sowers (2006, p. 98),” tornar-se tia exige que as mulheres aprendam e desempenhem o papel expectativas e obrigações associadas à nova função” (tradução livre).

Como eu optei pela não maternidade, era esperado de mim, que tenho uma boa renda financeira, que cuidasse dos mais vulneráveis da família, sendo que as crianças e adolescentes, meus sobrinhos, são os mais impactados com a pobreza dos seus pais. Então, de modo a que eles não repitam o ciclo da pobreza, busco incentivá-los a estudar, inclusive mostrando o quanto eu, com a idade avançada em que me encontro, ainda busco melhorar minha situação financeira por meio da educação. “As mulheres carregam essas lições de compromisso familiar e o cuidado em suas vidas adultas quando se tornam cuidadoras de pais

idosos, irmãos, sobrinhas e sobrinhos, maridos, filhos e netos”. (DAVIS-SOWERS 2006, p.98), (tradução livre)

Tenho um sobrinho, que está cursando Administração de Empresas numa faculdade particular, financiado por mim. Em troca, ele também me ajuda, seja nas minhas demandas como gestora de uma escola pública, seja no mercadinho do bairro o qual eu e meu esposo adquirimos. Além disso, sempre que eu preciso, ele faz o papel de motorista particular, com o carro que comprei, mas não tenho coragem de dirigir, mesmo tendo habilitação para tal. Desse modo, espera-se uma lealdade familiar entre os membros da minha família. Barbosa *et al.* (2020) afirmam que a lealdade à família é incondicional, independentemente das dificuldades ou desafios que possam surgir.

Há, portanto nesses comportamentos o retrato do que se é esperado socialmente na família negra, cada um define o papel da tia como base da “expectativa cultural”, assim, o papel da tia negra é um construção social, o que significa que tia é um comportamento aprendido, não um instinto ou outro tipo de entidade biologicamente determinada.”.Através dessas expectativas culturais, todos aprenderam que as tias são alguém que “ficana brecha”, a fim de garantir que as crianças e adolescentes tenham o amor e o apoio que os pais talvez não consigam dar a eles. (DAVIS-SOWERS 2006, p. 98/99 - tradução livre)

Então, é dessa maneira que me vejo numa extensão do papel parental, e quando meus sobrinhos e sobrinhas precisam de minha ajuda, lá eu estou preenchendo essa “brecha” deixada pelos seus pais (meus irmãos e irmãs), e principalmente se a necessidade deles for no âmbito educacional.

O tópico que nomeei “Caminhos da maturidade: navegando pelos desafios da vida adulta” mostra o quanto o meu percurso intelectual acadêmico foi um projeto de vida construído propositadamente para melhorar minha vida financeira, mas com o objetivo maior de apoiar meus familiares, principalmente aqueles que não escolheram trilhar o mesmo caminho. No entanto, foi na esfera da educação que minha trajetória se mostrou mais eficaz.

*Só tomei posse do cargo de docente pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia em 1999. Fui lecionar no Colégio Estadual Clériston Andrade e estou até os dias atuais Nesse cargo foi possível participar de diversos cursos de atualização e também aproveitei para fazer cursos de pós-graduação no nível de especialização. Cursei Psicopedagogia Escolar porque sentia necessidade de ajudar meus alunos que tinham diversas dificuldades de aprendizagem, de modo a sempre buscar ser melhor no meu exercício profissional. Também pude ajudar meus sobrinhos nesse aspecto, não só mais no lado financeiro como antes. Ajudava-os com as tarefas escolares e no desenvolvimento da aprendizagem, participava das reuniões e convocações feitas pela unidade escolar deles. Como professora eu podia*

*entender melhor essa relação educativa.* (Madalena, 2023, nesta tese)

Em sua pesquisa, Davis-Sower (2006) citou que alguns desafios parecem iguais para tias e avós, como tempo restrito, questões legais e financeiras, bem como a criação de filhos não biológicos. No entanto, os desafios para avós e tias diferem significativamente. Por exemplo, enquanto os avós são de uma geração diferente da dos pais biológicos, as tias fazem parte da mesma geração dos pais biológicos; muitas vezes as avós estão com a saúde debilitada e apresentam maior fragilidade, e as tias, por sua vez, se encontram numa condição melhor e portanto, com disponibilidade. Por outro lado, as tias ainda estão no mercado de trabalho, enquanto as avós já se afastaram ou nunca trabalharam fora do lar.

Na cultura africana e, historicamente, nas comunidades negras, a responsabilidade de alimentar, vestir e educar todas as crianças recaía sobre a comunidade como um todo. Se, porventura, a mãe biológica não pudesse cumprir essas obrigações, então outra mulher na comunidade deveria fazer esse papel. As tias negras, ao crescerem, foram constantemente expostas à narrativa de que as famílias negras se unem para cuidar dos seus, testemunhando suas próprias tias desempenhando esse papel. A minha prima Rita traz essa mesma afirmação:

*Ser tia, né, vamos dizer assim: o que é ser tia? Na verdade, para mim, seria é ser mãe, porque você acaba exercendo a função da mãe. Eu, antes de ser mãe, já era tia dos meus sobrinhos e eles, como ficavam sempre comigo, onde eu ia, festinha, praia, viagem, final de semana, sempre estavam comigo, então, acabei me tornando um pouquinho mãe deles, né?* (Prima Rita, 2023)

Portanto, a transição das tias para assumirem responsabilidades parentais em relação aos sobrinhos e sobrinhas foi percebida por elas como uma progressão natural nesse papel. (DAVIS-SOWERS 2006). Quando eu nasci e até a adolescência, fui cuidada por minha saudosa tia Maria, que em seu último depoimento para essa pesquisa me contou que me considerava como “uma filha”, e que esse sentimento materno perdurou até ela se casar e ter seus próprios filhos, e assim eu também a considerava uma tia-mãe.

Sempre considerei minha família coletivista, fui crescendo e admirando esse jeito de existir, e percebia que, no Subúrbio, ao menos no bairro em que nós morávamos (e residimos na atualidade), existia esse senso de coletivismo, onde os vizinhos dividiam o pouco que tinham, cuidavam das crianças que cresciam brincando na rua, e assim todas eram tios e tias. Atualmente sinto uma grande mudança nesse aspecto, devido aos crescentes índices de violência urbana, de modo que as vulnerabilidades deixam as pessoas praticamente se

enclausuraram em suas casas muradas e protegidas com arames, e até redes eletrificadas, ou cães de grande porte. Eu mesma tenho uma cadela chamada Bela, que cuida da minha casa enquanto estou fora, mas só a adquiri após ter sofrido duas invasões e terem sido furtados alguns pertences pessoais.

As famílias de origem africana eram (e são em algumas tribos) essencialmente coletivistas, onde o tecido social é entrelaçado por laços estreitos de solidariedade e cuja identidade é compartilhada. Nessas comunidades, o individualismo cede espaço à interdependência, e o bem-estar coletivo é colocado acima do sucesso individual. A solidariedade é o alicerce que sustenta suas estruturas, em que os membros compartilham responsabilidades, sucessos e desafios, formando uma teia intrincada de apoio mútuo. Em tempos de adversidades, a comunidade é um refúgio, proporcionando conforto emocional e suporte prático.

A partilha é uma moeda de troca valiosa nessas comunidades. Seja na distribuição de recursos materiais ou na transmissão de saberes ancestrais, a cultura de partilha fortalece os laços comunitários. O sucesso de um indivíduo é celebrado como uma conquista coletiva, reforçando a ideia de que todos são responsáveis pelo florescimento de cada membro (MAUSS, 2003). A identidade coletiva se manifesta não apenas nas tradições compartilhadas, mas também na consciência de pertencer a algo maior do que o eu individual. Os valores da comunidade moldam escolhas e comportamentos, criando uma narrativa compartilhada que une as gerações e fornece uma bússola moral (OLIVEIRA; SILVA, 2020 e QUEIROZ; SANTOS, 2016).

Nessas comunidades, as decisões não são impostas de cima para baixo, mas sim moldadas por meio de processos participativos. A voz de cada membro é valorizada, criando um senso de coautoria nas escolhas que afetam a comunidade como um todo. A democracia é vivida no cotidiano (OLIVEIRA; SILVA, 2020).

Apesar dos benefícios, comunidades coletivistas não estão imunes a desafios. A harmonia delicada pode ser perturbada por pressões externas ou divergências internas. No entanto, a resiliência dessas comunidades muitas vezes reside na sua capacidade de se adaptar, aprender e crescer juntas (OLIVEIRA; SILVA, 2020). O sentido de pertencimento transcende o indivíduo, tecendo uma tapeçaria de relações significativas. A riqueza dessas comunidades reside na habilidade de equilibrar a interdependência com a liberdade individual, criando um ambiente onde cada membro é verdadeiramente parte de algo maior e essencial. (GODELIER, 2001; MAUSS, 2003).

Por fim, reconheço que esta análise está longe de ser completa, definitiva, e, mais

importante, não busca ser objetiva e imparcial. Estou profundamente envolvida na pesquisa que conduzi, nos meus autorrelatos. Ao longo dos últimos quatro anos, eu e a pesquisa tornamo-nos uma entidade única. Concentrei-me nos aspectos que considerei mais relevantes do meu ponto de vista e perspectiva, moldando análises, explicações e interpretações com base no repertório construído ao longo desse período. É fundamental destacar que esse processo é seletivo, logo, optei por abordar certas questões em detrimento de outras. Assim, há aspectos nos relatos das moderadoras e nas experiências que compartilhei com o grupo que não foram totalmente explorados. No entanto, essa lacuna não compromete a cientificidade do trabalho realizado; ao contrário, reforça o potencial das problematizações feitas e do contexto de pesquisa escolhido. Isso abre portas para futuras investigações relacionadas a este tema, destacando a gama de possibilidades que ainda podem ser exploradas, e que apontarei nas considerações finais que se seguem.

## PARTE VI

### 5. NO BOJO DAS CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

Escolher empreender uma pesquisa centrada na minha própria experiência subjetiva, como já mencionado, não foi uma tarefa simples. No entanto, essa decisão proporcionou a abertura de diversas outras possibilidades que transcenderam os limites do meio acadêmico. Mesmo diante da exaustão resultante do intenso embate entre o tempo cronológico e o tempo oportuno, reflito agora que valeu a pena escrever esta tese-memorialística de família. Atrelada a meu percurso profissional e acadêmico, está a minha vivência pessoal enquanto tia cuidadora.

Considero importante trazer a história da mulher negra, a partir das minhas vivências e de minhas ancestralidades, visto que, como apontou Souza (2022), a narrativa da história ocidental moderna, conforme a conhecemos, foi moldada a partir de uma ótica masculina, destacando-se nos relatos históricos os feitos de grandes guerreiros e escritores brilhantes, predominantemente do sexo masculino. Embora essa seja apenas uma abordagem na narrativa dos eventos, ela é frequentemente naturalizada ao ponto de ser aceita, estudada e perpetuada como a única e “verdadeira História, representada com um “H” maiúsculo”. (SOUZA, 2022, p. 71). No contexto do Brasil, por exemplo, essa narrativa muitas vezes é contada a partir da perspectiva do colonizador europeu, homem, branco, heterossexual e cristão, omitindo, silenciando e distorcendo a visão dos povos originários, das pessoas negras escravizadas, das mulheres, dos homossexuais e de todos os grupos cuja fé não se baseava no Cristianismo (SOUZA, 2022).

Tenho desempenhado um papel ativo na vida de meus sobrinhos, oferecendo suporte em diversas áreas, como assistência financeira, estímulo nos estudos, cuidados médicos e aconselhamento, mesmo quando contam com a presença e apoio de seus pais. Dessa maneira, foi a partir de toda essa experiência e trajetória que surgiu o interesse em investigar a influência dos tios e das tias na vida de seus sobrinhos, buscando compreender de que maneira outros membros familiares, além dos avós – que têm sido alvo de considerável pesquisa –, também participam dessa intrincada rede de apoio.

Na condição de tia afrodescendente, minha jornada desempenha um papel fundamental não apenas na esfera familiar, mas também na construção de identidade e na contribuição para a rede de apoio que sustenta meus sobrinhos. Ao mergulhar nas nuances

dessa experiência, compreendi que meu papel transcende o convencional, estendendo-se para além das fronteiras familiares. Diferentemente da personagem Ponciá Vicêncio – “Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida” (EVARISTO, 2006, p. 84) –, minha mãe e minhas tias e eu mesma buscamos escrever para nós e nossos descendentes uma nova história.

Assim, no exercício de tia, encontrei-me não apenas como provedora de suporte prático, mas também como um elo cultural, compartilhando tradições, histórias e valores que refletem nossa herança afrodescendente. Através do apoio financeiro, incentivo educacional e aconselhamento, moldo não apenas o presente, mas também o futuro desses jovens, contribuindo para a construção de uma identidade forte e resiliente.

Nesse sentido, a luta pela equidade e justiça se entrelaça com meu papel de tia afrodescendente, pois busco oferecer um ambiente que empodere meus sobrinhos, capacitando-os a enfrentar os desafios impostos por uma sociedade muitas vezes permeada por desigualdades. Assim, minha presença como tia não é apenas de testemunha, mas de participante ativa na formação de indivíduos conscientes, conectados às suas raízes e prontos para desafiar e superar qualquer forma de adversidade.

Ser tia afrodescendente é abraçar um papel de liderança que vai além do núcleo familiar, influenciando positivamente as gerações vindouras e contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. É uma posição de responsabilidade e orgulho, marcada pela resiliência, amor e o compromisso contínuo com a promoção do bem-estar e sucesso daqueles que carregam consigo a herança afrodescendente.

Sendo tia afrodescendente, minha trajetória não apenas molda o cotidiano daqueles que chamo de sobrinhos, mas também desempenha um papel crucial na desconstrução de estereótipos arraigados e na promoção da diversidade. Ao fornecer suporte prático e emocional, eu me torno não apenas uma figura de cuidado, mas também uma agente de transformação em suas vidas.

No âmbito da preservação cultural, minha atuação como tia afrodescendente torna-se um veículo para transmitir a riqueza de nossa herança. Desde a celebração de festividades tradicionais até a partilha de histórias familiares, contribuo para a construção de uma identidade que honra nossas raízes africanas. Essa dimensão cultural não somente enriquece a experiência de meus sobrinhos, mas também os equipa com uma compreensão mais profunda de quem são e de sua relevância na teia da sociedade.

Além disso, meu papel de tia afrodescendente é inseparável da luta contínua por

equidade. Na busca por proporcionar oportunidades iguais, enfrento os desafios impostos por estruturas desiguais, ao mesmo tempo em que encorajo meus sobrinhos a se tornarem agentes de mudança. A consciência social e o compromisso com a justiça são sementes que planto, visando a um futuro em que a igualdade de oportunidades não seja uma aspiração, mas uma realidade.

Ao refletir sobre meu papel de tia afrodescendente, reconheço que ele transcende o âmbito familiar, ecoando em esferas mais amplas da sociedade. É uma jornada de empoderamento mútuo, no qual tanto eu quanto meus sobrinhos crescemos, aprendemos e, juntos, contribuímos para a construção de um legado duradouro que desafia preconceitos e promove uma visão de mundo mais inclusiva e justa.

Ao desempenhar esse papel social, recorro às palavras inspiradoras de Maya Angelou: "Não fazemos apenas história. Somos história." Nesse contexto, minha jornada como cuidadora vai além do mero cuidado, tornando-se uma narrativa que contribui para a construção de uma herança viva e resistente. Ao trazer a luz das experiências diárias, incorporo a visão de Bell hooks, que afirmou: "A casa é onde os corações são despertados e a consciência é moldada". Assim, minha presença como tia não é apenas física; é um farol que orienta meus sobrinhos a entenderem quem são em um mundo que, muitas vezes, tenta silenciar suas vozes.

Ao preservar e transmitir nossa cultura, lembro-me das palavras de Toni Morrison (1987, p. 41): "Você é sua melhor coisa". Ao celebrar nossa negritude e compartilhar as tradições que nos conectam às nossas raízes africanas, estou capacitando meus sobrinhos a se enxergarem como agentes de mudança e líderes de amanhã. A dimensão cultural de meu papel é, portanto, uma afirmação constante de nossa riqueza e dignidade como afrodescendentes. Também utilizo as narrativas orais que aqui se materializaram em palavras, como apontado por Farias (2023):

*Deste modo, na tentativa de se mostrarem equânimes em matéria de humanidade, muitos autores africanos beberam da fonte original da sabedoria ancestral, trazendo à luz – e à letra – o conhecimento ancorado na tradição oral, repositório de dizeres e saberes que guarda(va) toda a riqueza histórica e cultural de seus povos (FARIAS, 2023, p. 45).*

E é na esteira da busca pela equidade que reflito sobre as palavras de Angela Davis: "A luta pela igualdade deve ser travada e conquistada em cada coração" (DAVIS, 2011/2016). Como tia, minha missão é equipar meus sobrinhos com as ferramentas intelectuais e

emocionais para desafiar ativamente a discriminação sistêmica. Inspiro-me na ideia de Paulo Freire, de que a educação é um ato de liberdade, que capacita os sujeitos a se tornarem agentes conscientes de transformação em suas comunidades (FREIRE, 1987). E parafraseando Ramos (2017, p. 27), “por isso digo sempre aos meninos e meninas que têm origem parecida com a minha: não há vida com limite preestabelecido. Seu lugar é aquele em que você sonhar estar” (RAMOS, 2017, p. 27).

Em última análise, como tia afrodescendente, sigo o chamado de Alice Walker (1983, p. 28): "A maneira mais comum de as pessoas desistirem do seu poder é acharem que não têm nenhum". Assim reconheço que meu papel é não apenas o de nutrir, mas também o de instigar a autenticidade e a autoconfiança em meus sobrinhos, capacitando-os a reivindicarem seus lugares no tecido social como indivíduos valiosos e dignos. Essa jornada transcende o pessoal; é uma narrativa coletiva que, nas palavras de Paulo Freire, se torna "um ato de resistência necessário" (FREIRE, 1987/1981).

Por fim, buscou-se a dialogicidade com os diversos autores e autoras os quais permitiram inferir que os membros das famílias se envolvem pessoalmente, vivenciando a realização do desenvolvimento dos seus filhos e sobrinhos, atualizando e reatualizando as práticas ancestrais de origem africana. Pelo presente estudo, foi perceptível a inferência de que a inserção produtiva do conjunto dos membros familiares não pode ser separada dos papéis sociais que estes membros desempenham, ou seja, o trabalho da tia, centralizadora nessa família, está intimamente entrelaçado. Desse modo a tia somente pode se constituir nessa relação, enquanto ser dotado de poder econômico e psicossocial.

Embora esta etapa esteja sendo concluída, os estudos em torno dos temas aqui debatidos não se encerram. Eu mesma sei que ainda tenho muito a aprender e continuo sedenta por mais leituras, mais aprendizados, mais conhecimentos, mais experiências em torno dos assuntos aqui abordados e espero ter instigado outras pessoas a fazerem o mesmo. No entanto, afirmo que se trata de uma obra inconclusiva, pois temos muito ainda que falar dessa figura familiar muito presente na sociedade brasileira, mas pouco relatada na academia: a tia, bem como mais especificamente a tia negra numa família afrodescendente baiana. E como lacuna para pesquisas futuras aponto a inexistência de estudos sobre o papel do/a tio/tia em outros contextos familiares, como, por exemplo, na família homoafetiva, na família monoparental, na família adotiva, entre outros.

E tendo como base a força da educação, a resiliência como alicerce e o empoderamento como guia, a história da tia afrodescendente se entrelaça com o tecido da família extensa, construindo pontes para um futuro enraizado na sabedoria, no amor e na

superação. Sua jornada é um testemunho inspirador, destacando a importância vital dessa figura na formação e transformação de gerações. Que essa narrativa seja um eco de empoderamento, uma trilha educativa e um exemplo vivo de resiliência para todos que buscam construir um legado de prosperidade e equidade.

## REFERÊNCIAS

- ABDALLAH, Ariane. Brasileiras solteiras e sem filhos investem em luxo infantil. **Época Negócios**, 03 out. 2013. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Visao/noticia/2013/10/brasileiras-olteiras-e-sem-filhos-investem-em-luxo-infantil.html>>. Acesso em: 24 set. 2018.
- ALMEIDA, Dergue. Autoetnografia como estratégia decolonizadora de ensino sobre o cotidiano em Terapia Ocupacional. **Revista Espaço Aberto**, Interface v. 24, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/zWm4PdQGB4pzCNwdzPp3ymK>>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Polen, 2019.
- AMORIM, Francismare O. de. **Filho (é) da mãe?** famílias monoparentais femininas no contexto de uma escola pública de Salvador-BA. Dissertação de Mestrado - Universidade Católica do Salvador - UCSal, Salvador, 2021, 192f.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Os dias lindos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- AZEVEDO, Érika Sabrina Felix. **Neoescravismo**: uma análise da condição degradante de trabalho no Brasil rural. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2018.
- AZEVEDO, Leticia Santos. **As possibilidades de interface entre Educação do Campo e Educação Ambiental**: uma análise documental e as concepções das professoras de uma escola do campo. Dissertação de Mestrado- Programa em Programa de Pós-Graduação Educação Científica e Formação de Professores, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017.
- BARBOSA, Vanessa Santos; RABELO, Dóris Firmino; FERNANDES-ELÓI, Juliana. Indicadores de Saúde Mental e do clima familiar de idosas negras matriarcas. **Revista de Psicologia da IMED**, v.12, n.,p. 94-107, 2020.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia. São Paulo: Ateliê, 2003.
- BERSANI, H. Racismo estrutural e o direito à educação. **Revista Educação em Perspectiva**, v. 8, n.3, p. 380-397, 2017.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Brasília: Senado Federal; Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf?sequence=1?concurso=CFS%20%202018](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf?sequence=1?concurso=CFS%20%202018)>. Acesso em: 05 jun.2023.

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010.** Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 jul. 2010. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm)> Acesso em: 29 nov. 2023.

BUECHNER, Frederick. **The Sacred Journey.** EUA: Chatto & Windus, 1982. 128p.

CAMPOS, Ricardo. Imagem e tecnologias visuais em Pesquisa Social: tendências e desafios. **Revista Análise Social**, v. 49, p. 237-259, 2011. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1317831186G5cUQ8iz4Gt87CI9.pdf>> Acesso em 10 nov. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida.** São Paulo: Letramento, 2019.

CARVALHO, Ana Maria Almeida et al. Rede de cuidadores envolvidos no cuidado cotidiano de crianças pequenas. In: CASTRO, Mary Castro, CARVALHO, Ana Maria Almeida; MOREIRA, Lúcia Vez de Campos (orgs.). **Dinâmica familiar do cuidado: Afetos, imaginários e envolvimento dos pais na atenção aos filhos.** Salvador: EDUFBA, 2012. p. 63-110.

CARVALHO, Ana Maria Almeida; BUSSAB, Vera Silvia Raab; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Família e cuidado parental no ser humano: um olhar biopsicossocial. In: ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos de; RABINOVICH, Elaine Pedreira; PETRINI, Giancarlo. **Família, natureza e cultura: cenários de uma transição.** Salvador: EDUFBA, 2013. p. 77-125.

CARVALHO, Ana Maria Almeida et al. Rede de cuidadores envolvidos no cuidado cotidiano de crianças pequenas. In: CARVALHO, Ana Maria Almeida; CASTRO, Mary Castro, MOREIRA, Lúcia Vez de Campos (Orgs.). **Dinâmica familiar do cuidado: Afetos, imaginários e envolvimento dos pais na atenção aos filhos.** Salvador: EDUFBA, 2012. p. 63-110.

CARVALHO, Ana Maria Almeida et al. Vínculos e redes sociais em contextos familiares e institucionais: uma reflexão conceitual. **Revista Psicologia e Estudos**, v. 11, n. 3, p. 589-598, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a14.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

CENCI, Cláudia Mara Boseto; TEIXEIRA, Juliana Fisch; OLIVEIRA, Luiz Ronaldo Freitas de. Lealdades invisíveis: coparticipação da família no ato infracional. *Pensando fam.*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 35-44, jun. 2014. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 11 dez. 2023.

CHANG, H. Autoethnography: raising cultural awareness of self and others. In: WALFORD, G. (Ed.) *Methodological developments in ethnography: studies in educational ethnography.* Oxford, Elsevier, v. 12, p. 207-221, 2008.

CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil: da senzala à Guerra do Paraguai.** São Paulo:

Editora Brasiliense, 1987.

CHOI, Soo Ho. Land is thicker than blood: revisiting “Kinship Paternalism” in a Peasant Village in South Korea. **Journal of Anthropological Research**, n. 56, p. 349-363, 2000.

COLLINS, Patricia H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e políticas de empoderamento**. Boitempo Editorial, 2019. 480p.

CORNWALL, A. Além do “Empoderamento Light”: empoderamento feminino, desenvolvimento neoliberal e justiça global. Dossiê Desenvolvimento, Poder, Gênero e Feminismo, **Caderno Pagu**, n.52, 2018.

COSTA, Duane Brasil; AZEVEDO, Uly Castro de. Das senzalas às favelas: por onde vivea população negra brasileira. **Revista Socializando**, ano 3, nº1, jul., p. 145-154, 2016. Disponível em: <[https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2016/07/Socializando\\_2016\\_12.pdf](https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2016/07/Socializando_2016_12.pdf)>. Acesso em 10 dez. 2023.

CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, v. 43, n.6, p.1241-1299, 1991.

DAFLON, Verônica Toste. **Tão longe, tão perto: Identidades, discriminação e estereótipos de pretos e pardos no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 12ª reimpressão. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016 [1981].

\_\_\_\_\_. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. **Portal Geledés**, [S. l.], 12 set. 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/asmulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>>. Acesso em: 14 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo. In: **Dia da mulher negra latino americana e caribenha**, 2017, Salvador. [s. n., S. l.]. (Conferência). Transcrição de Naruna Costa e notas de Juliana Borges. Disponível em <<https://cebi.org.br/direitos-humanos/construindo-ofuturo-da-luta-contrao-racismo-angela-davis/>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

\_\_\_\_\_. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS-SOWERS, Regina Louise. It Just Kind of Like Falls in Your Hands: Factors that Influence Black Aunts’ Decisions to Parent Their Nieces and Nephews. **Journal of Black Studies**, v. 43, n. 3, p. 231-50, abr. 2012. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0021934711415243?journalCode=jbsa>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. Regina Louise. **Salvaging Children & Lives: Understanding the Experiences of Black Aunts Who Serve as Kinship Care Providers within Black Families**. 2006. Dissertação de Mestrado em Sociologia –University of Georgia - USA, 2006. Disponível em:

<[https://scholarworks.gsu.edu/sociology\\_diss/29](https://scholarworks.gsu.edu/sociology_diss/29)>. Acesso em 03 jun. 2023.

DICIO.COM.BR. (s.d.). **Significado de Ensimesmados**. Recuperado de <<https://www.dicio.com.br/ensimesmados/>>. em 17 de novembro de 2023.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI: Abordagem relacional**. São Paulo: Paulinas, 2008.

DUARTE, Constanca L.; NUNES, Isabella R. (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constanca L.; NUNES, Isabella R. (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poema de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malé, 2017.

\_\_\_\_\_. **Olhos D'Água**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

\_\_\_\_\_. **Becos da Memória**. Florianópolis: Edidora Mulheres, 2013.

\_\_\_\_\_. **Ponciá Vicêncio**. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

ELLIS, Carolyn. The ethnographic. In: **A methodological novel about autoethnography**. Walnut Currek (USA): Altamira Press, 2004.

FABRINI, J. E. O coletivo familiar camponês. In: The peasant family. **Revista Nera**, v.26, n.66, 2023.

FANON, F. (1952). **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira . Salvador: EDUFBA, 2008. 194p.

\_\_\_\_\_. **Les damnés de la terre**. Paris: Éditions Gallimard, 1961.

FARIAS, Rodolfo Moraes. **Da mulher vazia à mãe possível: as agonias da maternidade e a erosão feminina em Buchi Emecheta e Ayobami Adebayo**. Tese de Doutorado- Programa de Pós-Graduação em Letras-Universidade Federal da Paraíba. 2023, 302fls.

FERNANDES, Maíra Clara F. et.al. A Mulher Negra na Sociedade brasileira: uma revisão bibliográfica. In: **IV Seminário Nacional: Serviço Social, Trabalho e Política Social – SENASS Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis – 04 a 06 de julho de 2022**.

FIUZA, Augusto. **O trabalho escravo na freguesia suburbana de Nossa Senhora do Ó de Paripe – Bahia, 1849 a 1879**. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

FORTES, Meyer. Kinship and Marriage among the Ashanti. In: RADCLIFFE-RADCLIFFE-BROWN A; FORDE, Daryll. **African Systems of Kinship and Marriage**. New York: Oxford University Press, 1956. p. 252-284.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 157p.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Formação da família brasileira para a liberdade e outros escritos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 141p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEORGAS, James *et al.* **Families Across Cultures: a 30-Nation Psychological Study**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GODELIER, Maurice. **O enigma do dom**. Editora Record, 2001.

GOUVEIA, Valdiney V. et al. Dimensões normativas do individualismo e coletivismo: é suficiente a dicotomia pessoal vs. social? **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, p. 223-234, 2003.

GOUVEIA, Valdiney V.; CLEMENTE, Miguel. O individualismo-coletivismo no Brasil e na Espanha: correlatos sócio-demográficos. **Revista Estudos de Psicologia** (Natal), v. 5, p. 317-346, 2000.

GOMES, N. L. Educação e identidade negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 9, p. 38-47, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.17851/2317>> &gt;. Acesso em 05 out 2023.

GOMES, Marcos Aurélio A. de Filgueiras. Escravidão e cidade: notas sobre a ocupação da periferia de Salvador no século XIX. **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, v. 3, set. 1990. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3102/2220>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984. p. 223-244.

\_\_\_\_\_. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel (Org.) **Olugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 87-104.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.

HALL, Stuart **Da Diáspora: identidade e mediações**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p.27.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Tradução Thomas T. da SILVA e Guaracira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffer. 2ª ed. São Paulo: Vértice, 1990.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo B. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Communion**: The female search for love. New York: William Morrow & Co, 2002.

INGOLD, Tim. **Antropologia**: para que serve. Tradução Beatriz Silveira. Petrópolis: Vozes, 2019.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Estatísticas de Gênero** - Indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/multidominio/genero/20163-statisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 07 março 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Mensal de Emprego** - PME. Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas, 2012. Disponível em: <[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/Mulher\\_Mercado\\_Trabalho\\_Perg\\_Resp\\_2012.pdf](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf)>. Acesso em: 03 nov. 2017.

JONES, S. H; et al. **Handbook of Autoethnography** Left Coast Press, Walnut Creek, 2013. (Coleção Queer).

KESSING, Roger. **Kin groups and social structure**. New York: Holt Rinehart and Winston, 1975.

KOGA, Dirce. **Medidas de cidades**. Entre territórios de vida e territórios vividos. 2. ed. São Paulo: Cortez Ed., 2011.

KUCINSKI, Bernardo. K. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais – LADEM. **Debates sobre a maternidade**. 2014. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ladem/2014/12/15/debates-sobre-a-maternidade/>>. Acesso em: 09 set. 2017.

LEITE, Maria Cecília Moraes; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Resiliência: uma discussão introdutória. **Journal of Human Growth and Development**, v. 6, n. 1-2, p. x. Disponível em: <<https://doi.org/10.7322/jhgl.38369>>. Acesso em 10 out. 2023.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. São Paulo: Editora Ática, 1975.

LONGO, Flávia Vitor; VIEIRA, Joice Melo. Educação de mãe para filho: fatores associados à mobilidade educacional no Brasil. **Revista Educação e Sociologia**, Campinas, v. 38, n. 141, p. 1051-1071, out.-dez. 2017.

LUHRMANN, Baz. (Diretor). **Moulin Rouge**. 20th Century Fox, 2001.

MAHFOUD, Miguel. **Quem sou eu?** Um tema para a Psicologia. Belo Horizonte: Artesã, 2017.

MARÉCHAL Cindy; SCALI Thérèse. Le rôle des oncles et des tantes auprès des familles não les pais ont présenté des épisodes de negligence. Une étude de cas cliniques, **Revue internationale de l'éducation familiale**, n° 46, p. 147-166, 2019. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-la-revue-internationale-de-l-education-familiale-2019-2-page-147.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

MARTINS, M. Resiliência familiar: revisão teórica, conceitos emergenciais e principais desafios. **Cadernos do GREI**, v. 10, p. 03-23, 2014.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAY, Vanessa; LAHAD, Kinneret. The involved observer: an analysis of the boundary work of aunthood. **Journal of Sociology**, jan. 2018. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0038038517746051>>. Acesso em: 03 jul. 2023.

MORAIS, Isabela et al. Mulheres Negras no Turismo: desafios enfrentados pelas integrantes do Coletivo Bitonga Travel. **Revista Turismo e Sociedade**, n. 17, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbtur/a/mq8N8DXtLCsxXLYPBqB9ydM/?lang=pt#>>. Acesso em: 21 nov 2023.

MORRISON, Toni. **Beloved**. Nova York: Alfred A. Knopf, 1987.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Cem anos a mais de bibliografia sobre o negro no Brasil**. Obra revisada. Corrigida e ampliada. São Paulo: Universidade de São Paulo/ Centro de Estudos Africanos, 2002. Disponível em <<http://www2.unifap.br/neab/files/2016/03/100-ANOS-DE-BIBLIOGRAFIA-SOBRE-O-NEGRO.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2023.

NAGY, Ivan Boszormenyi; SPARK, Geraldine M. **Lealdades invisibles**: Reciprocidad en terapia de familia intergeneracional. 2. Ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2017.

NASCIMENTO, Beatriz. Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso. In: RATTTS, Alex. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2006b [1990]. p. 109-116.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

NITSCH, Aïda; FAURIE, Charlotte; LUMMAA, Virpi. Alloparenting in humans: fitness consequences of aunts and uncles on survival in historical Finland, **Journal of Behavioral Ecology**, v. 25, edição 2, p. 424-433, mar. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/beheco/art126>>. Acesso em: 12 nov. 2022.

NORA, Pierre. **Memória, história, testemunho**. São Paulo: Editora da UNESP, 1984. \_\_\_\_\_ . Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara A. Khoury. **Revista Professor de História**, São Paulo, n. 10, dez. p. 7-28, 1993.

NUNES, Isabella R. Sobre o que nos move, sobre a vida. In: DUARTE, Constança L.;

NUNES, Isabella R. (Orgs.). **Escrevivência**: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

OLIVEIRA, Michelle Dos Santos; SILVA, Juliano Rezende Mudadu. Desafios no coletivismo do campo: Uma abordagem de Vivência no Assentamento Volta Terra em Cruz das Almas, Bahia. **Cadernos de Agroecologia** - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe, v. 15, n. 2, 2020.

PELIAS, R. J. **A Methodology of the Heart**: Evoking Academic and Daily Life. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2004.

PIRES, Eloiza Gurgel. O legado de Lélia Gonzalez. **Revista Imagens & Palavras**, Educação e Sociologia, n. 43, 2022 . Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/K6hJsSgDBDcsPVY76XN7B9N/#>> Acesso em 21 de nov. 2023.

POLLAK, Michael. Memórias, esquecimento, silêncio. Tradução Dora Rocha Flaksman.. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)> . acesso em: 25 set. 2022.

PORTAL DO SERTÃO. Coração de Maria, BA. **Portal do Sertão**. Disponível em: <&gt; Portaldosertao.ba.gov.br&gt;.; Acesso em: 20 out. 2022.

PRESTES, Clélia. **Feridas até o coração, erguem-se as negras guerreiras**. Resiliência em mulheres negras: transmissão psíquica e pertencimento. Dissertação de Mestrado - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <&lt;[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-31012014-091149/publico/prestes\\_corrigeida.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-31012014-091149/publico/prestes_corrigeida.pdf)&gt;>. Acesso em: 05 out. 2023.

QUEIROZ. I. S. ; SANTOS. L. C. Desenvolvimento local a partir da participação comunitária. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 84-96, jan./abr. 2016.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; FRANCO, Anamélia Lins e SILVA; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. Compreensão do significado de família por estudantes universitários baianos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 260-273, 2012.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; FRANCO, Anamélia Lins e SILVA. Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 139-149, 2012.

RABINOVICH, Elaine P. e BASTOS, Ana Cecília B. de S. Famílias e projetos sociais: analisando essa relação no caso de um quilombo em São Paulo. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 3-11, jan./abr. 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pe/a/c9XVJHNDQvNyqkFk8bTrsCn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 07 dez. 2023.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. Modos de morar no Brasil e contexto de desenvolvimento. **Revista Temas Psicológicos**, Ribeirão Preto , v. 6, n. 2, p. 105-115, ago. 1998 .

Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1998000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1998000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 07 dez. 2023.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

REIS, Wanderlene Cardozo F. **Quintais urbanos**: um estudo psicológico da relação família e ambiente. 1. ed. São Paulo: Editora CRV, 2020. (Coleção Vida em Família, Educação e Cuidado, v.10). 144p.

\_\_\_\_\_. **Poético, afetivo e semiótico**: o significado de quintal em narrativas de duas gerações de famílias. Dissertação de Mestrado: Programa em Família, Universidade Católica do Salvador - UCSal, Salvador, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais)

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A Formação e o Sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, C. **O Corpo insubmisso**: Corporeidade, política e gênero na filosofia de Maria Lugones. São Paulo: Editora Elefante, 2018.

ROMANINI Bruna. O papel das tias e tios na vida do bebê. In: **Bebê mamãe**. 2017. Disponível em: <https://bebemamae.com/bebes/o-papel-das-tias-e-tios-na-vida-do-bebe>. Acesso em 03 set. 2020.

ROSAS, Maria Lúcia. **Querido alicerce**: a guarda judicial dos netos como elo de manutenção do vínculo familiar. Dissertação de Mestrado-Universidade Católica do Salvador- UCSal - Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea. Salvador, 2020.

SAMPAIO, David. **É de família! Janela ou tapume para o terapeuta e profissionais da saúde?** Estudo sobre as lealdades, mitos familiares e o contrato psicológico familiar. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, São Paulo, 2022. 107fls. Disponível em: em: <<https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/32243/4/David%20Sampaio.pdf>> Acesso em: 13 nov. 2023.

SANTOS, Maíra Paiva. “Para entender o empoderamento”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e65241, 2020.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Conceituando “Empoderamento” na perspectiva feminista**. Transcrição revisada da comunicação oral apresentada ao I Seminário

Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO’, promovido pelo NEIM/UFBA, em Salvador, Bahia, de 5-10 de junho de 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>> Acesso em: 12 dez. 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: EDUFBA, 2018.

SEGALEN, Martine. **Historical Anthropology of the Family**. New York: Cambridge University Press, 1986.

SEMENSATO, Marcia Rejane e BOSA., Cleonice Alves. Crenças indicativas de resiliência parental no contexto do autismo. **Revista Psicologia, Teoria e Pesquisa**, n. 33, 2017 . Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/VFvqMGdVhhqv5pC7NrXTQqr/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 18 nov. 2023.

SILVA, Maria Madalena Lima. **A contribuição dos tios e tias na vida dos sobrinhos**. Curitiba: CRV, 2022.

\_\_\_\_\_. **Contribuição dos tios/as na vida dos sobrinhos de uma Escola Pública de bairro da periferia de Salvador/BA**. Dissertação de Mestrado - Programa Interdisciplinar em Família Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2020a.

SILVA, Maria Madalena Lima; Rabinovich, E. P. Contribuição dos tios/as na vida dos sobrinhos de uma Escola Pública de bairro da periferia de Salvador, Estado da Bahia, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, 2020b. Disponível em <&gt;: <http://dx.doi.org/10.333448/rsd-v9i10.8771>&gt;. Acesso em: 10 out. 2023.

SILVA, Luciana da Luz. Breve relato histórico da luta por moradia em Salvador: o caso da ocupação Quilombo de Escada. **Revista Antíteses**, v. 1, n. 1, jan.- jun., pp. 118-150, 2018. Disponível em<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>> Acesso em: 18 nov. 2023.

SILVA, Maria A. V. da. **Ciclometanoia: poética de um corpo feminino sobre duas rodas**. Tese de Doutorado, Universidade Católica do Salvador – UCSal, Salvador, 2021. 120p.

SILVA, Cirlene Francisca Sales da. **Relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens da mesma família: caracterização e repercussões**. Tese de Doutorado em Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

SILVA, Sheila dos S. Memorialismo: ficção, história, literatura, revisão teórico-crítica. **Revista Entre Parênteses**, Alfenas, v, 2, n.5, p. 1-20, 2016.

SILVA Adriana dos Reis; PALHARES, Carlos Vinícius T. A construção do espaço em “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto. **Cadernos Espuc**, p.136-144, s/d. Disponível em:

<file:///C:/Users/mathe/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/2438-Texto%20do%20artigo-10109-1-10-20111028.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

SOUZA, Antonio José de et al. Autoetnografias na educação do campo/roça: perspectivas reflexivas e polifônicas. **Revista Macambira**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 1-25. 2021, Disponível em: <<https://revista.lapprudes.net/index.php/RM/article/view/645>> Acesso em: 05 mar. 2022.

SOUZA, Antonio José de. **Tornar-se negro gay**: a história de vida de um homem-professorsituado e “sitiado”. Tese de Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea –Universidade Católica do Salvador - UCSal, Salvador, 2022. 183 f.

\_\_\_\_\_ Ser ou não negro, eis a questão! **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as** (APBPN), v. 10. n.26, p. 220-233, out. 2018. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/647>> . Acesso em 22 nov. 2022.

SOUZA, Antonio José de. Preto no branco, mestiço: ensaio sobre relações raciais, famíliae mestiçagem. In: RABINOVICH, Elaine Pedreira; BASTOS, Ana Cecília de Sousa; CARDOSO, Lorena Márcia Nascimento (Orgs.). **Raízes da família extensa no Brasil**: (re)conexões colaborativas. Coleção Família, (auto)etnografia e poética, v. 3. Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 53-68.

SOUZA, Jessé. **Subcidadania brasileira**: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

SOUZA, Milena F de. **Mulheres lendo mulheres**: construção e contestação de identidades de gênero no contexto do Clube de Leitura Leia Mulheres – Salvador. Tese de Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura-Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2022. 312 fls.

VALENTE, Marcela Iochem e CARNEIRO, Teresa Dias. Literatura afro-brasileira rompendo barreiras através da tradução: algumas considerações sobre a recepção de Ponciá Vicêncio na França. **Revista Trabalho Linguista Aplicada**, v. 56, n. 2 • may-aug., 2017.

VALSINER, Jaan. **Fundamentos da Psicologia Cultural**: Mundos da mente, mundos da vida. Tradução Ana Cecília S. Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

WALL, S. Easier said than done: writing an autoethnography. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 7, n. 1, p. 38-53, 2008.

WALKER, Alice. **Search of Our Mothers' Gardens**: Womanist Prose. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1983.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. Tradução Léa S. Viveiros de Castro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 83-92.

YUNIS, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 8, p. 75-84, 2003.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - ROTEIRO TEMÁTICO DA ENTREVISTA NARRATIVA

**Data da Entrevista:** \_\_\_\_\_

#### **Dados de Identificação**

**Entrevistado (a)** \_\_\_\_\_

**Idade: Naturalidade: Sexo: Cor: Religião: Estado civil: Profissão:**

**Escolaridade:**

#### **Proposição geral:**

A entrevista será iniciada com a seguinte proposição: “Conte-me sobre a história da nossa família”.

Ao longo da narrativa alguns questionamentos poderão ser realizados, a fim de esclarecer de abarcar os pontos do tema desta tese: “O papel da tia na família afrodescendente”. Então poderei perguntar:

-Como você é enquanto tia nessa família?

-Qual é a sua opinião sobre o papel de uma tia em uma família?

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), de uma pesquisa intitulada: **“O papel da tia em uma família inter-racial: incursão autoetnográfica”**, coordenada pela Doutoranda Maria Madalena Lima SILVA sob a orientação da Professora Doutora Elaine Pedreira Rabinovich, professora do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a importância dos tios na vida de uma família afro-descendente e inter-racial. Para coleta de dados/informações, será realizado um encontro presencial em que será conduzida uma entrevista livre sobre o tema da pesquisa com duração variável e em local determinado pela senhora/senhor.

Esta atividade não é obrigatória, e a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer prejuízo a você. Caso concorde, você e seu responsável legal receberão uma cópia deste documento.

Ao decidir participar deste estudo, esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, você poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo;
- As informações fornecidas somente serão usadas para trabalhos científicos e sua identificação será mantida sob sigilo, isto é, não será divulgado seu nome, assegurando-lhe completo anonimato;
- A entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão posteriormente transcritas, assegurando-lhe, no entanto, que as informações só serão utilizadas para este estudo;
- a participação não implica nenhum custo financeiro;

O estudo apresenta alguns benefícios sociais, tais como a ampliação da discussão acerca da participação dos tios na família estendida e sobre a importância da educação em sua trajetórias de vida.

Não haverá *a priori*, nenhum desconforto com as observações e entrevistas narrativas apresentadas, porém caso isto aconteça, uma psicóloga poderá atendê-lo.

Em caso de dúvidas ou necessidade de falar com a pesquisadora, poderá entrar em contato pelos telefones (71) 8870-4935 (OI) ou 32182004(Fixo), de Maria Madalena Lima SILVA, podendo realizar ligações a cobrar, acrescentando os números 9090

antes dos números discados.

Ou pelo endereço: CEP– Universidade Católica do Salvador, Avenida Professor Pinto de Aguiar, 2589, Pituaçu, Salvador, Bahia, na Universidade Católica do Salvador, no prédio C da Pós-Graduação e telefone (71) 99335-8925.

Considerando as observações acima, Eu, \_\_\_\_\_, aceito, voluntariamente, participando Estudo ora apresentado, estando ciente que em qualquer momento poderei desistir de participar da pesquisa, sem que me cause qualquer constrangimento ou problemas.

Local e data

---

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

---